REVISTA DA SEMANA

N.º 4 ★ 26-1-52

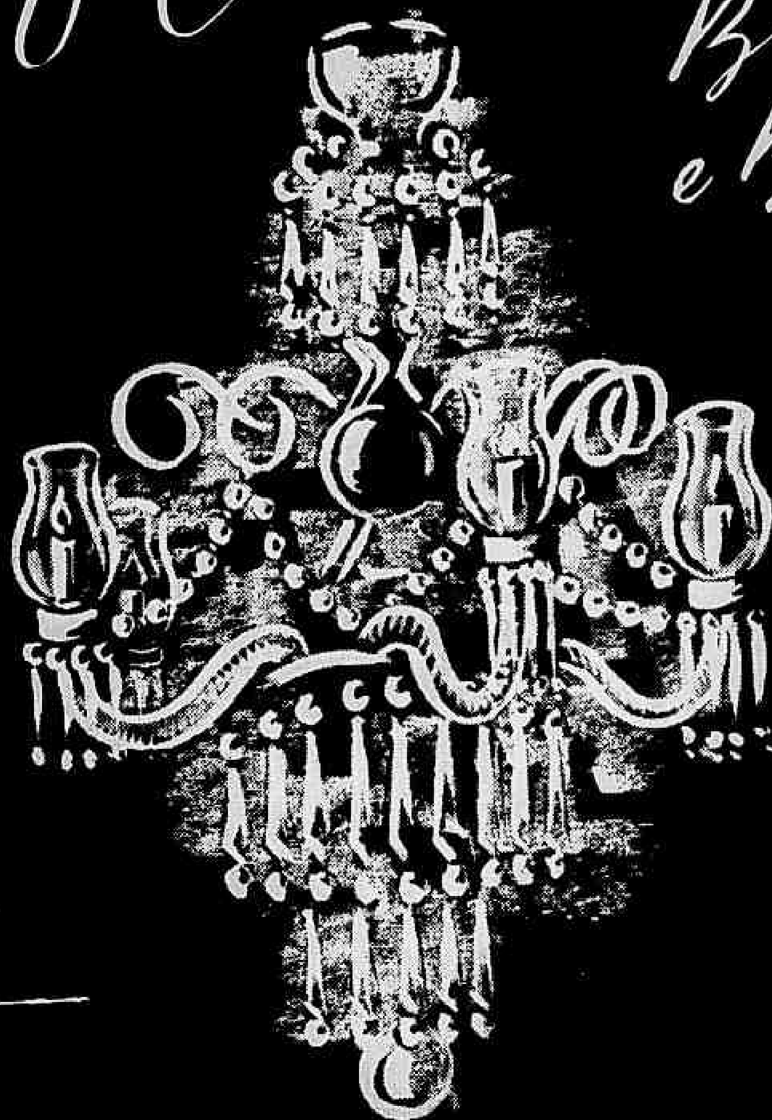
CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL

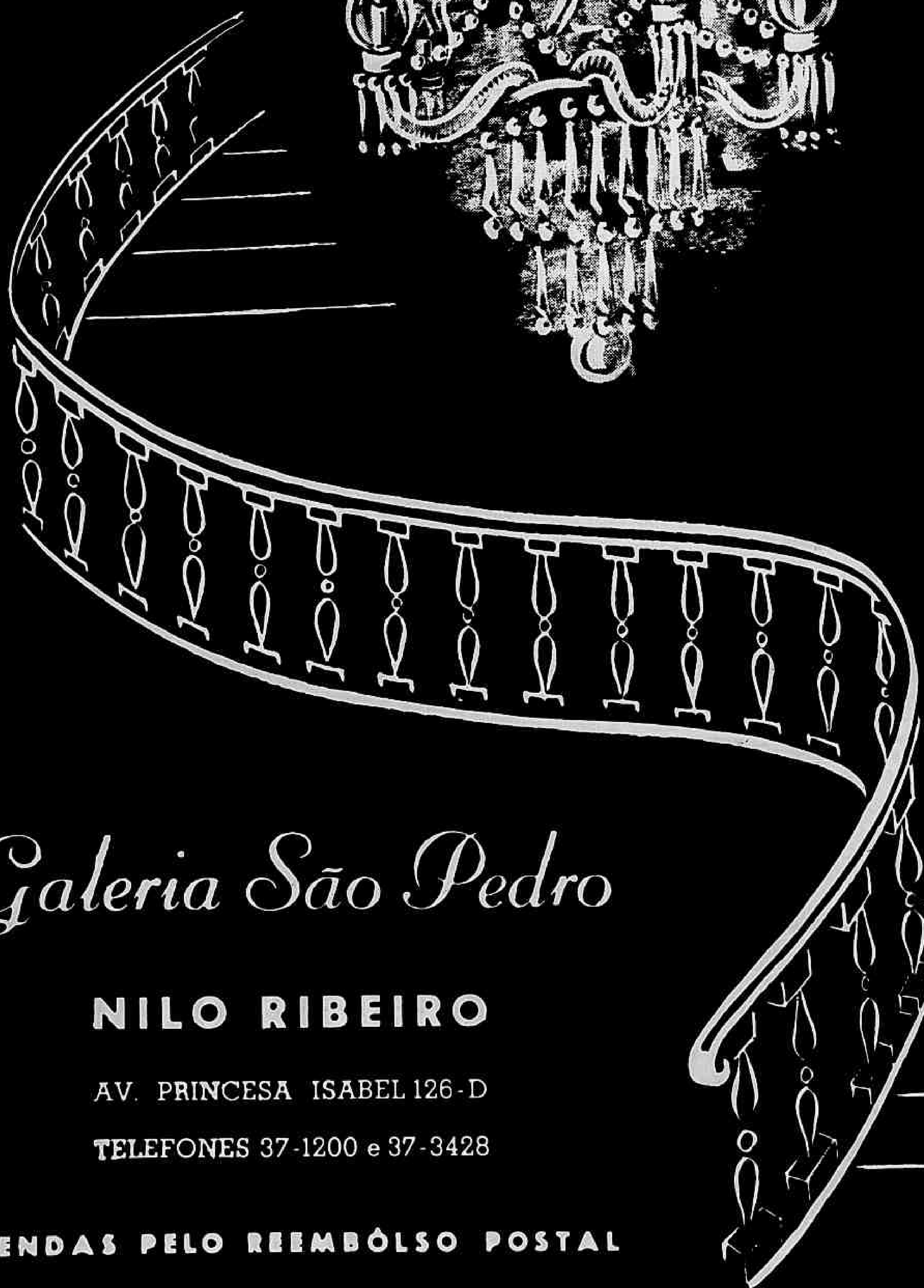


63.144

Lustres

Baccarat e Bohemia







Galeria São Pedro

NILO RIBEIRO

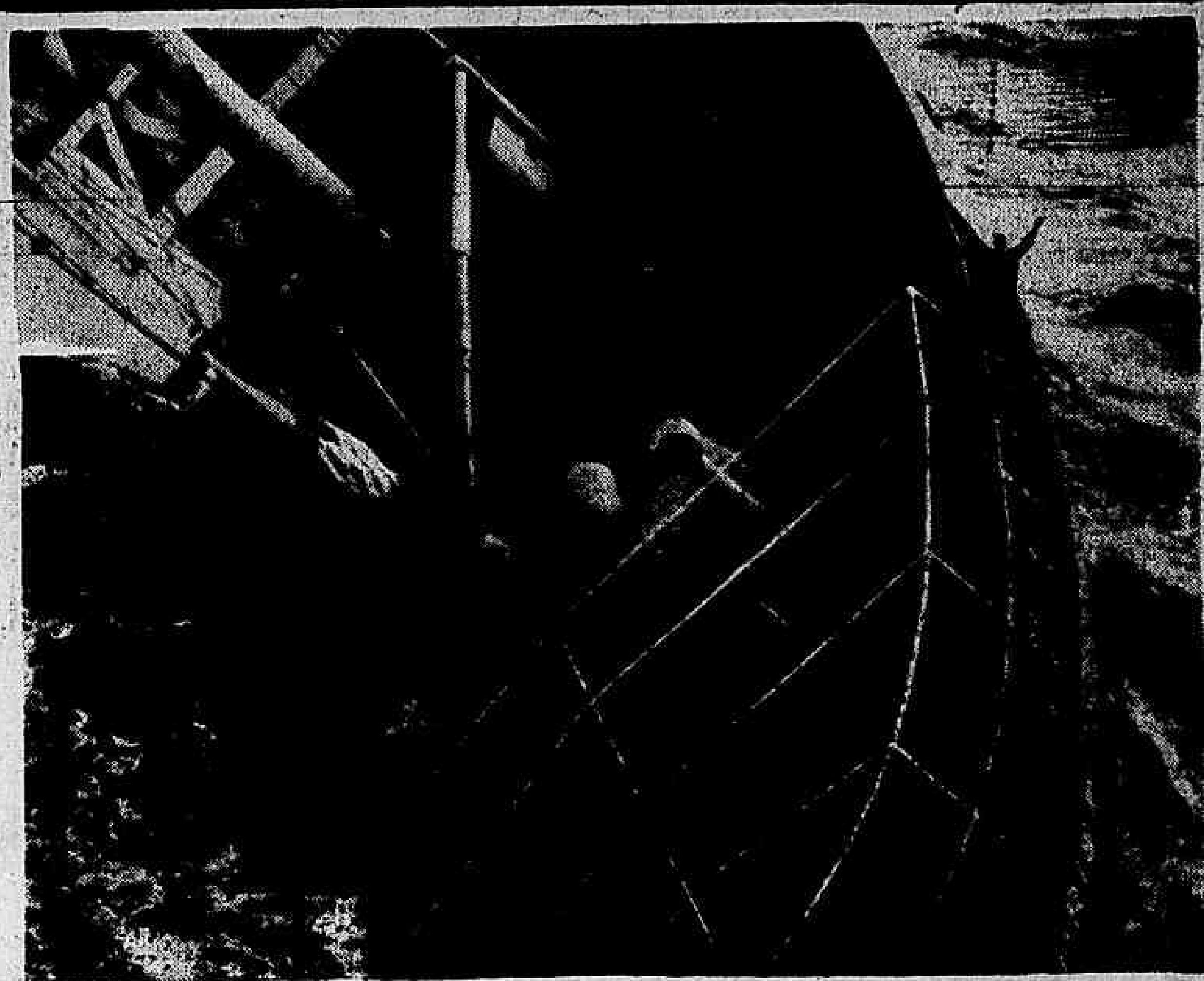
AV. PRINCESA ISABEL 126-D

TELEFONES 37-1200 e 37-3428

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL

Um comandante no seu pôsto





O «Flying Enterprise» quando enfrentava a violência do temporal e (em baixo) quando havia esperanças de seu salvamento por estar sendo rebocado. Na segunda foto vêem-se o capitão Henryk Kurt Carlsen e Kenneth Dancy, contra-mestre do rebocador «Turmoil», acenando de bórdo do barco em perigo para o avião que transportava o fotógrafo.

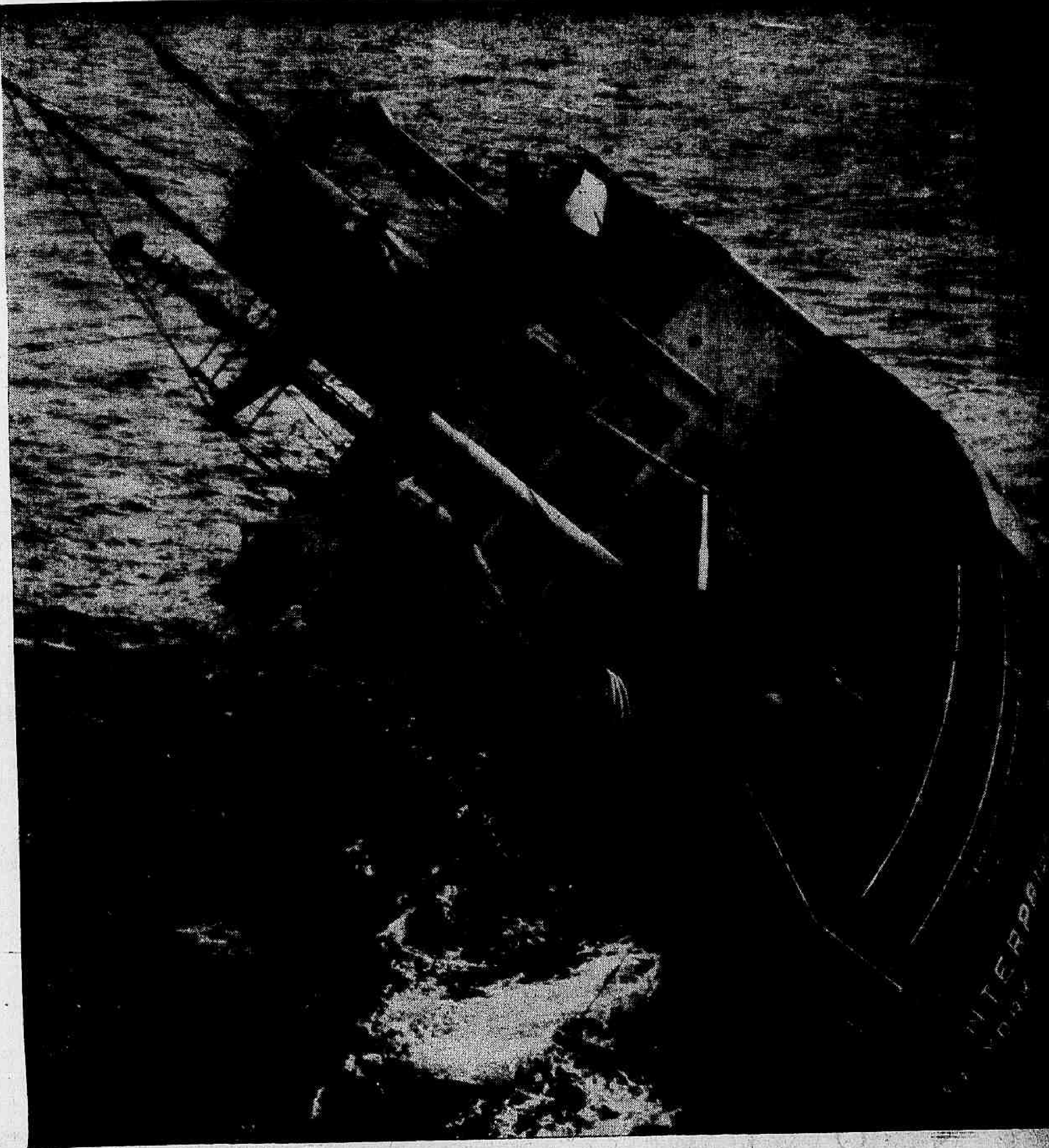
A ODISSÉIA DO "FLYING ENTERPRISE" E A NOÇÃO DO CUMPRIMENTO DO DEVER DO CAPITÃO HENRYK KURT CARLSEN ★ HERÓI ANTES, DURANTE E DEPOIS DO NAUFRÁGIO ★ REJEITOU AS MELHORES PROPOSTAS, QUE LHE DARIAM FORTUNA, PARA EXPLORAÇÃO DO SENSACIONAL ACIDENTE NO CINEMA, NA TELEVISÃO E NA LITERATURA



Um dos últimos flagrantes do cargueiro americano, batido na manhã de 8 do corrente, poucas horas antes de ter submergido. A fúria das águas invadia grande parte do tombadilho.

TRÊS vêzes herói foi — e continua sendo — o capitão Kurt Carlsen, comandante do cargueiro americano "Flying Enterprise" que às 16 horas e 10 minutos do dia 10 do corrente naufragou na Europa. Herói quando ao ser acossado o seu barco por uma forte tempestade, ordenou que todos os tripulantes e passageiros fôssem postos a salvo, transferindo-se para outras embarcações, ficando êle, sòzinho, a bordo, até quando o imediato Dancy, do rebocador "Turmoil", arranjou modos de lhe fazer companhia, embora expondo a própria vida. Herói quando resistiu a todos os insistentes convites das autoridades competentes para se pôr a salvo, uma vez que o cargueiro estava irremediàvelmente perdido e flutuando deitado, quase horizontalmente, sôbre um dos costados. Durante quatro dias e outras tantas noites o bravo comandante e o imediato viveram no "Flying Enterprise" comunicando-se com o mundo pelo rádio de bordo e sujeitos a soçobrar quando o cargueiro fôsse para o fundo sem lhes dar tempo de se salvarem. Finalmente, heroismo
é o dêsse lobo do mar quando, depois de salvo
jeitou as propostas que lhe foram feitas para g
dinheiro na televisão, no rádio e até no c
Orson Welles foi o primeiro a telegrafar ao c
dante Carlsen, propondo-lhe, mediante vultosa
tia, a compra exclusiva dos direitos de film
dêsse sensacional drama do mar. Bom dinheiro
bém lhe ofereceram para aparecer em programa
televisão, relatando as peripécias daqueles dias
quecíveis, e também os direitos dêsse relato
uma grande novela de radiofônica lhe foram o
dos. A tudo o marinheiro resistiu, limitando-se a

De bordo do «Flying Enterprise», o capitão Carlsen acena com uma pequena bandeira para os tripulantes do avião que transporta o fotógrafo. Então, ainda esperava salvar o barco.





dir desculpas aos seus superiores por não ter conseguido salvar o navio. Talvez que essa última resistência, as negativas formais em face de tão boas oportunidades para ganhar dinheiro, representem o seu maior heroismo.

Quanto à permanência do capitão no cargueiro, até se dissiparem as últimas esperanças de salvamento, embora valendo por um ato heróico é, antes de tudo, um atestado de formal disciplina e senso de responsabilidade. Se porventura o capitão Carlsen abandonasse o navio e êste fôsse arrebatado por outra qualquer embarcação, aos donos dessa embarcação pertenceriam os direitos, daí em diante, de propriedade do "Flying Enterprise".

Por isso, êle só acedeu em jogar-se às águas, acompanhado do imediato Dancy, resignando-se a deixar o casco adernado, quando tudo estava irremediàvelmente perdido. A agonia do cargueiro deu-se a 41 milhas e meia de Falmouth. Exatamente quarenta minutos a partir do momento em que os dois homens jogaram-se às águas, dava-se o naufrágio. Um instante depois de terem ambos saltado, do alto da chaminé o casco começava a submergir e as enormes vagas não tardavam a levá-lo para o fundo. Durante algum tempo um têrço do casco ainda apareceu à flor das águas, enquanto o carregamento

(Cont. na pág. 50)

O rebocador «Turmoil» lança um cabo de socôrro ao cargueiro americano e por algum tempo acreditou-se que êle seria conduzido a pôrto de salvamento. Depois o cabo partiu-se.

FAÇA de CONTA

(Marcha de ROBERTO MARTINS e
ARI MONTEIRO)

Faça de conta que você é minha
Faça de conta que eu também sou seu,
Faça de conta que n'uma igrejinha
O padre espera por você e eu.

Faça de conta que você me adora,
Faça de conta que vamos casar,
Faça de conta que chegou a hora
De conjugar o verbo amar.

Não, não diga que não!
Eu quero, eu quero o seu amor.
Amor faz bem ao coração
Dá fôrça, saúde e vigor.







ANO L

É es... in... oração... anta co... a cá e t... se assu... ndo-se... rassem... Acha-... ócios e... eitos so... alavra,... trás. H...
— E'... ente u...
— E' p... azote n...
— E'... lgum t... Lealda... até o...

ANO LI ★ N.º 4 REVISTA DA SEMANA 26-1-52



S. FRANCISCO DE ASSIS

Que Deus abençoe nossa mãe, a Terra, que nos dá o pão, as frutas, as flores e os alimentos. (Xilogravura de Schrimpf)

PÃO NOSSO

É estranho que tenham conservado, intacta, até hoje, apenas traduzida, oração daqueles velhos tempos de Cristo. anta coisa se transformou de uns anos pa- cá e tão brutalmente, que a gente chega se assustar e leva as mãos à cabeça, sen- ndo-se estonteada, como se o céu e a terra rassem em confusão.

Acha-se graça, agora, de quando os ne- ócios e os contratos de casamento eram itos sob palavra. Estando empenhada a lavra, dificilmente ou nunca se voltaria trás. Hoje... "Palavra empenhada"?

— E' um têrmo arcaico, — diria sèria- ente uma professôra de português.

— E' passadismo, — argumentaria um ra- zote modernista:

— E' rematada loucura! — Diria, rindo, gum importante homem de negócios.

Lealdade, sinceridade, honra, franqueza até o próprio amor foram-se com o tempo. E tudo tomou o rótulo de "insensatez", "bobagem", "loucura" e "pieguice".

Foi-se o tempo em que se confiava até mesmo em desconhecidos. Agora todos parecemos aves de rapina vigiando nossa carniça e a do urubu mais perto, porque, se fôr possível, até essa nós abocanharemos.

Onde estão o despreendimento e a piedade, a caridade, a fé, a franqueza e a confiança? Onde estão os amigos? Que é feito das criaturas que, depois do jantar, reuniam-se em tôrno da mesa e conversavam despreocupadas, tornando tão grande e tão jovial a nossa família?

Em que se transformaram as sociedades e os costumes? Em que cáos estão caindo os estudos, as artes, a cultura? Os livros mofam nas estantes. As editôras estão quebrando fragorosamente. E os homens preferem comentar espécies de vinho e de mulheres, já que êles sentem um certo pudor em comentar obras de pêso. E' quase vergonhoso dizer-se literato. E' quase imprudência, entre os homens de hoje, falar-se em estudos. Estudo é a linguagem, a matemática e qualquer coisa da América do Norte. Para que mais? Homem, bem homem, é o que joga, bebe, fuma, briga nos cafés e tem aventuras picantes. Estudo? Para que?

Tudo o que era bom, nos velhos tempos, não existe hoje ou é vergonhoso ou está tão deturpado que se tornou irreconhecível.

Só mesmo pondo as mãos no rosto e pedindo, para que o Criador dêste mundo apressado e doido, com as mansas, velhas palavras de outrora: — O pão nosso de cada dia nos dai hoje — porque o suor do trabalho já não chega para garantir-nos o pão.

THEREZA DE ALMEIDA

Sumário

REPORTAGENS

Um comandante no seu pôsto 3/5
Tudo menos política (Nahum Sirotzky) .. 13/17
A maior prova pedestre (Domingos de Lucca Júnior) 19/21
Deuses do candomblé (Nilo Vellozo) 27/33
Santos pagava para jogar (Levy Kleiman) . 52/55

LITERATURA

Pão Nosso (Therezinha de Almeida) 7
A Senhora Deputada (Wenceslau Rosa) .. 26
Amai-vos uns aos outros (Edgar de Souza Machado) 34/35
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Templey Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 8/9
Personagem da Semana 9
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 39
Puxe pelo cérebro 56
Palavras Cruzadas .... 5?
Tudo isto aconteceu 56/57
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Um verdadeiro amor 35

FEMININAS

Carnaval (Ramon) 36/37
Em branco 40/41
Guarda-roupa de férias 42/43
Week-End na Cozinha 45

CINEMA

Areias Ardentes (Cine-Novela) 46/47

HUMORISMO

Faça de Conta (Théo) 6
Êste mundo e o outro (Darcy) 18

CURIOSIDADE

Pequena história do box (Dudley Lister) .. 10/11

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Ribeiro — Rafael — Ramon — Gipson de Freitas.

FOTOS

Keystone — José Santos — Dario Terini — Nilo Vellozo — Arquivo — Avulsas.



NA CAPA:

Donna Red
(Foto Columbia)

A Semana E

A 3ª. guerra mundial



DIARIAMENTE trazem os jornais as mais vibrantes "manchettes" sôbre o perigo da terceira guerra mundial. Dias há em que há afirmativas otimistas em favor da paz; outros, em que os prognósticos são sombrios e aterradores. Mas, — pergunta-se — por onde se iniciará a terceira conflagração da humanidade? Pelos Balcãs? Pela Coréia? Pela Birmânia? Pelo Tibet? Pelo Viet-Nam? Pelo Egito? No Canal de Suez? No Irã? Só há palpites. Entretanto, em começos de janeiro dêste ano explosivo de 1952, uma notícia nos veio lá de Teerã, que causou aflições aos mais sensíveis. O Sr. Hossein Makki, porta-voz da "Frente Nacional", e que acabava de regressar de Abadã, declarou aos jornais que o govêrno persa dera ordens aos diretores da "Companhia Petrolífera Nacional Iraniana" para comprar navios de guerra, a fim de proteger Abadã e os navios-tanques iranianos e estrangeiros que sairem do litoral persa com carregamentos de petróleo. Disse o Sr. Makki que essa medida de precaução é motivada pela decisão da Grã-Bretanha de impedir a exportação de petróleo do Irã. E ... verou com a maior firmeza: "Se um navio inimigo disparar um só tiro ... gôlfo persa, terá início a Terceira Guerra Mundial". E terminou: "Estamos dispostos a defender nossa soberania até à morte". Eis, leitor amigo, ... um ponto nevrálgico para a eclosão da hecatombe. Não hecatombe dos ... bois, conforme a etimologia; mas hecatombe de cem nações, com cem milhões de pessoas na carnificina indescritível. Que Alá, Jeová, Jesus Cristo, Júpiter, Zeus, o Pai Eterno se reúnam lá nas alturas e modifiquem a loucura humana.

Crise no cinema



TALVEZ o título não seja mesmo ... Não há crise no cinema nacional, ... sim no grêmio de exibidores. O motivo é êste: a nova lei obriga a programar ... cada casa dêsse gênero um filme nacional para cada dez estrangeiros. A idéia foi boa: a de proteger o produtor brasileiro. Mas, também é evidente que nenhum exibidor se atreve a mandar ... telas de seus cinemas um filme nacional sem qualquer valor. A sala fica às moscas, pois o povo sabe escolher os filmes e ninguém vai pagar Cr$ 7,70 por uma entrada apenas por patriotismo. A lei de obrigatoriedade é boa e produzirá ... efeitos, se o govêrno auxiliar os produtores nacionais, quase todos sem ... sos, exceção, talvez, da "Atlântida", ... do Sr. Severiano Ribeiro. Não queremos falar das emprêsas últimamente fundadas em S. Paulo, pois ainda estão na fase da experiência, e, embora disponham de recursos, ainda não se firmaram com uma produção em série, como ... própria natureza dessa indústria. No Distrito Federal, um Fenelon, um ... de Barros, um ou outro produtor isolado e cheio de coragem até para ... moeda em bôca de jararaca, nada poderão fazer sem que haja crédito ... e a juros módicos e prazos longos. Não basta que o govêrno decrete exibição de películas nacionais de longa metragem e enrêdo: se não houver dinheiro bastante para fazer filmes bons, ou, pelo menos, sofríveis, não será resolvido o impasse entre exibidores e produtores brasileiros. Os problemas econômicos não se resolvem com decretos. E' preciso dinheiro!

Fila de navios



ESTÁ o pôrto de Santos com setenta-e-um navios na fila para descarregamento de mercadorias dos mais variados tipos. Dentre essas oitenta mil toneladas, há dezessete mil de cimento. Dos 71 vapores na fila, 27 são de longo curso. Isso entristece. Resulta ainda numa providência prejudicialíssima para a economia nacional: as companhias armadoras elevam a taxa de fretes em mais de 25 ou 30%, encarecendo o custo dos produtos a descarregar. Êsse espetáculo é visto no pôrto do Rio, de quando em quando. Em Santos, constantemente se registra a anormalidade. Por quê? Exigüidade de aparelhamento do cais. Nosso sistema portuário é muito antiquado, todo êle no sentido paralelo à costa. Sòmente agora é que está em vigor um "pier" no cais da Praça Mauá, no pôrto do Rio. Dizem que vão ser construídos mais outros, melhorando, desta maneira, a capacidade do nosso cais. O sistema de "pier" é excelente e aumenta a capacidade dos portos. Os navios que são forçados a encostar paralelamente à linha do cais, toma grande espaço, obstruem os ancoradouros e atrapalham os desembarques de mercadorias. Construindo-se cais perpendiculares, a solução surge como um meio de conjurar os perigos dêsses congestionamentos que tanto atestam o nosso atraso portuário e nossa incapacidade de acompanhar o progresso do comércio marítimo. Os dois maiores portos do Brasil — Rio e Santos — não podem ficar, de quando em quando, nessa situação de precariedade causando os maiores distúrbios à economia nacional. Que venham mais "piers" ou mais cais!

Em Revista

Maracaju

DIVULGOU a imprensa carioca, em princípios de janeiro, que está obtendo adesões o projeto de um deputado mato-grossense à assembléia daquele Estado, no sentido de ser dividido Mato Grosso, formando-se um novo Estado, o de Maracaju. A capital do novo irmão seria Campo Grande, e teria como território tôda a vastíssima região do sul dessa unidade da Federação Brasileira. As consultas já foram feitas e o projeto do legislador mato-grossense vem recebendo o mais decidido apoio de numerosos deputados federais de vários partidos no Congresso Nacional. A notícia divulga que o nome do deputado que levantou o caso ainda não pode ser publicado, a pedido do mesmo. Não há motivo para essa discrição tôda. O assunto não é novo, nem original do deputado anônimo. Em 1927 foi sugerida a mesma medida, passando o novo Estado a receber o nome de Maracaju! O que se quer agora, pois, é obter, legalmente, uma divisão que consulte os interêsses dos filhos daquele mundo enorme, prejudicado pelo tamanho e pela distância dos centros administrativos da União. Mato Grosso, que é o segundo Estado em tamanho, com mais de um milhão de quilômetros quadrados, possuidor das mais vastas e variadas riquezas naturais, segredando, em seus recessos ainda virgens, surprêsas que terão de espantar os brasileiros de amanhã, não pode continuar a ser prejudicado pelo seu próprio corpo. A formação de um novo Estado só poderia beneficiar a região, ao próprio Mato Grosso e ao país. Que venha o Benjamim brasileiro: Viva Maracaju!

Boa notícia!

NÃO andamos em boa maré de notícias favoráveis especialmente em matéria de preço dos gêneros de primeira necessidade. Todos sabemos que há uma tendência generalizada para aumentar tudo: arroz, feijão, pão, queijo, frutas, verduras, farinha, carne, leite... Tudo está aumentando, mesmo às escondidas das autoridades. Farinha, por exemplo, cujo tabelamento é de Cr$ 2,50 o quilo, no varejo, só pode ser adquirida a Cr$,00, nos armazéns e nas feiras-livres. E ainda são felizes os pobres consumidores! Por que tudo aumenta? Dizem que é porque está diminuindo a produção. E aí vem a lei da oferta e da procura, uma senhora muito velha e desmoralizada. Pois com o leite não vai haver a tal história do aumento por falta do produto. As vacas mineiras, fluminenses e paulistas vão dar leite a bambão. Quem nos diz isso? Um jornal de Minas, da zona leiteira da Mata, na cidade de Ponte Nova: "A Gazeta da Mata". Diz aquêle jornal: "Segundo ouvimos em fontes ligadas à produção do leite, êste produto vem aumentando nos últimos quinze dias, em virtude das chuvas que têm caído com abundância em todo município. De acôrdo com as estimativas feitas, o aumento está sendo considerado em 40% a mais do que nos meados de novembro último". Excelente notícia, leitor carioca! O aumento do leite vai ser de produção e não de preço, pois não se concebe que, estando as vacas a dar mais leite, o produto esteja escasso. A notícia do jornal de Jamil Santos nos desafoga, e esperamos que as águas sirvam para melhorar o pasto e não o leite...

Morte ao câncer

A dra. Clara Jolles Fonti, médica da cidade de Milão, Itália, acaba de afirmar perante o mundo médico, ter descoberto o "virus" do câncer, tendo ainda conseguido êxito no tratamento da terrível enfermidade. A notícia empolgou tôda a Itália e transbordou pelo mundo inteiro. A Ordem dos Médicos de Milão já convidou a cientista para expor suas idéias em assembléia profissional, diante da maiores sumidades em cancerologia. A dra. Fonti aceita o convite e vai explanar o que obteve num assunto até hoje sem solução. O câncer mata aos milhares de pessoas por ano, e, segundo afirmam os conhecedores dessa clínica especializada, em cada nove mulheres há sete com o "virus" do câncer a roer-lhe as entranhas. A luta contra o câncer é mundial; mas, até hoje, nada se conseguiu para efetivar êsse combate e prevenir a doença insidiosa e fatal. Ainda é de ontem o drama do saudoso médico paraibano Dr. Laureano, cujos últimos dias de vida chamaram as atenções de todo o país com repercussão pelo mundo. Se a dra. Fonti, na verdade, conseguiu descobrir a causa do câncer, o seu desenvolvimento e o respectivo agente patológico, merece todos os prêmios de Medicina do mundo, e não sòmente o Nobel. E' uma benfeitora da humanidade, emparelhando-se com os mais famosos e imortais descobridores de elementos contra a morte e as epidemias. O câncer, flagelo da humanidade em todos os setores, se puder ser combatido preventivamente, por meio de vacinas, ou arrasado depois de surgir, não mais figurará como um dos principais agentes da Morte.

A PERSONAGEM DA SEMANA



A personagem da semana é Agamenon. Para os que se dedicam à história antiga, êsse nome faz lembrar a velha Grécia, as guerras daqueles tempos épicos. Houve um Agamenon grego, filho de Atreu, herói participante do cêrco de Tróia que não teve dúvida em sacrificar a própria filha para atingir o objetivo visado: vencer a luta. Entretanto, como a maioria dos leitores não conserva na memória êsses episódios antigos, quando se fala em Agamenon, já se sabe que é o nosso, isto é, o estadista que, à frente do Govêrno de Pernambuco e em outros postos de alta responsabilidade, vem positivando atributos que o colocam, sem favor, entre os melhores vultos de nossa vida pública contemporânea, na verdade, uma constelação de muito poucas estrêlas que não são opacas. Homem de luta, e, ao mesmo tempo, de cultura, preliminarmente se fêz dono de uma honestidade que, neste país, quem a tem (funcional e pessoal) é elemento destacado. Nesse sentido lhe é atribuída uma frase que, embora muito simples, tem a fôrça de uma legenda: "Quem está no Govêrno não compra e não vende". Ainda agora, pela segunda vez no Govêrno de Pernambuco, Agamenon administra dentro de um programa de ordem e realizações que merece registro. boas finanças e muitas obras, dentro de um planejamento que denuncia uma vontade em ação. Zelando pela ordem pública, enfrenta, no momento, séria crise política. Um crime monstruoso foi cometido, pràticamente dentro da cidade do Recife. O Govêrno agiu para apurar sua autoria. E como as suspeitas recaíram em elementos de destaque dentro do próprio partido a que pertence o Chefe do Executivo surgiram ameaças de rompimentos. Mas Agamenon não se deixou impressionar. O inquérito continua e êle já convidou os seus correligionários para um encontro leal, em que fique provado que Pernambuco e seu Govêrno são, realmente, civilizados.

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

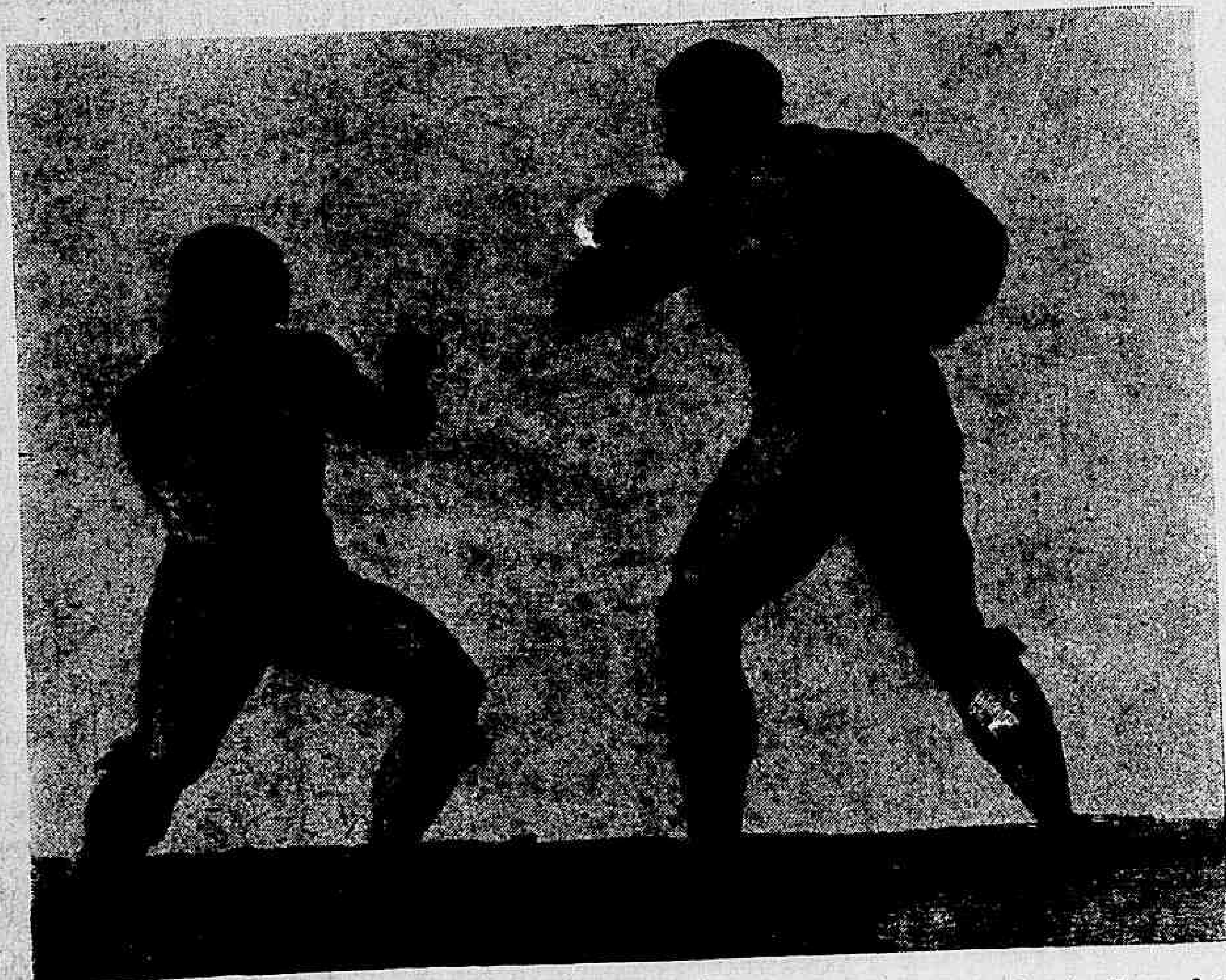
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



O Príncipe de Galês (mais tarde Jorge IV) interessava-se pelo box. Na sátira acima, que data do século XVIII, vêmo-lo no centro, jogando box com um de seus eguariços. Mas — onde estão os amortecedores ou luvas? Ainda não existiam a êsse tempo, sendo o murro, em sêco, talvez menos dolorido. O [illegible] conquistado assim, a descoberto.

QUEM DEU O NOME DE "RIN

por DUDLEY LISTER



O pequeno Tom Johnson enfrenta Isaac Perrina com 75 quilos, tendo 6 pés e 3 polegadas de altura. A ciência de Tom deu-lhe a vitória e seu nome é ainda hoje bastante lembrado.

II

COM o desaparecimento do famoso Jack Broughton, o box caiu muito ceito do povo e mais tarde um famoso judeu e seus contemporâneos restaur prestígio.

Na semana passada contei que Jack S gueiro de Norwich, cegou o campeão com um murro bem assestado, arrancan sim, em 1750, o título de campeão e de o box entrou em decadência.

O Duque de Cumberland, segundo di com êste "match" dez mil libras, desi se pelo pugilismo, no que foi acomp maioria dos melhores patronos. Criou-s uma legislação contra o box e o resul sua retirada de Londres para as provi o ôlho das autoridades era menos vigil fluência de Broughton neste ramo de mitou-se à regulamentação que êle fi trinta e três anos que se seguiram não só campeão de fama.

Slack era um tipo antipático, sem embora na luta fôsse corajoso, tornan cido pela fôrça dos seus murros. T eram os seus socos que houve na gíria são: *"Dou-lhe um slack"*, isto é, um gador. No seu tempo, os boxeadores sair do lugar. Os adversários enfr permaneciam firmes, dando golpes com e braço, defendendo-se com o outro. eram geralmente mantidos meio dobrad tude das atitudes que tomavam na lut ou do pau. As competições realizavam-se com um cercado de madeira e o chão em

mente gramado. Não era de praxe ceder-se terreno ao adversário; diz-se que Jack Slack disputava ardorosamente as polegadas de terreno e era tão avesso a sair do lugar onde se firmava ou a retroceder que preferia receber uma pancada que o derrubasse do que sair de onde firmara os pés.

UM LUTADOR FRANCÊS

Um ano depois de ter vencido o campeonato, Slack encontrava-se novamente em atividade em Norfolk, na cidade de Harleston, contra um corpulento francês chamado Pettit, verdadeira notabilidade, tendo-se em vista o pouco interêsse que os franceses tinham pelo box naquela época. Tratava-se de um homem de circo muito forte e que deu muito trabalho a Slack para vencê-lo.

Vejamos agora o que diz uma testemunha ocular sôbre a pugna travada entre os dois:

— "Logo no início da luta Pettit agarrou Slack pela garganta, empurrou-o para a cêrca e ali o *moeu* (era essa a expressão da época para significar — espremer e esfregar ao mesmo tempo), até Slack ficar roxo. Depois o francês atirou-o três vêzes para fora do cercado, mas Slack conseguiu voltar dentro do prazo regulamentar para reiniciar a peleja. Pouco a pouco Slack se foi firmando e, sendo melhor conhecedor da arte de lutar, começou a dominar a situação. Vinte e cinco minutos depois Pettit deu-se por vencido, com um ôlho machucado e algumas costelas avariadas."

Slack nunca foi um grande "boxeur" e durante nove anos sempre saiu vencedor dos encontros que teve porque os adversários que o enfrentavam eram fracos e indiretamente concorreram para que êle continuasse com o título de campeão por tanto tempo. Conta-se, também, que numa ocasião Slack encontrava-se numa feira quando um camponês irritado, desconhecendo-o, deu-lhe um empurrão e os dois se engalfinharam. O campônio era um homem forte e corajoso e estava levando a melhor quando o campeão exclamou: — "Que dirá o mundo quando souber que Jack Slack foi derrotado por um simples lavrador?". Ao ouvir essas palavras, o antagonista, julgando que estava sendo ridicularizado, disse: — "Será mesmo verdade que eu esteja lutando com Slack? Se assim é, desisto" — e vestindo o casaco foi-se embora, deixando o conhecido campeão com mais esta vitória.

DERROTA PREPARADA

Em 1760, Slack foi derrotado por Stevens, cujo apelido era *"Pregador de pregos"*. O Duque de Cumberland, com o correr dos anos, voltou a se interessar pelo pugilismo e mostrou-se descontente com a derrota, embora ainda houvesse a tal lei contrária às lutas, e apoiasse no momento esta luta de Slack, que foi por êle mesmo organizada e realizada em Londres, numa quadra de tênis perto de Haymarket. O nível do box era agora muito baixo, pois Stevens e Slack eram dois tratantes. No ano seguinte os dois velhacos resolveram que Stevens entregasse o campeonato a George Meggs, que tinha sido preparado por Slack, mas a maroteira foi tão escandalosa que ambos ficaram desmoralizados.

Depois da luta, Stevens declarou que, no dia em que lutou contra Jack Slack, recebera noventa guinéus e teria recebido outros cinqüenta se tivesse deixado George vencer-lhe. "E que diabo", exclamou por fim, "não continuo sendo o mesmo homem?"

Durante os vinte e três anos que decorreram depois dêsse incidente, o título de campeão não conseguiu estabilidade. Depois de Meggs apareceu George Millsom, o padeiro, em 1762; em 1764, Tom Juchau, o calceteiro; em 1765, Bill Darts; em 1771, Peter Cochran, o irlandês; em 1777, Harry Sellers e em 1780, Jack Harris. Todos êsses não passavam de medíocres e alguns até mesmo desonestos.

Os *"arranjos"* ou lutas combinadas preponderavam e sabe-se que quando Cochran derrotou Darts, em 1771, nas corridas em Epsom, o "coronel" O'Kelly, o celerado proprietário do cavalo "Eclipse", apostou largamente no seu patrício depois de ter subornado Darts para perder.

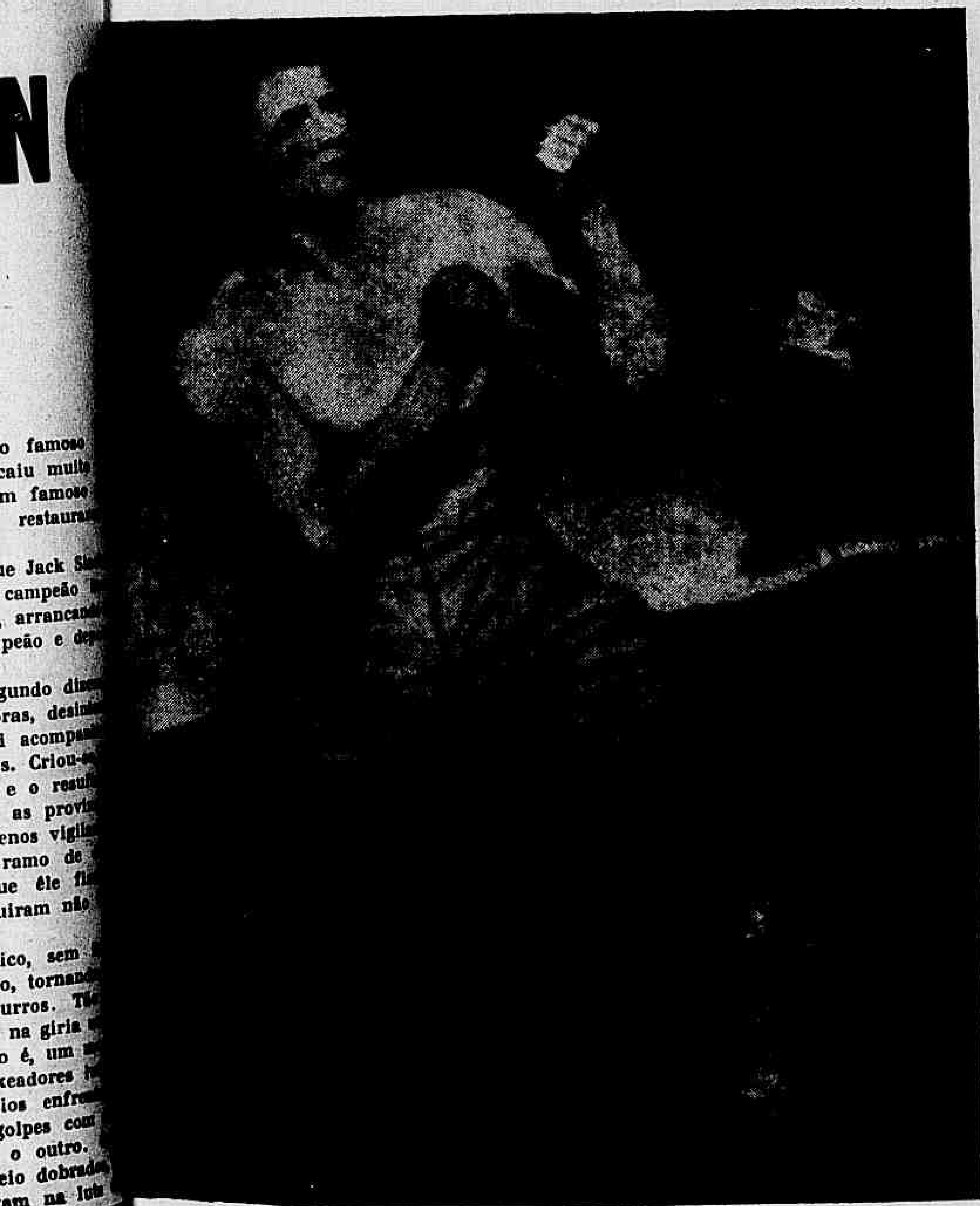
Em 1783, Tom Jackling ou Johnson, como preferia que o chamassem, tornou-se campeão. Foi graças à sua grande influência que o prestígio do pugilismo começou a reviver. Tom viera de Derby para Londres, onde começou a trabalhar como carregador de sacos de cereais. Tinha 5 pés e 9 polegadas de altura e pesava 84 quilos e meio. Sua fôrça tornou-se conhecida através do seu bom-humor e bondade. Quando um dos companheiros adoecia, Johnson, além do serviço que tinha a seu cargo, fazia também o do companheiro doente e assim ganhava o pão de cada dia da família do infeliz que se via privado de trabalhar por doença. Foi por meio desta generosidade que êle se dedicou ao box e foi para êle um bom presságio.

Sua ambição única, ao ingressar no pugilismo, era ser campeão e para isso teve que enfrentar, inevitàvelmente, homens mais altos e mais fortes do que êle e os vencia trabalhando com a cabeça. Possuidor de grande coragem, poupava-se ao máximo e foi o primeiro "boxeur" a estudar o temperamento e a técnica dos adversários.

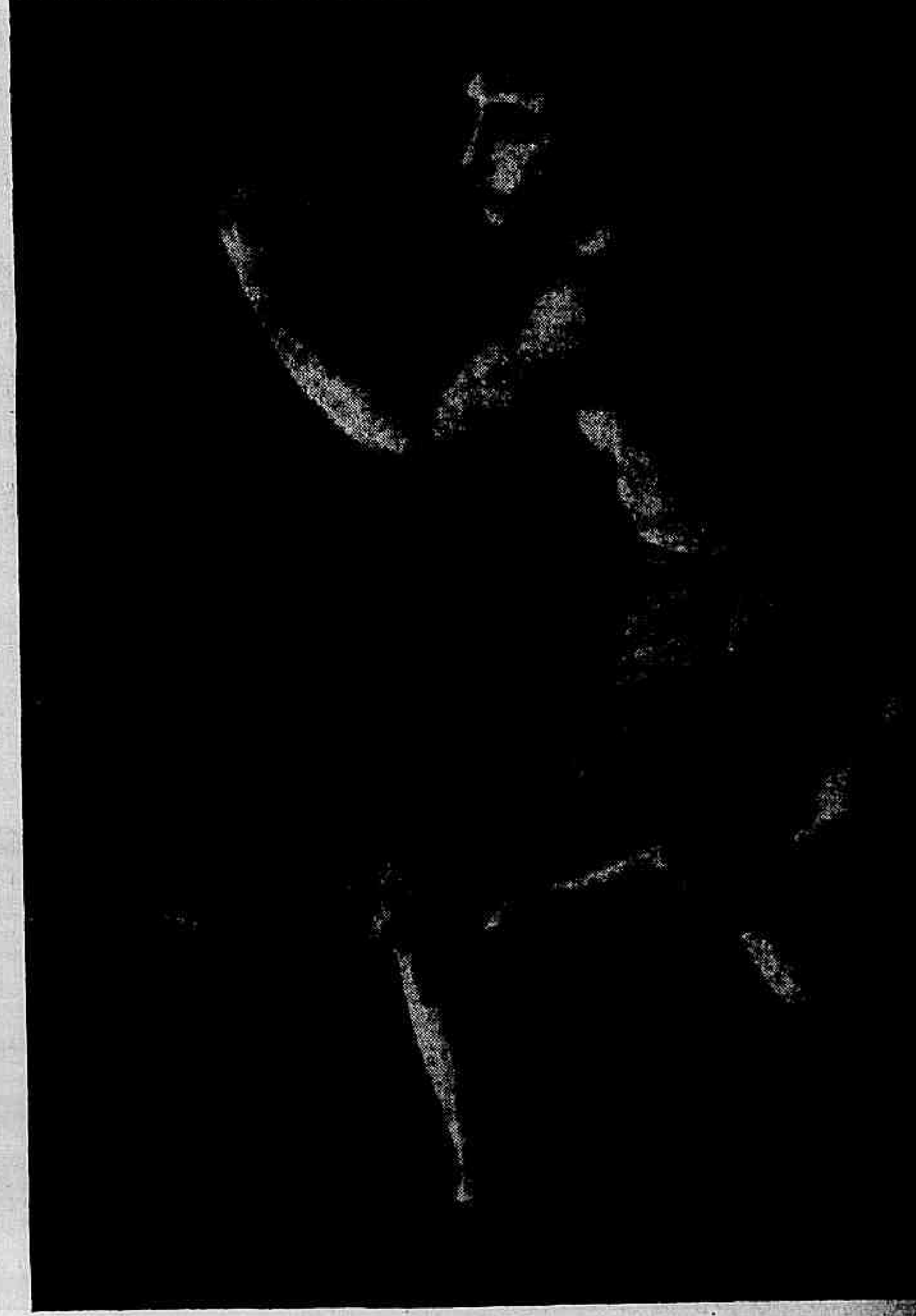
Dizem que "se o adversário era calmo, Johnson tornava-se mais calmo, se animado e precipitado, êle procurava animá-lo ainda mais por todos os meios legais, enganando-o e zombando". Para compensar a pequena estatura, Johnson inventou o movimento de pés, movimentando-se com agilidade em volta do antagonista, dando golpes de ângulos inesperados e mudando assim a tática que até então vinha sendo usada de se firmar nos pés e enfrentar o adversário.

O ESTILO PROGRESSIVO

Com êste estilo, Johnson conseguiu derrotar adversários mais altos do que êle e seu maior triunfo foi quando venceu Isaac Perrins, que era bem (*Cont. na pág.* 50)



Richard Humphries, célebre rival de Mendoza, que o descobriu quando Richardson era um rapazola de apenas dezesseis anos e foi mais tarde por êle vencido duas vêzes em n.c.



Daniel Mendoza brigava, certa vez, numa rua perto do local onde trabalhava. Alguém observou sua maneira de lutar que mais tarde foi adotada como técnica no box e lhe deu fama.



ATENÇÃO!

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.



Na pequena casa do aprazível local de descanso, o sr. Getúlio Vargas toma um aperitivo enquanto o sr. Roberto Alves riu-se de uma boa anedota contada por alguém.

No banquete da Gávea

TUDO MENOS POLÍTICA

SAMBAS, ANEDOTAS, RECORDAÇÕES DE 30 E OUTRAS BANALIDADES ★ O GENERAL GÓIS: "ATÉ A DOENÇA PERDE AS BRIGAS COMIGO!" ★ O PADRE OLÍMPIO DE MELO E A PISCINA DA GÁVEA ★ ÉRICO VERÍSSIMO E O PRESIDENTE

Reportagem de NAHUM SIROTSKY

UMA frase pronunciada pelo presidente da República no almôço da Gávea Pequena, no dia 31 de dezembro, bastou para afastar os rumores de imediata reforma ministerial. Já, agora, quando se fala do assunto fixa-se uma data além de março, quando se encerra o periodo do chamado ministério de experiência.

A frase foi o presente de ano-novo do chefe do executivo ao repórter.

— Presidente, dissemos, gostaríamos de receber um presente de ano-bom de V. Excia.

O presidente recuou, surpreendido.

— A resposta a uma só pergunta.

O prefeito, que estava junto ao sr. Getúlio Vargas, sorriu.

— Haverá reforma ministerial ou não?

Foi a vez do sr. Getúlio Vargas rir.

— Ah, é isso o que você quer, hein? Mas não posso falar sôbre intrigas que se fazem e se desfazem com o tempo.

Mais tarde, indagávamos do sr. João Neves e de outros ministros qual a tradução que devíamos dar à frase. Simples, responderam, de que não haverá reforma.

O ano terminou. E o Presidente da República, acompanhado do sr. Café Filho, sobe as escadarias da Gávea Pequena para confraternizar com os membros do seu gabinete, também presentes.



No banquete da Gávea

A pergunta do repórter e a resposta do presidente da República foram os únicos aspectos políticos do banquete de confraternização, todo êle caracterizado por sorrisos, música, anedotas e ditos chistosos do chefe do Executivo. Durante as horas que passaram na aprazível casa da Prefeitura, no alto da Tijuca, os administradores do país olvidaram problemas e se entregaram ao prazer do descanso.

UMA EXPRESSÃO AMERICANA

Existe uma expressão jornalística americana que corresponde, em português, a "pegar o homem desprevenido". E foi o que aconteceu no almôço. O repórter conseguiu focalizar os principais homens públicos do Brasil fora da vida pública, comportando-se como se estivessem em casa. Presidente e ministros confundiram-se num todo: eram um grupo de homens num bate-papo agradável, sem maiores conseqüências, num passatempo.

O general Góis Monteiro já se encontrava na Gávea Pequena quando chegamos, cêrca das 13 horas. O chefe do Estado Maior Geral das Fôrças Armadas é um dos melhores contadores de história no Brasil. Quando não é obrigado a falar sôbre coisas que lhe desagradam — e nesse caso fala de forma a que todos fiquem na dúvida — recorda dias que já pertencem à história. E os fatos volvem como se estivessem acontecendo no momento. Na Gávea Pequena o general estava de ótimo humor. E lembrava os "velhos bons tempos de cadete, quando se fazia muitas farras". Os repórteres ouviam atentos, à espera de uma revelação. De quando em quando interrompiam-no com perguntas sôbre a sua última missão a Washington.

— Os médicos americanos é que se assustaram comigo. Um dia senti-me mal e fui cuidadosamente examinado pelos doutôres dos Estados Unidos. O chefe dos Serviços Médicos do Exército americano convidou-me para uma visita ao seu gabinete. "General", disse-me êle, "afinal de contas somos soldados".

— Mas, e quais foram os resultados da missão?

— O General olhou-me muito sério. Eu já sabia o que estava para vir. Confessei-lhe conhecer perfeitamente o meu estado físico. Foi uma bola. Depois de tudo continuei freqüentando recepções, para desespêro dos médicos do exército que me olhavam como se eu estivesse louco.

E depois, em tom de brincadeira, observou:

— Até a doença perde as brigas comigo.

Outro repórter insistiu com novas perguntas. E o general continuou:

— Em 1930...

O Chefe do Estado Maior do Exército é uma das figuras mais simpáticas da administração pública. Cercado de homens de estado ou de jornalistas parece um pai dando conselhos aos filhos. Afinal, um repórter consegue obter um comentário sôbre notícias de que iria para Washington, como embaixador.



«Mas o príncipe é mais bonito do que eu» — diz o Presidente à cantora Linda Batista que insistia ... de ter ser fotografada ao seu lado. Responde a cantora: — «O senhor tem mais it!» Referia-se Linda ...

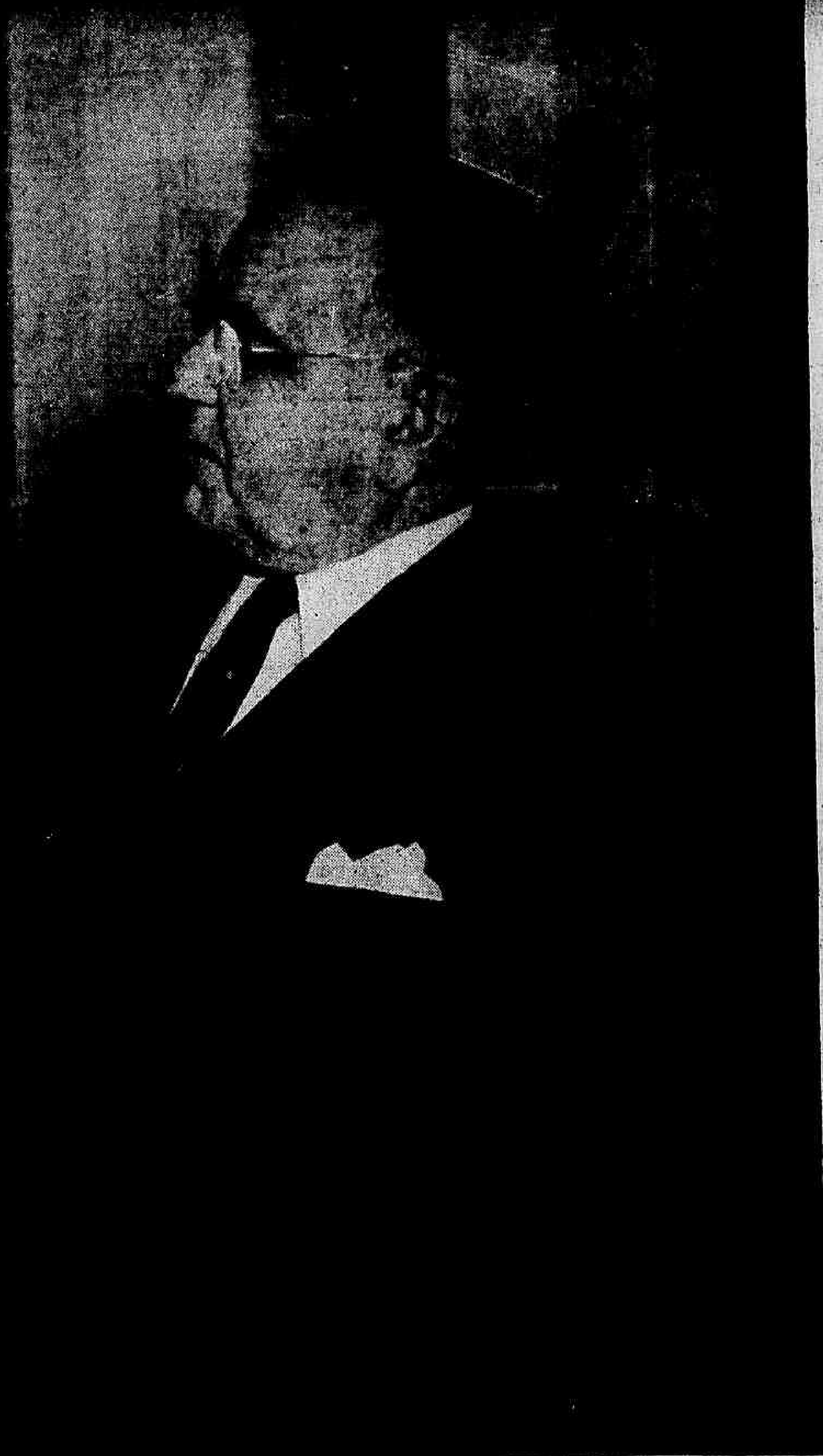


Ao clarinete, um artista da Rádio Nacional interpreta música do Rio Grande. E o sr. Getúlio Vargas, com o vice-presidente, um do sul e outro do norte, ouvem com muita atenção.



O ministro João Cleofas olha para a «cabeleira» dos Ministros Estilac ... e Segadas Viana enquanto Linda Batista canta «Pente de careca é ... Tudo foi mera coincidência.

O ... Ma...



de ter posado, dia antes, em companhia de Ali Khan com que fizera boa camaradagem. Assim mesmo, confessava, o sr. Getúlio Vargas era mais atraente.

— Não é verdade. Minha saúde não permitirá tais excessos. O inverno nos Estados Unidos é terrível.

CABELLO E DODSWORTH

Na varanda da casa central da Gávea Pequena estavam os srs. Henrique Dodsworth e Benjamin Cabello.

— O padre Olimpio, relembrou o sr. Dodsworth, construtor da Gávea Pequena, muitos banhos de piscina tomou aqui. E como jogava sinuca!

O sr. Cabello acariciava a cabeleira embranquecida.

— Foi a CCP, disse ao ex-prefeito.

Chega o Ministro Negrão de Lima, mineiramente vestido, o que quer dizer, trajando-se impecàvelmente.

— Como é, vocês ainda querem tirar os nossos empregos?

— Ninguém quer postos de sacrifício, comenta um jornalista.

— Pelo contrário, dêsses postos todos querem, retruca alguém.

Surgem os outros ministros. O sr. Horácio Láfer com o seu chapéu de banqueiro. O sr. João Neves da Fontoura, dinâmico e ativo. O general Estillac Leal está sério. Sorri de lado. Entre todos, agita-se, satisfeito, o sr. João Carlos Vital.

O PRIMEIRO

O presidente da República chega depois das 13 horas. Sobe as escadas e vai apertando a mão de todos. E' oferecido um "drink". O vice-presidente da República Café Filho, que acompanha o sr. Getúlio Vargas, senta-se numa poltrona ao lado do sr. Horácio Láfer.

— Então, estamos competindo para ver quem viaja mais, hein Café?

Ouve-se uma gargalhada mais forte. E' o presidente. Uma voz de mulher. Linda Batista, cantora de nosso "broadcasting" está presente para o "show".

O sr. Lourival Fontes aprecia o espetáculo.

— Como vão tuas irmãs?

— Muito bem.

— Uma fotografia ao seu lado, presidente? — pede Linda Batista.

E o sr. Getúlio Vargas, todo sorrisos, posa ao lado da cantora.

— Outro dia fui fotografada ao lado do Ali Khan.

— Êle é muito mais bonito do que eu, não é mesmo? — sorri ainda o chefe do Executivo.

— Mas, permita a liberdade, não tem o seu "it", replica, sem perda de tempo, a cantora.

Blackout — o homem que tem "muita loura louca por mim" — também aproveita a oportunidade.

— Vou pendurar o retrato no meu barraco, canta o popular intérprete.

O ALMÔÇO

O almôço foi simples e agradável. Alguns pratos de nomes complicados e uma sobremesa bem brasi-

(Cont. na pág. 36)



O Prefeito simula aborrecimento quando Blackout canta «Maria Candelária». Mas o sr. João Neves gosa a história. E as coincidências continuaram acontecendo durante o almôço.



Foi apenas um momento mais sério, de música gauchesca. O Presidente ficou sensibilizado com a gentileza dos artistas e Estillac, de longe, quer fazer um comentário.



A anedota foi gostosa. E os Ministros da Agricultura e do Trabalho acompanham o Presidente numa boa gargalhada. Por certo, o leitor quer conhecer o motivo, mas não o contaremos.



O embaixador Lourival Fontes e o general Góes Monteiro trocam impressões sôbre os Estados Unidos. Entre os dois é difícil dizer quem sabe melhor contar uma boa história.



Por mais que estivesse decidido ninguém falar de coisas sérias — o que estariam conversando os srs. Segadas Viana e Benjamin Cabello? As fisionomias agora estão graves.



Houve muitas anedotas para matar o tem
Nesta altura o Chefe da Nação começa a
tar uma. A princípio são poucos os que
cutam, entre êles o ministro Segadas Vi



Mas agora o interêsse vai aumentar. E
Ricardo Jaffet mostra-se também inte
do. A direita, o sr. João Neves
de semblante sério. Será história



Parece que o episódio vai ficando
mado! O Presidente vai contando e a
cia aumenta. Há rostos fechados e um
cípio de sorriso do senhor Ricardo



Pronto, a anedota acabou, todos
«flash» bateu mais uma vez. E' quan
Presidente, voltando-se, dá com o fotógra
Este ficou nervoso. a chapa está



Tudo é bom humor no banquete da Gávea. O desfêcho do episódio relatado pelo Presidente ocasiona sonoras gargalhadas. Antes assim!

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

2)—NOIVO, CUIDADO! Uma simples frase descuidada pode marcar uma "posição" para o resto da vida





Nº 1

Erik Kruczikу, atleta alemão de 40 anos de idade, campeão absoluto da XXVII S. Silvéstre — minutos antes de enfrentar a chuva fria que cobria a cidade, a fim de disputar a maior prova pedéstre do mundo. Valeu a pena, Erik?



Nº 2

Os populares aclamam delirantemente Luís Gonzaga e muitos romperam cordões de isolamento, apoderando-se do vice-campeão, beijando-o calorosamente. Êle mereceu, porque realizou façanha quase igual à do campeão germânico.



A MAIOR PROVA PEDESTRE DO MUNDO

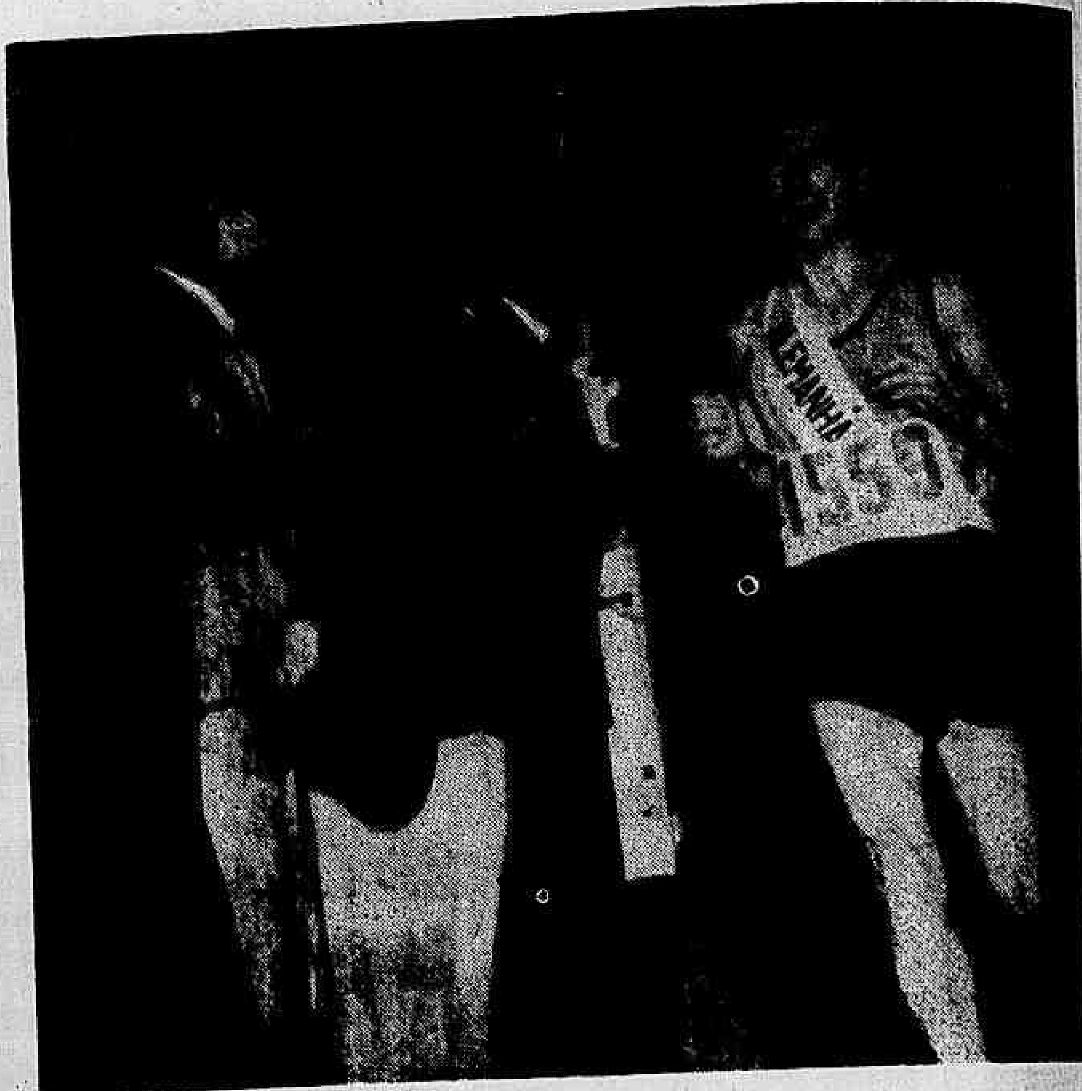
BRILHANTE A CORRIDA DE SÃO SILVESTRE DE 1951

VENCE O ALEMÃO ERIK KRUCZIKY, CABENDO AO PAULISTA LUIS GONZAGA RODRIGUES O 2º PÔSTO ★ A CHUVA NÃO PREJUDICOU A CORRIDA ★ DOIS MIL ATLETAS DESFILARAM PELAS RUAS DE S. PAULO ★ MAGNIFICA DEMONSTRAÇÃO DE ESPORTIVIDADE INTERNACIONAL ★ SUL E NORTE-AMERICANOS, EUROPEUS E ASIÁTICOS UNIDOS PELO ESPORTE

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR — Fotos de DARIO TERINI



A chuva não empanou o brilho da corrida. O povo invadiu as ruas, trepou nos telhados, pendurou-se nos muros, com guarda-chuvas ou sem êles, a fim de presenciar a sensacional prova.



Foi notável a chegada de Kruczíky, acossado de perto por Luís Gonzaga. O germânico já estava cansado e recebeu, merecidamente, o título de campeão. Mas estava quase sem fôlego!

A pirâmide da vitória. Inostroza, Luís Gonzaga, Kruczíky, Mikalovitch e Geraj, os cinco primeiros colocados, recebendo as ovações do público e saboreando a vitória para fechar o ano.



São Paulo, janeiro.

A despeito da forte chuva que levou a cidade, desde as primeiras horas da tarde, constituiu êxito sem precedentes, para o esporte nacional, a Corrida de S. Silvestre de 1951, maior prova pedestre do mundo, que vem sendo realizada, há 27 anos, sob os auspícios dos nossos companheiros de A GAZETA ESPORTIVA.

Dois mil atletas, entre os quais 25 estrangeiros, inscreveram-se para a XXVII S. Silvestre contando-se, entre os nacionais, representantes de todos os estados da União, além de centenas de rapazes do interior do Estado. Portanto, era impossível, mesmo aos mais credenciados cronistas desportivos, prognosticar acertadamente sôbre o resultado da magnífica prova que assistimos na chuvosa noite de 31 de dezembro.

TRADICIONAL

A Corrida de São Silvestre já tornou verdadeira tradição para o paulista que, todos os dias 31 de cada ano, abandona, em grande número, a calma acolhedora do lar, para levar seu tributo de admiração aos valorosos atletas que medem fôrças nessa memoravel noite. Tradição, também, tornou-se suportar a chuvarada que, inevitavelmente, desaba sôbre a cidade, como se fôsse um manto de glória a brindar os desportistas que nos proporcionam, anualmente, o maior espetáculo de pedestrianismo de que temos notícia no mundo.

A LARGADA

Exatamente às 23,40 horas, os dois mil corredores largaram, sob o estampido do tiro de partida, que foi dado pelo sr. Eduardo Albe, presidente da Federação Argentina de Atletismo, a fim de vencer os 7.300 metros de percurso pelas principais artérias da cidade.

Alí, naquela massa compacta de corredores, estavam os 25 "maiorais" do esporte pedestre do mundo, seguidos pelos campeões estaduais do Brasil e por milhares de valores novos.

Partindo da R. Conceição, seguiram os esportistas rumo ao Largo Paisandú e Avenida São João, onde, por detras dos cordões de isolamento, milhares de pessoas os ovacionavam. Liderava o grupo o nipônico Kenji Ishii, tendo, a dez metros de distância, os belgas, os iuguslavos e o chileno Cornejo.

Entre os primeiros, surgia, então, Antônio Joaquim Roque, de São Paulo tendo, à sua esquerda, Luís Gonzaga Rodrigues e o carioca Geraldo Caetano Felipe, que vinha perseguido, bem perto, por William Ashenfelter, dos EUA e Mihalovitch, da Iuguslavia que, ainda na Av. São João, conseguiu bater Ishii.

ERIK KRUCZIKY

Já na entrada da R. Gabriel dos Santos, o germânico Erik Kruczíky fêz sentir o seu valor, acercando-se, decididamente, de Mihalovitch. Ambos travaram duro duelo, tendo se adiantado dos outros contendores consideràvelmente, passando a liderar a corrida. Passaram, assim, pela R. Veiga Fi-

(Cont: na pág. 39)



Quando as calçadas não davam, os marmanjos buscavam lugares mais altos. O barracão onde estão os rapazes é da igreja de Santa Efigênia e o fundo, uma tela de projeções comerciais.



Joel Nelly, diretor de «A Gazeta Esportiva», ao lado de Curtis Stone e de William Ashenfelter, da equipe norte-americana.



Os uruguaios souberam lutar galhardamente. Compareceram em bonita forma e cairam na simpatia do povo, embora não ganhando.



A equipe argentina lutou muito colocando-se em 18º, 19º, 20º e 37º lugares. Estavam muito confiantes os corredores portenhos.



Minutos antes da partida, todos brigavam para conseguir melhor colocação. Felipe Luís, o representante [illegible], ficou em 11º lugar.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfão de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmã Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrande a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite de Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouvia dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Coutry Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas, quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitude de seu irmão. Roger a viu assim, lá em cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se trata. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banhos, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo, antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta, cujo final está no presente capítulo. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que freqüentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino.

JÁ era bastante tarde quando ela deixou o templo e se dirigiu para casa. Todo o andar térreo estava iluminado, mas nenhuma luz havia no andar em que morava Poole. Roger, que jantara na cidade, não estaria de volta antes de sua ida para o jantar em casa de Mrs. Bigelow. Quando Mary, já tarde, regressara ao lar e atravessava o jardim, viu, perto da fonte, uma derradeira rosa da estação que se findava. Parou a fim de colhê-la e, andando furtivamente sôbre o gramado da aléia, abriu a porta que dava para a Tôrre.

Quando Roger Poole, uma hora mais tarde, chegou a casa já em paz absoluta, fatigado e deprimido pelos esforços de um dia inteiro passado com o pensamento nos dizeres de sua carta a Mary, entra em seu aposento sombrio, mau grado a vacilante luz que se desprendia do fogo da lareira. Procurando seu caminho na obscuridade, acha, por fim, a pequena correntinha da lâmpada elétrica que ficava sôbre a mesa. A luz se esparze num circulo de ouro sôbre os móveis e, nesse circulo luminoso, viu êle a resposta à sua carta. Grande, aberta e tôda iluminada, repousava a velha Bíblia de John Ballard. E sôbre as páginas do livro, odorante e fresca como a amizade de quem a havia colocado ali, estava a rosa de outono que Mary colhera no jardim.

CAPITULO XII

Para Mary, subjugada e perturbada pela carta que havia recebido de Roger, parecia estranho que o resto do mundo continuasse a se mover normalmente. Aquela carta lhe chegara num sábado. Pela manhã de domingo, todo mundo se dirigia à igreja, depois almoçavam à moda antiga, aí pelas duas da tarde. Depois disso todos se dispunham a partir e fazer uma excursão a carro até ao parque.

Isto é, todos, menos Mary! Ela se excusa sob o pretexto de ter muito que fazer.

— Com a tia Frances e Grace, vocês são cinco pessoas, diz ela, a lotação de um carro. Ficarei, a fim de preparar o chá para quando regressarem.

Desta forma, Constance e Gordon seguiram com tia Isabelle. Barry, estando sempre em casa de Leila, Mary ficava só. Sòzinha naquele casarão em que também estava Roger Poole. Mary havia imaginado perfeitamente seu plano e se pôs imediatamente a executá-lo. Era um entardecer cinzento, e a sala de jantar parecia triste e morna, com seu fogão a morrer, seu tapête surrado, seu mobiliário cotiado e os espelhos baços.

Mary chama Susan Jenks para reavivar o fogo. Depois, aproxima da chaminé uma daquelas grandes poltronas patriarcais, bem como uma outra cadeira mais simples, de acaju, retirada da mesa de chá que se achava à esquerda da chaminé. Com êstes dois móveis ela constrói uma espécie de biombo com tapessaria, a fim de isolar aquêle local do resto da sala e da porta. Gordon, seu cunhado, havia trazido, à noite precedente, uma grande caixa de flores, dentre as quais ramos de lírios que Mary colocou sôbre a mesa num jarro verde pálido. Em seguida, subiu ao seu quarto para trocar de roupa e vestir o velho vestido de veludo verde.

Ao descer dos aposentos, o fogo se animara e o ambiente estava embalsamado pelo cheiro dos lírios. Susan colocara na pequenina mesa uma bandeja de laca vermelha e um velho bule de prata para chá. Susan também havia devolvido a Mary a carta de Roger, que a patroa lhe confiara confidencialmente.

Esperando a chegada de Roger, Mary desarrumava e rearrumava os objetos. Tinha ela a impressão de ser uma mocinha que "banca" a dona de casa. Um sentimento novo parecia haver despertado em seu espírito, sentimento êste que a tornava sensível ao confôrto daquele "retiro" formado pela tapeçaria armada por ela, numa espécie de refúgio. Mary não se cansava de mirar o ambiente e de considerar a decoração como se fôsse com os próprios olhos de seu hóspede.

Quando êle veio encontrar-se com ela naquele recanto agradável, ela lhe estendeu a mão a sorrir.

— Esta hora nos pertence completamente. Tudo está disposto para que desfrutemos a sós. Já teve, por acaso, esta impressão de que o mundo está de tal maneira habitado que não resta mais um só recanto para ficar-se a sós?

Quando êle se instalou na grande poltrona e que a luz do fogo clareou seu rosto, ela percebeu o quanto estava êle fatigado, como se os dias e as noites em que ela não mais o viu se houvessem escoado em plena e constante vigília.

Mary se viu invadida por um grande sentimento de simpatia que a fêz tremer, como estremecera na ocasião em que lera a carta de Roger; mas, quando começou a conversar sua voz retomou aquela velha segurança e firmeza.

— Vou preparar-lhe uma xícara de chá, e, então, podemos conversar.

Enquanto Mary prepara com suas mãos delicadas a saborosa e aristocrática bebida, êle reparava que ela não trazia nas mãos outro ornamento que não antigo e curioso anel. Seu vestido verde fazia ressaltar a alvura de sua pele, e a brancura de sua alma estava simbolizada pelos lírios.

Roger se inclinou para a frente e começou a falar:

— Mary Ballard, — disse êle sùbitamente — se eu jamais chegasse a atingir o paraíso, eu o imaginaria um lugar igual a êsse recanto de sua casa, sob esta luz dourada, o perfume das flores e sua presença como centro de tudo.

Ela o olha por cima dos lírios e pergunta:

— E você acredita, então, na existência do paraíso?

— Sinto-me feliz ao pensar que, numa das épocas mais benditas de minha vida, eu poderia reencontrar-me com você num jardim cheio de lírios.

— Talvez que isso seja possível, quem sabe...

Ela sorria e sua mão tremia. Mary se sentia como que intimidada, a língua prêsa. Acabou de fazer o chá e lhe estendeu uma xícara. Em seguida falou de coisas banais. Notava-se que o espírito da moça estava transportado a páramos de sonhos irreais, e sua voz tinha as inflexões

de quem canta e se alegra, ao brudo da chaleira a ferver. Mary se achava feliz, como se não houvesse no mundo um só lugar onde houvesse tristezas e penas.

Por fim, com o espírito reconfortado e segura de si mesma, foi diretamente ao objetivo que o seu coração havia programado:

— Não sei como iniciar minha conversa sôbre o que concerne ao conteúdo de sua carta. Creia-me que, ao lê-la, não me foi fácil ver tudo com maior clareza, imediatamente. Nunca imaginei que houvesse por detrás de sua vida um passado como o que me descreveu. De tôdas as formas, as linhas gerais que minha imaginação havia edificado acêrca de sua pessoa, eram muito diferentes. Não estou muito certa mesmo, como eram elas, exatamente; mas, em verdade, eram de outra forma.

— Quero que me perdôe. Mas eu não podia corresponder, em minha carta, ao passado que você havia imaginado para mim.

— Oh! Mas não é justamente o seu passado que me preocupa, que me pesa no coração. E' o seu futuro...

Os olhos de Mary se encheram de lágrimas. Não era aquilo que ferira de leve a sensibilidade de Roger, o que ela desejara dizer. Mas as palavras que saíram fora da justa medida do seu pensamento, partidas contra a sua vontade e Mary sentiu a voz sumir-se numa angústia de pranto. Ficou silenciosa. Êle quebrou o silêncio.

— Eu não tenho o direito de perturbar-lhe a vida com o meu futuro. Não pedirei de sua amizade nada que se pareça com tamanho sacrifício. Ontem, ao entrar em casa, achei uma rosa entre as páginas de um livro. Ela parecia dizer-me que eu não perdera a sua amizade, e agora você me dedica a felicidade desta hora. E' tudo o que posso merecer de sua generosidade. Nada mais posso pedir.

Mary afasta de entre êles o vaso de lírios, a fim de que nada os separasse. E continuou:

— Se eu sou sua amiga, é meu dever ajudá-lo; do contrário, de que valeria minha amizade?

— Você em nada pode ajudar-me, responde êle, precipitadamente, dentro do sentido pròpriamente material, ou como o entende. O meu passado já decidiu o meu futuro. Não poderei novamente lançar-me à luta. Sei que me crivaram de tudo quanto há em matéria de epítetos que estigmatizam uma alma fraca e covarde, pois que eu não soube olhar a vida face a face. Mas eu poderia enfrentar exércitos, que seriam tangíveis; eu poderia bater-me à espada, empunhar um fuzil ou usar dos meus próprios punhos, contra um adversário visível. Mas, infelizmente, não podemos combater e vencer os cochichos, as intrigas, os mexericos. No final da luta, somos nós quem sai perdendo!

— Eu não peço que você se bata, responde Mary.

E, por detrás de sua palidez, um raio de luz lhe ilumina o rosto:

— Eu não peço que se bata. Eu quero que você receba a sua mensagem, e a cumpra.

— Que mensagem?

— A que é confiada a todo homem ao qual se entregou um encargo, e que, quando deixa de cumprir o seu dever, dá demonstração de fraqueza, de incompreensão para com aquêles que nêle confiaram.

— Pensa você, então, que eu não havia recebido a mensagem?

— Penso...

Mary, então, lhe estendeu a mão através da mesinha de chá, como se quisesse, com êsse gesto afável, adoçar as suas palavras.

— Eu penso que, se você se sentisse chamado a fazer uma determinada coisa, nada neste mundo poderia detê-lo no caminho dessa realização. Há mais gente por aí, do que nas igrejas, e que não vai aos templos, e que muito precisa daquilo que você lhe pode dar. Há muitos caminhos e muitas searas. Oh! De certo que há muita gente que vai ajoelhar-se nos bancos das igrejas e que são dignas de ouvir a boa palavra de um pastor.

Ela lhe lança êste desafio. Êle o segura imediatamente:

— Ah! Se eu tivesse tido em minha vida uma mulher como você...

— Oh! Não diga isso! Por favor. Não diga tal.

Seu entusiasmo se apagou, de súbito.

— Que poderá fazer uma mulher em tal caso, seja ela qual fôr? Sòmente você, ninguém mais do que você, sòzinho, deverá experimentar a provação.

Um silêncio de morte sobreveio a estas palavras decisivas. Roger estava sentado, um pouco pendido para a frente, os olhos fixados num ponto incerto, fora de Mary. Olhava para o fogo, mas era como se também não o visse. Na sua face pálida não havia o menor traço de fraqueza. Antes se vislumbrava orgulho, decisão, a firmeza de inflexível vontade.

— Creio, — diz êle — que não soube tentar a prova.

Os olhos da moça encontraram os de Roger, num jacto.

— Pois bem. Tente agora outra vez!

Depois de ligeira pausa, êle voltou:

— Sei o que pensa. Pensa você que eu sou um homem que desertou.

— Você sabe muito bem que não é isso o que quero dizer.

Entregues a essas emoções, êles mal notaram que já decorrera uma hora nessas trocas de palavras.

Então Mary lhe expõe o que havia sonhado fazer a respeito dêle e de seu futuro. Ela se sentia alegre com isso e parecia reflorir, empalidecendo às vêzes, reanimando-se depois, ao traçar-lhe o quadro do futuro de Roger. Mas estava certa de que seu desejo era impraticável. Era, porém, indispensável que ela expusesse o plano de sua convicção, demonstrando ter muita fé naquele homem. E Roger ficou com a impressão de que ela havia encontrado a solução. Servindo a Deus, encontraria Deus.

Foi esta uma hora maravilhosa para Roger Poole. Hora que deveria resplandecer em sua memória como uma estrêla.

O espírito de Mary tinha uma largueza de vistas, grande capacidade para elevar-se acima das pequenas coisas e atingir os maiores objetivos, que parecia não ser fiminino, ou melhor, ser superfominino.

Depois de dar um balanço geral sôbre tudo o que tinham dito e ouvido, Roger chegou à conclusão de que ela tinha conseguido colocar o problema neste ponto: o que êle teria de fazer.

Nem uma só vez ela se referiu aos acontecimentos passados, uma só vez chegou a falar de sua ex-espôsa.

Essa hora com Mary Ballard, ali naquele refúgio amparado do resto da sala e fora das vistas da porta diante do fogo, foi, de alguma forma, uma hora de sonho espiritual para Roger Poole. Êle consegue, pela primeira vez, reconhecer que havia ignorado o verdadeiro significado dos círios acesos no altar, a verdadeira interpretação das vozes no côro. Êle havia perdido a noção que cada um deve manter quando a serviço da humanidade.

— E' preciso que eu pense em tudo isto — diz êle. — Não é preciso que você espere de mim muita coisa, imediatamente.

— Espero tudo de você.

Quando ela lhe disse isso a sorrir, pareceu a Roger que tôda a sua alma se revestia com a antiga armadura dos lutadores, e êle voltava, novamente a ter a mais absoluta confiança em si mesmo.

(Continua na próxima semana)

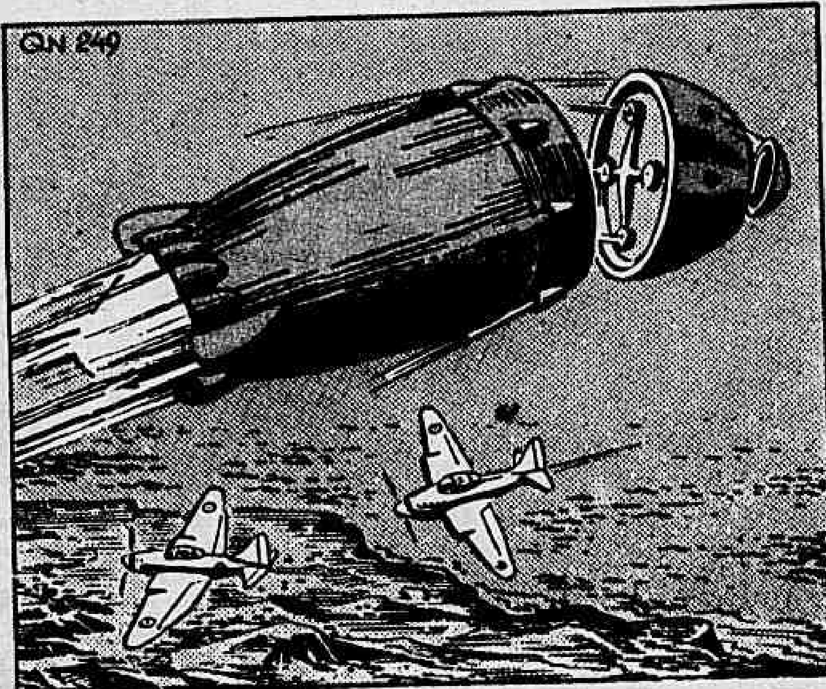
Tradução de
RENATO DE ALENCAR

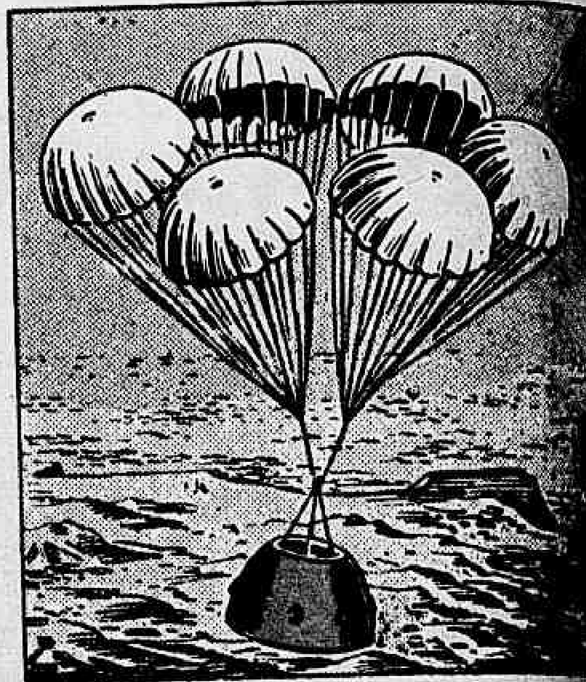
Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

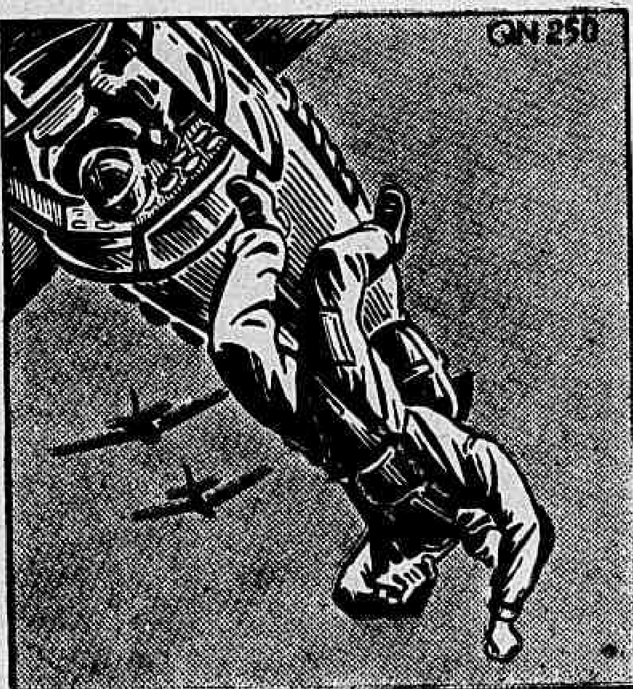


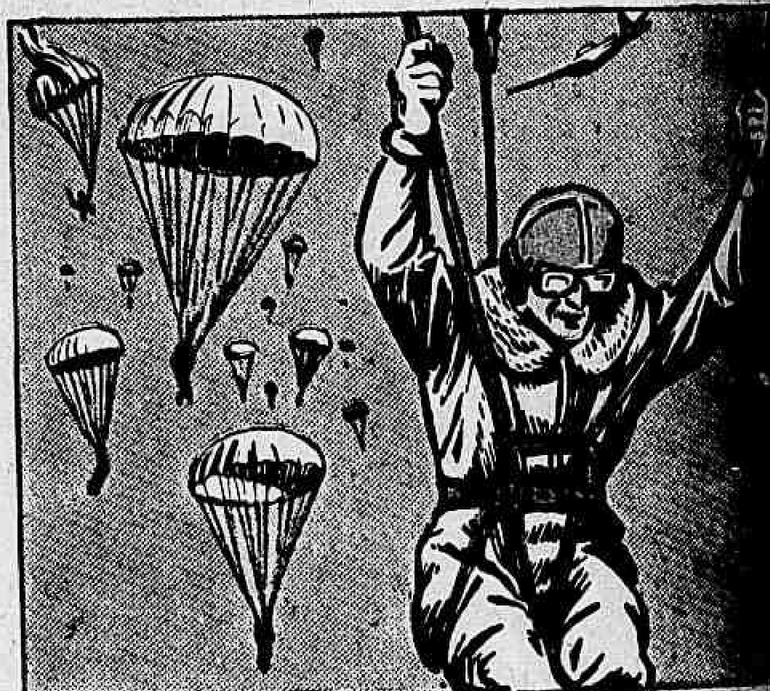




49 De início, o Dr. Ree julgou que tudo não passava de uma pilhéria de Lupardi; mas, depois que o estranho aparelho começou a subir cada vez mais, e ouviu, pelo fone, o louco dizer: "Adeus, senhores! Que tenham bom tempo durante a sua exploração na Lua!", êle reconheceu que estariam condenados à morte se não pudessem sair dali. Lembrou-se da alavan… teto do infernal avião. Talvez pudessem escapar. E gritou: "Atenção, … Todos firmes!" Puxou a alavanca. Sentiram um choque e a parte da … estavam se destacou do bojo. Seis pàra-quedas abrem e êles vão cair …







50 Os aviadores que vinham socorrê-los vêem, de seus aviões, a incrível cena. Rob pensa em Lupardi e Yoto, que, a esta altura, procuram fugir. Vê os amigos caindo naquele pedaço da máquina infernal de Lupardi e acha que a ocasião de agir chegou. O pilôto do avião líder dá uma virada e Rob cai de pàra-quedas. Dos demais aparelhos os pàra-quedistas saltam sem … mora. Num instante, sôbre tôda aquela região onde caíram os prisioneiros … Lupardi, o céu se cobre de pàra-quedistas, descendo também munições … volumes de alimentação. A manobra tinha sido perfeita e o cap. Rob …







51 Rob veio cair não muito distante do local em que caíra o "nariz" do estranho aparelho de Lupardi, num recanto rochoso daquela zona. O colossal pedaço do aparelho do louco ficou dentro de um terreno onde Lupardi havia cultivado couve. Rob desvencilha-se do pàra-quedas e corre para seus amigos. "Alô!" exclama ao ver o Dr. Ree. "Lupardi estava despachando-os para a Lua? Pois fracassou". Rob leva todos os seus companheiros … e os apresenta aos pàra-quedistas que vão chegando de todos os lados. "… vamos pegar êsse velhaco de Lupardi, não?" Perguntou um aviador.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICA — Rob, depois de levado para uma região deserta, encontra um navio abandonado sôbre o gêlo, com a tripulação morta. E' recolhido a bordo de um submarino e, a convite do Dr. Ree vai, em companhia dêste e de mais dois marujos, investigar a instalação da cidade atômica do sábio e louco prof. Lupardi. Chegando lá, conseguem burlar a vigilância das sentinelas — uns pinguins amestrados — mas caem prisioneiros de Lupardi e de seu assistente Yoto. Depois de lhes serem mostradas as instalações, são encerrados numa sala. Mas Rob consegue fugir e, ao dirigir-se ao submarino é atacado a bombas por Lupardi. Rob chega a obter auxílio. Os companheiros de Rob são "despachados" para a Lua, num dirigível. Os aviões que estavam tratando de sarvá-los, voam para a Cidade Atômica.

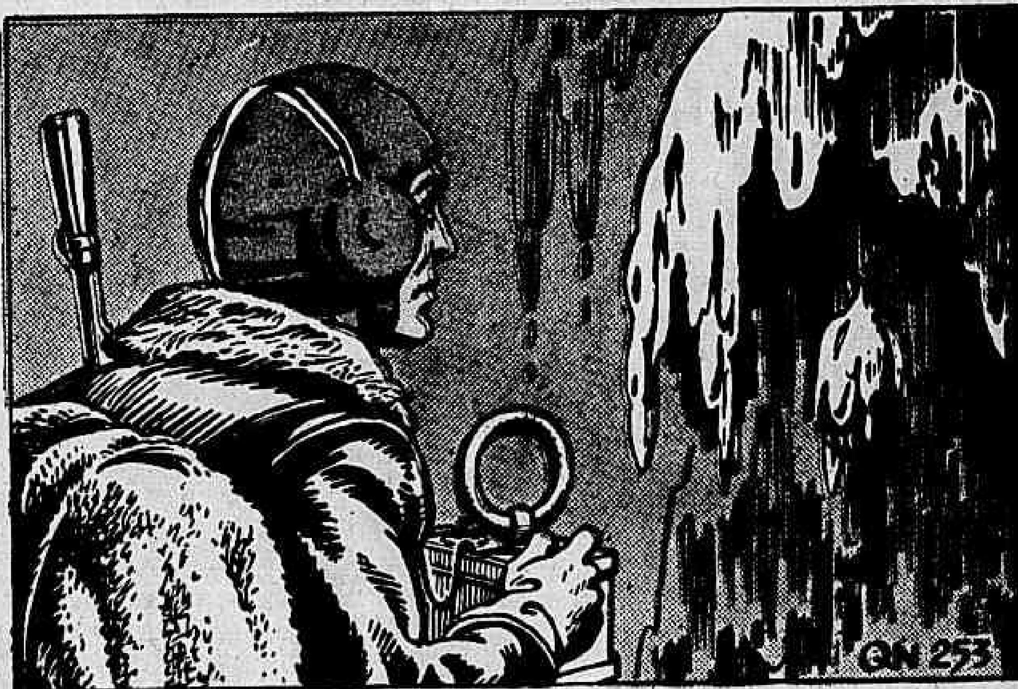






52 Os pàra-quedistas prontamente bivacam no terreno. Um dêles procura contato com o porta-aviões. Mas nada consegue porque Lupardi está interferindo propositadamente. Estranho era que a temperatura estivesse caindo. Lupardi devia estar acionando os seus aparelhos de alterações térmicas. Mas ainda não era nada. Sùbitamente grande cerração se forma e núvens como cúmulos cercam o ambiente. A cidade atômica de Lupardi está agora escondida em intransponível véu de vapores gelados. Rob pergunta ao comandante que providência devem tomar. Êste não sabe. Então Rob pede que o deixem agir.







53 Primeiramente vai até a um esconderijo onde havia deixado o seu barco. Ali apanhou a pele do pinguim com a qual pôde escapar. "Isto ainda me vai valer", diz. Então êle vai seguindo a direção da interferência que é cada vez mais forte. A temperatura já estava muito abaixo de zero. A vegetação plantada pelo louco Lupardi estava enregelada. Poucos dias antes tudo aquilo estava em flor. A cada passo o detector de som ia registrando mais perto o ruído da interferência. Súbito êle se viu diante de enorme mastro. Aquilo devia ser o transmissor de Lupardi, pois ouvia o ruído de qualquer posição em volta.







54 Agora, aquela arma providencial à prova de rádio-atividade que o comandante do porta-aviões lhe fornecera, ia ter utilidade. Coloca-a na posição de mira, visa cuidadosamente a aparelhagem rotativa que estava lá em cima da tôrre e aperta o gatilho. A antena de transmissão cai pelos ares e a interferência deixa de se fazer ouvir imediatamente. O acampamento consegue ligação, e todos se sentem contentes. Rob se comunica com êles e lhes diz: "Estou pertinho da cidade atômica. Parece que as coisas não andam bem por lá. A visibilidade melhora por aqui. Vou dar uma espiadela de perto. Até já, rapazes!

A SENHORA DEPUTAD

WENCESLAU ROSA

NAQUELE dia a situação do casal sofria um sério colapso.

Logo ao amanhecer o pacato Gustavo apanhou o jornal na banca da esquina, caminhou para o apartamento, foi ler as notícias na sala de jantar. Fêz um gesto de enfado. Falou alto: "Política, sòmente política".

Estava farto. Durante o dia, no Ministério, só ouvia comentários em tôrno de assuntos políticos. Seus companheiros discutiam, tomavam partido, davam palpites acêrca do futuro candidato à presidência da República. Às vêzes, tomavam o problema a sério, davam a impressão de que iriam brigar.

Gustavo era inidiferente às opiniões, não tinha candidato. Pouco importava os nomes. A vida não mudaria, tinha que agüentar de qualquer modo. O que lhe sobrava era o trabalho monótono, estatísticas, informações. Tinha mulher, três filhos pequeninos, e por cima de tudo a sogra. Que lhe importava a política?

Deixou o jornal numa cadeira, espreitou para a porta que dava para a cozinha. Queria o café. E Madalena atrasava, como sempre. Impaciente, chamou pela espôsa: vem ou não vem, Madalena?!

E Madalena apareceu, trazendo o bule, a leiteira. Falou irritada. "Que pressa é esta, hein?"

Gustavo não discutia, não gostava de discutir. Se tentava, logo ficava abafado pelo tumultuar de palavras da espôsa. Para que discutir? Não ganhava nada com isso.

Madalena serviu o leite, o café. Deixou explodir a irritação. Pois era aquilo, todo o dia; levantar, fazer o café, o almôço, cuidar da casa, passar a roupa. Estava farta.

— Sim, estou farta de tudo isto! Estouro um dia!

— Ora, filha, não vale a pena lastimar-se. Não se ganha nada com isso...

Não ganhava, não; cada dia que passava era pior. Por que é que não arranjava um aumento de ordenado? Botaria uma empregada, descansava.

Gustavo tinha os cotovelos sôbre a mesa, as mãos espalmadas sôbre o rosto, um ar idiotizado na face. Pudesse, e arranjaria uma empregada, duas. Mas arranjar de que jeito?

— E' um buraco, filha. Mas que se há de fazer?

Madalena foi ao quarto ao lado, trouxe os dois filhos menores. Um era ainda de meses, loirinho; o outro tinha dois anos, já travêsso, andando pela casa. O mais velho, sempre doente, ficava na cama até tarde, entregue aos cuidados da avó.

Gustavo apanhou o pequerrucho, segurou-o um instante; em seguida devolveu-o à mãe, ergueu o outro, beijou-o. Durante alguns minutos girou pelo apartamento, fazendo festas ao garotinho. Depois olhou o relógio — oito e vinte. Tinha que sair, chegar às nove ao Ministério.

Atraiu a espôsa, beijou-lhe a face. Pôs o garôto no assoalho. Chegou à rua, acendeu o cigarro.

★

Madalena sentou-se junto à mesa, apanhou o jornal. Pôs-se a ler. Acompanhava os assuntos políticos. Gostava daquilo, trazia no sangue a vocação para a política. Seu pai havia sido chefe do P. R. M. no Estado de Minas; sustentara várias lutas, fizera muitas eleições. Lembrou-se das brigas, das competições. Tinha que gostar da política, aquilo era coisa de família.

Sua velha mãe abriu a porta do quarto, trazendo o netinho mais velho pela mão. O pequeno abraçou a mãe, rumou depois para o banheiro, acompanhado da avó.

Madalena ficara como que pregada no mesmo lugar. Olhava o céu através da janela, um céu muito azul faiscante. Pensava.

Quando a mãe se lhe aproximou de novo, ela falou: "Sabe de uma coisa, minha mãe", E sem esperar resposta foi logo dizendo:

— Vou-me candidatar para deputada.

A velha meneou a cabeça, teve um sorriso vago. Jamais contrariava a filha. Deputada? Parecia que só então havia compreendido.

— Pois sim, querida.

E arrastando o neto, murmurou para si mesma: "Não foi por falta de surra que ela ficou assim".

★

E então foi uma tragédia.

Gustavo entrou em explicações, falou alto. Pela primeira vez, durante tôda a vida de casado, ouviu a sua voz num diapasão agudo e enérgico. Que jamais toleraria semelhante besteira; que botaria a casa a baixo.

— Sim, ponho tudo em cacos! Ouviu bem, Madalena?

Ela avançou para êle, grandiosa, majestatica. Tinha um sorriso feroz na bôca, os olhos cheios de fogo.

— E' assim, não é? Pois vou mostrar a você que não tenho mêdo de ameaças. De mais a mais, quando foi que você cantou de galo nesta casa?

Dona Guilhermina ouvia em silêncio. Estava apalermada. Com muito custo resolveu interferir no desaguizado:

— Política não é coisa de mulher, minha filha. Fica quietinha, cuida dos filhotes...

Gustavo animou-se.

— Pois é isto, Dona Guilhermina; lugar de mulher è dentro de casa. Para fazer palhaçada política basta o homem.

— Que é que você entende de política, boboca?

Dona Guilhermina assumiu um feitio imponente, falou, grave:

— Lembre-se de seu pai, Madalena. Quanta maluquice por causa da política. Levou tiro, deu tiro. E era do Govêrno...

Mas a moça não ouvia. Andava agitada pela pequena sala de jantar. Tinha resolvido. Promoveria o ... seu nome. Falaria ao tio, homem rico, amigo ... grossa da administração. Êle a ajudaria.

Gustavo maneou a cabeça, derrotado. Sentou-se ... mulher, inquieta, cheia de nervosismo.

— Que é que você vai ganhar com isso?

Êle amava-a. O mundo era Madalena. Não ... nada diante dos olhos. E fôra sempre assim. ... com loucura desde que a encontrara pela primeira ... Loira, alta e branca, ela fascinara-o, prendera-o ...velmente.

Tinha-a na imaginação, o lábio a sorrir, os ... alvissimos e perfeitos. Seu corpo era de linhas ... o andar firme, ademanes de uma graciosidade ... cantava. Apesar dos quatro anos decorridos, ... sempre cativo aos seus encantos. Amava-a cada ...

— E agora a política, para atrapalhar!

★

Dias após o nome de Madalena aparecia nos ... Cartazes com o seu retrato surgiam nas paredes ...cios. Traziam legendas expressivas: "Uma voz ...gue em benefício da mulher! Assistência à Infância ...donada!"

(*Continua na pág. 51*)





Deuses do Candomblé

UM CASAMENTO EM UMBANDA

Caboclo Sete Flexas, um deus de Umbanda, com as roupagens do ritual, sentado no seu trono simbólico, recebendo homenagens de seus vassalos. Um dêles estendido no sólo.



Mãe de Santo em trânse, de charuto aceso e fumegante, entregue ao ritual. Tipo da sacerdotisa clássica, invocando os Protetores do credo, esteios do terreiro.

Filhos de Santo recebem Satanaz, De máscara desfigurada, cabelos em desalinho. vestes sôltas, corpo em convulsão, encontram-se em fase de absoluta inconsciência



DEUSES DO...

A NOIVA DE VÉU E GRINALDA. OS CONVIDADOS DESCALÇOS. A CERIMÔNIA NO TERREIRO ★ MULHERES "MÃE DE SANTO" E HOMENS "DEUSES DE UMBANDA" ★ O ESPÍRITO É MAIS FORTE QUE O AMOR ★ UM POUCO DE HISTÓRIA AFRICANA

Texto e fotos de NILO VELOZÔ

DESDE os primeiros dias da humanidade que uma luta gigantesca titânica se vem travando. Busca o ser humano desvendar o mistério profundo que envolve a sua origem e o seu futuro, Busca explicar a si próprio o que seja a alma ou a fôrça criadora de tudo quanto existe Reunem-se em associações cientificas ou em religiosas, dividem-se em suas conclusões, criam e idolatram seus Deuses, morrem e lutam pela sub-existência dos mesmos, crêem e abjuram sua Fé. Milhões de religiões têm dominado a humanidade, e quanto mais nos aprofundarmos em estudá-las mais encontraremos o homem em seu esfôrço para sobreviver à inércia da matéria. Mesmo nos povos tidos como os menos civilizados, mesmo entre êstes encontraremos esta luta em aguda forma. Espalhada por todo o Universo a Religião, levantou seus templos: no Japão a Buda, na velha e sábia China, Confúcio vê sua doutrina seguida por milhões, o Positivismo e o Protestantismo ao lado do Catolicismo dominam grande parte da humanidade sequiosa pela vida eterna. Hoje a liberdade de culto é uma das grandes conquistas do homem. Mas nem sempre foi assim, lutou o *Negro* quando aqui chegou trazido das terras livres da Africa como escravo, lutou contra o senhor de engenho e contra o Clero, lutou e sobreviveu. Trazia os navios negreiros em seus bojos não só corpos amarrados e dominados pelo poderio Português de então, mas sêres pensantes possuidores de uma Religião, talvez uma das mais velhas do mundo, e que não poderia ser destruida pela fôrça material, pois ela existia profunda enraizada em sua própria vida, sim, porque se analisarmos a pluralidade dos cultos dos negros como o Gegê, o Nagô, o Bantu e o Bantu-Amerindio ou o culto Malê, de origem Islâmica, veremos que todos êstes cultos se fudiram em um só — Ubanda, que reunido todos os cultos Africanos acrescentando a fusão ou absorção do culto dos nossos Indios que o negro obrigado muitas vêzes a viver ao lado daquele achou prudenet fundir também sua religião, religião nativa, e vemos hoje ao lado dos amuletos africanos o arco e a flecha do nosso índio. Criou mais ainda o prêto escravo, criou o Caboclo 7 flechas, temido e respeitado nos terreiros de Umbanda. A Umbanda dispõe de todos os elementos que compõem uma religião, Sacerdote, ou Sacerdotisa, tem sua liturgia, divindades e seu ritual, com seus adeptos e oficiantes.

Nasceu então no Brasil o Culto Bantu-Amerindio da fusão do Nagô, Gegê e do Bantu, êste culto reuniu o Prêto, o Mulato e o Branco. Perseguidos os Negros foram forçados a servirem-se dos Santos Católicos cujos nomes e estampas passaram a figurar em seus "Gongar" ou Altar em substituição aos omuletos Africanos, para desta forma enganarem aos seus "Senhores" e ao Clero. Foi tornando-se um hábito, e hoje nós vemos nas festas do Senhor do Bom-Fim da Bahia, tôda a Umbanda tomando parte, e porque não dizê-lo, fazendo com que cada ano seja maior aquêle tradicional festejo. Os Orixás maiores constitui uma côrte de altas divindades que nunca baixam à terra. Os Orixás menores são os Deuses de que se servem os Orixás





Omolu, deus da Peste e dos Cemitérios, também se apresenta entre quatro velas e coberto de branco. Êle corresponde a São Bento, na transformação feita pelos negros do Brasil.



«Gongar», ou altar de Umbanda, onde se fundem amuletos africanos e santos católicos de todos os tipos.



Yemanjá, a grande Deusa das águas, largamente festejada na noite de São Silvestre, com a presença de seus adeptos às praias onde são jogados ramalhetes de flores perfumadas.



Ogun, Deus da Guerra, que corresponde a São Jorge entre os santos católicos. E' dos mais respeitados e o caboclo que lhe interpreta a figura, não prescinde da espada para atacar o dragão.



maiores para se comunicarem com os mediuns, ou praticantes da Umbanda. Êstes Orixás menores uma vez incorporados nos Mediuns, comem e bebem como se estivessem vivos, e libertos de seus aparelhos tornam à vida de espírito. A Umbanda possui também seus *Exus*, espíritos diabólicos, a quem os praticantes de Umbanda temem e respeitam e de quem servem para a prática do mal, em troca de azeite de dendê cachaça fumo, sangue de bode ou de Galo Prêto. Êstes espíritos *Deuzes de Umbanda* quando tomam um "Medium" o deformam até os tornar irreconhecível, a bôca fica torta, as mãos crispadas, o olhar adunco e tremend[o] falam e gritam, comem o fogo do própr[io] charuto, e muitas vêzes atiram com o "Me-dium" dentro do fogo ou em precipíc[io] de forma que não se pode deixar de es[tar] vigilante quando *Exu* está manifestado. [A] Umbanda forma em 7 anos de curso e s[a]crifícios seus sacerdotes ou sacerdotisas, q[ue] se denominam do acôrdo com a regi[ão] Pai de Santo, Príncipe de Umbanda. [B]balaô, Olorum.

As mulheres vêm de algum tempo p[a]rá se dedicando e absorvendo o lugar "Mãe de Santo" ou sacerdotisa dispõe

ajuda
e qu
dos I
As
bem
e sãc
chos
de C
"Pai
aquê
xás.
alma
deros
pung



Filhos de Umbanda entregues ao seu ritu... Máscaras estranhas, fisionomias que impre... sionam e olhares penetrantes como punha...

ajudantes a que dão o nome de Ogans, e que ajudam nos rituais, nas invocações dos Protetores e são os esteios do terreiro.

As iniciantes já bem desenvolvidas recebem o nome de "Pequenas Mães de Santo, e são encarregadas das *oferendas* ou *despachos* aos espíritos diabólicos. Dão o nome de Cambones aos ajudantes masculinos do "Pai de Santo". Filho de Santo é todo aquêle que já desenvolvido recebe os Orixás. Há na Umbanda a crença em que a alma é imortal e que um Deus todo Poderoso rege o Universo, seja: Zambi-Ampunga, Zambi, Zambipungo, Zambiapungo ou Zamba, Malungo ou Ganga, todos representam a mesma personagem — *Deus*.

CASAMENTO EM UMBANDA

Êle um jovem de côr prêta ela, mulata vinda diretamente do negro e do europeu. O tradicional véu e grinalda emolduram-lhe o rosto. No terreiro onde se vai a cerimônia, 50 filhos de Umbanda os espera em trajes próprios ostentando as insígnias dos seus Protetores ou Orixás. Ao fundo o Gongar ricamente ornamentado, onde se nota em lugar de relêvo uma belíssima espada de fino aço dedicada a S. Jorge o Ogun de Umbanda. Homens à direita e mulheres à esquerda, todos descalços, formam em frente ao Gongar uma ala por onde deve passar o jovem par. São dezoito horas. O casal dá entrada no terreiro. A Sacerdotisa concentra-se e inicia o canto evocativo ao Ogun o grande Orixá para que venha presidir a cerimônia de "Cruzamento" de dois filhos de Umbanda. Caminha pela ala formada pelos filhos e filhas de Santo até o Gongar o jovem par. A Sacerdotisa os manda ajoelhar, e retirada a espada dá início à cerimônia. Ouve-se o bater cadenciado das palmas marcando o ritual. A espada agora na mão da Sacerdotisa descreve uma cruz no espaço, e cruza ora a cabeça do noivo, ora a da noiva, as palmas vão aumentando de intencidade, junta-se ao bater dos pés transformando o ambiente totalmente e um não sei que de nervoso perpassa tudo. A um sinal da Mãe de Santo faz-se um silêncio impressionante. Agora ela pergunta em voz pousada quem vai ser a madrinha da cerimônia — a noiva responde que é uma *"velha africana"* e que o Medium que a recebe se acha na assistência. Imediatamente a espada é apontada para uma senhora



Filhos de Umbanda, recebendo a visita de negros africanos, deuses da estranha religião. Ao som do batuque e cânticos, o prêto velho pita o cachimbo e canta...

que começa a tremer como se fôra tocada por uma faisca elétrica.

Todo o corpo se retorce até que cambaliante e trôpega se aproxima do noivo. A Mãe de Santo os lembra que aquela união é eterna, pois projeta-se através do espaço, não só os corpos ficarão unidos pelas leis que rege Umbanda mais os espíritos, ficarão também unidos por tôda a eternidade. Enquanto isso se passa a "Velha Africana" resmunga ao lado, ou canta um velho cantochão que lembra os lamentos partidos de pobres senzalas, é a *madrinha do casamento* que recorda o tempo em que vivia como nós outros... Mas não terminou ainda a cerimônia. No terreiro todos os filhos de Umbanda receberão seus Orixás que aproveitam a oportunidade para viverem como "homens encarnados..." A nossa atenção está agora concentrada na noiva que assiste o desenrolar dos acontecimentos. Filha de Umbanda nascida e criada em Umbanda ela não poderá ficar impassível, os seus olhos começaram a se agitar, as mãos começam a ficar tortas, e rápida atira o "bouquet" para o ar, rodopia sob a grande cauda de seu vestido de noiva. Os olhos parece que vão saltar das órbitas. Em nada se parece com a noiva de a pouco... Nin-



De arco e flexa, cabocIo Sete Flexas toma pose visando um alvo imaginário.



Filhos de Santos recebem Satanaz. E' preciso contato com êle para uma limpeza geral...



Casa de Exu, onde mora Satanaz. Caveira coberta de terra do cemitério, charuto, cachaça, pipoca e um bife. Os crentes descobrem-se, ao passar diante do «serviço».

guém ousa interferir, é o Orixá, é um Deus que alí está se manifestando, é o espírito de Umbanda que é mais *forte que o Amor* e obriga o seu instrumento a sua filha a trazê-lo a terra para tomar parte na grande festa. Ao voltar, ao seu estado normal se retira os jovens casados deixando a festa no terreiro de Umbanda até alta madrugada.

Tudo o que já vos foi dito poderá parecer uma grosseira mistificação, vamos então recorrer à palavra autorizada de um célebre escritor, — Donald Pierson, que em seu livro "Brancos e Pretos na Bahia" página 351 nos diz... "A fim de verificar sua aceitação pelo Orixá, pode-se exigir que a Filha de Santo se submeta, sem mostra de dano corporal, uma prova, tal como engulir pavios acesos de vela, embebido em azeite de dendê, mergulhar as mãos em óleo fervente de palma, mastigar fôlha de ortiga, ou submeter-se ajoelhada, a ser batida no pescoço e nos braços com ramos de cansação espinhoso".

E aí fica um resumo do que vai pelos candoblés do *Rio*, trazido até nós pelo espírito conservador do negro que repete em 1952 os mesmos rituais de 1500, apenas tendo substituido os nomes de seus Deuses pelos nomes de Santos Católicos.



Exu, personificação de Satanaz. As filhas de Santo fazem côro enquanto êle executa passos.



Yemanjá, a grande deusa das águas, com as roupas de luxo e o copo de líquido «trabalhados».

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Conto de

EDGAR SOUSA MACHADO

DIZEM os espíritas que viemos a êste mundo deixando para trás várias encanações, isto é, que muitas vidas já temos anteriormente vivido. Todavia delas não nos podemos nunca lembrar. Assim devia ser com o passado. Deviamos também esquecê-lo para nossa própria felicidade. O passado, contudo, é coisa que se prende a nós, de modo vivo. E' como se estivéssemos num cinema, a ver sempre reproduzidos os mesmos filmes, as mesmas cenas. Avaliem vocês quanto êsse passado é doloroso. Se eu não tivesse recordação, se eu esquecesse, talvez pudesse ainda ser feliz, porém o que passou se levanta contra mim, a cada passo, inexoràvelmente.

Já vivi tanto, já tive tanta recordação, já causei tanto mal, que tudo para mim terminou. Sou uma inútil. O meu caminho seria afundar-me cada vez mais no caos. Nem isto poderei mais. A moléstia de meu pai, finalmente, me atingiu. Estou bastante fraca. Ontem tentei sair e me trouxeram de volta, nos braços, a esta casa de mulheres perdidas. Como têm sido elas boas para mim! Sinto-me tonta e asfixiada nesta vida que me venceu. Será que o mundo é mesmo errado, ou somos nós que o fazemos?

Minha tia Maria me salvou a vida e destruíu a dela. P'ra quê? Seu sacrifício foi inútil. Para mim, titia foi uma segunda mãe. Amei-a, a princípio; todavia, depois que ela se foi e comecei, sòzinha, a sofrer e compreender mal a vida, principiei também — perdõe-me mais êste pecado, meu Deus — a odiá-la. Por quê? Perguntarão vocês. Respondo: Porque se foi e me deixou só. Eu é que devia ter ido e ela ficado. Êste era o desfecho de nossas vidas. Ela alterou. Desviou o destino. Tinha êste direito? Devemos lutar até vencê-lo? Meu modo de pensar é diferente, talvez, da maioria. Quando surge uma dificuldade, não devemos tentar atravessá-la. Os céus não querem? Devemo-nos conformar. Lutar contra as fôrças do destino, é enfrentar a Deus. E' ir contra Êle. E' blasfemar. Todos nós viemos a êsse mundo para carregar uma cruz. Não devemos aliviar o pêso aos que a carregam.

Tia Maria enfrentou o Onipotente. Foi castigada. E os acontecimentos seguiram rumo errado. Sacrificou-se. Desprezou o seu grande amor, o ente querido e me jogou à vida; eu não sei para que até hoje. Não estava destinada a viver. E nem preparada para ser ungida como um ente que devia receber o batismo desta existência.

Sou uma sombra. Uma fôlha na correnteza. Um corpo sem cabeça. Sou, intimamente, paralítica e aleijada. Ela me fêz andar, mas a vida me tratou de qualquer modo como se eu fôsse entrevada.

Jesus disse: "Amai-vos uns aos outros. Ama ao teu próximo como a ti mesmo". Muita gente interpreta diferentemente as palavras de Cristo, supondo ter êle dito que devemos amar muito mais o próximo de que a nós mesmos. Minha tia era bastante religiosa e boa, por isto mesmo interpretou mal as palavras do Nazareno. Devia primeiro ter pensado nela e depois em mim. As coisas teriam seguido rumo melhor. Se eu hoje tivesse sentada numa cadeira de rodas certamente seria muito mais feliz, tendo-a viva, casada, feliz, cheia de filhos, sempre pronta a velar por mim. A moléstia ter-me-ia dominado o gênio, a maldade. E talvez eu aprendesse a amar o próximo.

Dedicação exagerada a uma pessoa é prejuizo recíproco, e, aos olhos de Cristo, pecado. O suicídio é crime, quase tôdas as religiões o condenam. Por quê sòmente o suicídio material é crime? Também não é crime alguém sacrificar-se, resignar-se, castigar a alma e o coração, fugir aos ditames da natureza, abandonar a vida, desprezar o futuro, quando tudo indica momentos de ventura e felicidades?

Eu me estou tornando muito prolixa. Vocês estão ansiosos por ação, fatos e não palavras. Pois bem, início a minha história. Talvez sirva de exemplo para muita gente. Eu não conheci meus pais. Da morte de minha mãe, nada sei. Meu pai, irmão de tia Maria, morreu tuberculoso. Sòmente depois de moça feita é que soube da luta e do sacrifício de minha tia para salvá-lo, durante mais de dois anos. Tempos depois, por coincidência do destino, tornou-se enfermeira de mim mesma. Como me revolto, como me constrange o coração ao pensar nisto!

Quando meu pai morreu eu tinha oito anos. Era criança sadia, corria, brincava, saltava. Tia Maria devia nesta altura já ter ultrapassado os trinta anos. Não era moça bonita e nem feia. Simpática, era muito. Tipo pequeno, decidida, altiva, enérgica, trabalhadora. Diziam que eu era o retrato dela. Seria por isto que me queria tanto?

A paralisia das pernas me veio quase repentinamente, fora outras complicações. Lembro-sme, sim. Eu saíra tão feliz naquele dia para a escola que ficava num povoado distante de nossa propriedade. Na hora do recreio, ao correr, senti que o chão me fugia dos pés. Caí. As colegas riram e eu chorei amargamente, sem poder levantar-me. A minha professôra tomou-me nos braços. Fêz-me caminhar. E como eu não me estava sentindo bem, mandou-me imediatamente embora. Cheguei carregada. Só uma perna se movimentava, a princípio; a outra eu a conduzia, arrastando. Foi a última vez que fui àquela escola. Tia Maria ficou apavorada e supôs que eu tivesse fraturado a perna.

Começou a luta de minha tia. Levou-me a cidade várias vêzes. Remédio, médico, dinheiro. Tudo se consumia, menos a paralisia. Já farta da vida do interior, vendeu o que meu pai havia deixado e veio morar na cidade. Tudo fêz para salvar-me durante dois anos. Carregava-me nos braços, tratava-me com carinho, fazendo-me todos os gostos e nunca permitiu empregada.

Aqui faço parêntesis. Deixo que o amor se aproxime, penetre em nossa história. Titia era mulher, portanto, coisa natural, também teve o seu namorado. Observei a luta que travou dentro de si. Amou-o com loucura, porém o desprezou. Não entrarei em pormenores. Sòmente muitos anos depois pude reunir os retalhos de sua vida amorosa, em minha companhia. Quanto foi intenso e forte aquêle amor, de parte a parte! Aquelas lágrimas derramadas às escondidas e que me causavam tanta admiração! Lembro-me de um dia. Eu estava deitada. Ela lia uma carta e as lágrimas molhavam o seu rosto. Perguntei:

— Titia, por quê está chorando?

Ela se assustou e perturbada, exclamou:

— Não é nada, minha filha; é que... estou relendo uma velha carta de seu pai. Eu o estimava muito.

— Posso ler, titia?

— Vá dormir, amanhã eu lhe mostrarei.

Com o tempo compreendi que a carta não podia ser dêle. Jamais se separaram.

Depois aquêle olhar parado, pensativa, indiferente. Aquelas tardes em que me carregava para a janela e lá fora ficava por trás de mim para vê-lo passar, virando o rosto quando êle se aproximava.

Eu o conheci. Pois a empregada me dissera uma vez, mostrando-me: "Sônia, aquêle rapaz vai casar com sua tia. Você ficará esquecida. Terei então de carregá-la. Vai deixar que isto aconteça?"

Não sei se foi por isto que passei a odiá-lo. Daí começou minha maldade. Tôdas as vêzes que eu estava à janela e êle surgia à esquina, gritava para minha tia a fim de levar-me para dentro, dizendo estar-me sentindo mal. Justamente em momento tão precioso para ela!

Aquelas cartas quando se afastou da cidade. Finalmente as vêzes em que foi grosseira para com êle, indecisa, com receio de que o casamento viesse separar-nos. Duas vêzes êle falou em casamento. E a resposta dela era sempre uma frase dúbia. Era católica, rezava, fazia promessas e sempre teve fé em que um dia eu me curaria, e tudo seria resolvido a contento. Como se enganou!

Finalmente novo êxodo. Viajamos para a grande metrópole. Ia submeter-me a um especialista. O resulatdo do exame foi negativo. Recomendaram-na que me internasse numa instituição para incuráveis. Antes, porém, como amiúde acontece àqueles que não perdem a esperança, começamos a nos deslocar para todos os lugares onde houvesse salvação; locais à beira mar, fontes térmicas, drogas e tratamentos variados. Não sei mesmo como o meu corpo resistiu a tanto!

Finalmente, aquela notícia. Um padre operava milagres. Depois da bênção homens e mulheres deixavam as muletas e saíam caminhando. Minha tia não titubeou e para lá nos dirigimos. Longa viagem. O transporte era difícil, em virtude da quantidade de peregrinos. Fomos de caminhão. Em cada fisionomia, em cada pessoa, víamos estampado o sofrimento de doença incurável. Não sei como minha tia suportou aquêle ambiente, aquêle mau cheiro. Eu, apesar de criança, revoltei-me e chorei; ao parar num lugarejo, fiz finca-pé e fui levada quase a pulso. Finalmente chegamos ao local dos milagres, à hora da prece. Rezavam o Padre Nosso... Depois cantaram. Ouviam-se vozes de todos os tons. Aquilo me deixava uma impressão muito dolorida. E nenhum salutar me fazia. Minha tia me carregou e abriu caminho no meio da multidão. Difícil seria aproximar-se do padre. Dava-me conselhos para que eu rezasse, me concentrasse. Disse-me delicadamente:

— Se tiver fé, Sônia, você ficará boa e sairá andando. Experimente...

— Não, titia — disse eu arrebatadamente — isso é bobagem. Como vou andar?

Não fiz nenhum esfôrço para caminhar. Não sei quanto tempo ali ficamos. Finalmente recebi a benção do padre. Ao voltar titia disse para mim:

— Você já pode caminhar, Sônia, minha filha. Vamos, tente dar alguns passos...

Eu ia experimentando... Neste momento um aleijado deixou as muletas, saíu correndo e gritando. O povo murmurou: milagre! milagre! E eu não resisti. Seria a maldade que imperava no meu íntimo? Abri numa gargalhada que atravessou a multidão estupefata. Não cheguei a dar um passo e fui ao chão. Minha tia não disse uma palavra. Silenciou. Tomou-me entre os braços e saíu. Senti-lhe os olhos molhados. Chorava. Teria eu a magoado profundamente?

Ao voltarmos, ela me recolheu a uma casa de saúde. Aí senti o que era sofrimento. Para curar-me, como última esperança, submeteu-me a todos os tratamentos necessários. Longas permanências em enfermarias. Fizeram-me transplantações de tecidos. O pior era o pêso da armadura que cingia minhas pernas. Revoltava-me. Muitas vêzes fui agarrada com violência. Tia Maria ficava prostada, sofria, ante à minha teimosia e brutalidade. Molhei, amargamente, de lágrimas os travesseiros da cama. Fiz-lhe nesta altura as piores grosseirias. Sempre fazia tudo que eu desejava, mas, para salvar-me, obedeceu as exigências do médico. Depois passamos à última fase: os exercícios. Eu lutava para sair do hospital, queria estar junto à minha tia. Foi esta ânsia que me fêz suportar o resto com resignação, e cucar-me.

Logo cedo um punhado de inválidos se exercitavam. Aprendi a caminhar de muletas, depois com bengala. Foi muito demorado. Porém, finalmente, sòzinha! A primeira vez, caí, mas, quando dei os primeiros passos, a alegrie de tia Maria — maior que a minha — fê-la abraçar-me fortemente e beijar-me. Que luz de felicidade irradiava de seu olhar! Chorava e ria ao mesmo tempo. Disse:

— Graças a Deus, Sônia, em breve você estará completamente boa.

Eu não posso compreender porque recebi aquêle júbilo com tanta indiferença. Previa eu o fim? Veio-me até vontade de zombar de tia Maria. Intimamente me sentia até triste. Se a minha vida era tão boa

Ilustração de GIPSON DE FREITAS

assim aleijada, mimada, acariciada e carregada por ela!

Regressamos. Tornei-me uma adolescente ignorante, mal educada, cheia de caprichos e defeitos. Tia Maria me havia reformado fisicamente, poderia ela reformar-me moralmente? Já era tarde, mesmo porque seu pensamento passou a pertencer a Conrado que voltara a assediá-la. Começou a esmerar-se no vestir. Passeavam juntos. E à janela a sós, afastando-me, ficava a esperá-lo. Eu me sentia loucamente enciumado. Certo dia, ela e a nossa vizinha conversavam. Eu estava num canto da sala a ler. Prestei atenção à palestra:

— Maria, você não deve fazer o Conrado esperar mais. Está a torturá-lo.

— Realmente. Sônia está curada. Estou será fácil.
esperando momento oportuno. Agora tudo

Fiquei acabrunhada, triste. Ia perdê-la. Ciúme feroz, mau e inexplicável, dominou o meu coração. E cometi o maior crime de minha vida. Fingi uma recaída. Deixei de andar. Não sei como tive fôrças para fingir tão bem! Tia Maria tão boa e eu tão má! Ficou abatida, adoeceu. Já era demais para ela aquêle sofrimento. Ia além de suas fôrças. E Conrado, tão paciente, foi, mais uma vez, pôsto de lado. Ela, nesta altura, já compreendera a má índole que eu possuía e me dava conselhos. Temia que, casada, com Conrado, eu levasse infelicidade a ambos. Enganei-a durante algum tempo, fingindo a recaída. Tivemos lutas tremendas. Disse-lhe que piorara ao saber que ia casar e deixar-me. Chamei-a de tia sem coração e ingrata, e feios nomes a Conrado. Não quis remédio, nem médico e exercício. Fingia chorar e desejar morrer. E uma vez que Conrado veio ver-me, tranquei-me no quarto. Recusei tudo, até as atenções de tia Maria.

Já farta da cama, dicidi andar um pouco no quarto, às escontidas. E o fazia, calmamente, desembaraçadamente, quando tia Maria entrou sem ser vista. Já estaria desconfiada? Ficou apreciando a um canto. Dancei, e quando numa volta, a vi, fiquei apavorada. Corri para a cama e caí no pranto. Desde então, me desprezou. E tudo mudou. Tornei-me para ela como uma sombra. Profundo silêncio começou a reinar entre nós. Eu era caprichosa e também emudeci, sem jamais procurar pedir-lhe desculpas ou ser-lhe útil ou atenciosa. Nada mais fêz por mim. E eu voltei a caminhar.

Pouco tempo depois caiu doente. O médico veio. Coração. Chamou Conrado e me entregou aos seus cuidados. O que lhe disse a meu respeito até hoje não sei. Pouco tempo depois, falecia. Suas palavras para mim, foram: — Sônia, você vai ficar só no mundo. Queira bem a Conrado. Se não moderar o seu gênio, nunca poderá ser feliz.

Repito mais uma vez: valeu o seu sacrifício? Os seus conselhos?

Conrado, gentilmente, me levou para a sua residência, onde vivia com a mãe. Ao entrar compreendi que se tratava de gente fina, rica e educada. O ódio ainda mais cresceu em meu coração. Sim, era aquêle mundo, aquêle ambiente que, estùpidamente, perdera minha tia! Em vez dela, a merecedora, eu era quem ia desfrutar tudo aquilo! Não. Seria sempre revoltada. E o fui com tôdas as minhas fôrças. Não houve gentileza, promessas, conselhos que me servissem. Fui desmantelada, vadia, cínica, falsa, mentirosa e brigava constantemente com os empregados. Horrorizada, a mãe de Conrado exigiu que êle me internasse num colégio. Fui expulsa duas vêzes. Mesmo assim, saí do último aos dezoito anos.

Voltei a residência de Conrado. Êle não se casara. Todos se esforçaram para ser bons amigo. Eu continuei a desprezá-los. A sombra de minha tia vivia a deslizar em volta de mim. Só desejava fugir dali. E a oportunidade veio. Namorei com um homem casado e com êle me fui. Êste me queria de verdade, todavia era vinte anos mais velho que eu, e não o amava. Com êle permaneci três anos. Não sei como me suportou tanto. Só muito amor. Por fim, passei a enganá-lo. Êle soube, não sei como. Disse-me numa tarde de domingo: "Vamos dar um passeio?" Estranhei o seu convite, porque raramente saíamos juntos. Concordei e, para meu espanto, chamou um automóvel.

— Para onde vamos, Artur?

— Em breve saberá.

Depois, pausadamente adiantou:

— Não me convém mais a sua companhia. Vou restituí-la a Conrado.

Fiquei vermelha de cólera. Que seria de mim? A família de Conrado não me aceitaria. Contudo, cìnicamente, indaguei:

— Posso saber o motivo?

Êle me olhou de molde a deixar-me receosa, pois era alto e forte, e meio grosseiro:

— Tem coragem, ainda, de perguntar o motivo? Peço-lhe, Sônia, que se domine e se conforme com o seu destino. Estou calmo. Se fizer uma cena, como já tentou algumas vêzes, sabe a minha maneira de agir. Não tolero mais fingimentos e mentiras. De você, nada mais quero. E não me interessa dizer-lhe à cara tudo que tenho dentro de mim. Não me provoque, portanto. Você mesma já me disse que era má. Tentei regenerá-la. Nada tenho mais a fazer por sua desgraçada pessoa.

Eu fiquei séria, a princípio; depois, caí no pranto. Mas, havia mais fingimento em meu sentir, que verdade. Observando a sua indiferença, adiantei: — Não irei e nem posso voltar à casa de Conrado. Êles são bons demais para mim. Leve-me para outro lugar qualquer.

Artur riu-se enigmàticamente e disse:

— Para outro lugar qualquer? Levá-la-ei para onde você merece. Verá...

Conduziu-me, o malvado, para êste antro. Fêz de maneira que nada desconfiei. Sòmente depois que êle partiu, compreendi minha situação. Tentei sair. E acabei ficando aqui mesmo. Mais uma vez... todos aqui têm sido tão bons para comigo! São melhores que eu.

Tudo perdi. Até as lágrimas secaram. Estou tuberculosa. Não aceitarei auxílio de ninguém. Nem recorrerei ao Artur ou Conrado. Odeio-os, a êles e a tôda gente boa. Que vão para o inferno. De bondade e compaixão estou farta. E tudo isto eu devo à infeliz idéia de minha tia, de lutar pela minha sôbre-vivência. Não tenho saudades de nada em minha vida. Por quê?

Agora que a vida me foge, ante o sofrimento, a dor, sinto que a conciência me mostra nova paisagem, como se eu tôda a vida olhasse o mundo através de vidro embaçado e sòmente agora êle começa a se mostrar límpido e luzido.

Amai-vos uns aos outros... Seria o meu mal nunca ter amado a ninguém, sentido compaixão ou praticado o bem? Teria sido isto o resultado da bondade inútil de minha tia? De seu sacrifício?

(*Continua na pág. 44*)



Carnaval



UZADO

MARIA ANTONIETA

PRÍNCIPE MEDIEVAL

"PRINCÍPIO DE SÉCULO"

PARA o baile de gala do Municipal ou para os demais, que vão realizar-se de agora até 26 de fevereiro, aqui estão alguns elegantes e luxuosos figurinos de Ramon. Príncipes e damas de honra, piratas e damas do tempo antigo, fadas e graciosas pagens, são ainda fantasias que se escolhem com satisfação. Elas permitem a maior variedade de côres, emprestando às suas donas, um encanto muito peculiar. Outros modelos serão publicados nos números seguintes e alguns mais ligeiros, de confecção mais rápida. Êstes, são, como se vê, para um baile de máscaras a rigor.



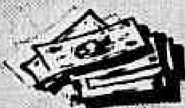
"1800"

"DAMA MEDIEVAL"

"LUÍS XV"

"MOSQUETEIRO"


De volta à minha casa meus dedos trêmulos tomaram o envelope que estava no meu bôlso e eu sentia horror...
Dinheiro! Milhares de dólares! As palavras de Russ me atormentavam.


Eu estava sem noção de nada. Jake Crocker, o jogador, havia subornado Russ para que êle perdesse o jôgo! E meu noivo, para não ser descoberto, colocara o dinheiro em meu bôlso.


Quando eu estava a meditar nisso, bateram à porta...
Que farei, meu Deus! De certo são os investigadores, que já sabem que Russ colocou o dinheiro em meu bôlso!
KNOCK
KNOCK


Aflita, coloquei o dinheiro num vaso...
Como pôde Russ fazer uma coisa desta? Mas não devo comprometê-lo! Êle fêz isso por mim! E talvez seja eu a culpada, por estar pedindo que apresse nosso casamento!
KNOCK
KNOCK


Que desejam?
Big Jake confessou que deu mil dólares a Clagett para perder o fôgo de hoje, e Clagett não teve outro recurso senão admitir que havia recebido, e que lhe havia entregue!


Está aqui no vaso.
Desculpe, miss Foster, mas vamos levá-la ao distrito para que deponha.


Mais tarde...
Oh! Russ! Como você fêz isso? Mas estou ao seu lado.


No dia seguinte...
Soube que o senhor foi quem salvou Russ da prisão. Muito lhe agradeço!
Fiz por você, não por êle!


Êle não devia tê-la envolvido nisso. O dinheiro colocado em seu bôlso poderia comprometê-la sèriamente. Espero que nada mais queira com êle!
Não. Não devo abandoná-lo. Êle fêz isso para podermos casar.


Não seja maluca, Ginny! Enquanto você não quer minha companhia, êle vive a passear com Clarissa Gay, a modêlo!
Não acredito!


Um tipo como Clarissa exige muito dinheiro, e eu os vi juntos em meios baixos. Ela, com certeza, foi quem tratou da "marmelada" com Jake, forçando Russ ao delito!
Vejam!
Oh! Não!


Russ obtém a liberdade por fiança e vôa para o México! Clarissa Gay diz aos repórteres que se casara com Russ antes do jôgo e foi com êle!
Êle se serviu de mim para cometer êsse crime. E agora, Hewitt, você vai perder a fiança!
Perderei se você continuar cega!


À noite...
Eu muito a amo, Ginny; mas, se ainda ama Russ, não quero fazê-la sofrer mais.
Você é o que eu desejei que Russ fôsse. Mas, também o amei quando o vi mas tinha mêdo da verdade!


Senti que meu amor a Russ na noite passada morrera completamente; mas não podia abandoná-lo sem causa.
Foi uma bela ação, a sua, querida. Mas sempre esperei que tudo acabasse assim!
THE END

AMAI-VOS UNS AOS...

(Cont. da pág. 35)

Todos que me cercaram na vida foram bons. Tive tudo à mão para ser feliz. Em tôrno de mim só encontrei bondade, amor, dedicação. A partir de minha tia, o hospital onde estive internada, a casa de Conrado, o colégio, o meu lar e, até estas mulheres que me cercam, desgraçadas e viciadas, têm os seus rasgos de atos bons e humanos. E, a seu modo, tôdas tiveram uma parcela de felicidade. Por quê sou diferente? Eu nunca tive paz e felicidade. Agora nestes últimos momentos, estou certa de que a felicidade consiste em dar, praticar bons atos, socorrer os semelhantes. Fiquem certos que receber felicidade, confôrto, carinho, riqueza, não induz a ninguém ser bom.

Só agora me vem a vontade louca de sacrificar-me por alguém ou alguma coisa. Como me sentiria aliviada e morreria satisfeita, se visse estampada na fisionomia de alguém, a gratidão, por um ato que eu tivesse desprendidamente praticado? Infelizmente, agora é tarde, muito tarde.

A MAIOR PROVA . . .

(Cont. da pág. 21)

ho e, na descida da Av. Angelica, aperaram o passo, em virtude de todos quererem disfrutar da situação.

o terreno, tentando buscar melhores colocações. Todavia, o alemão, em excelente forma física e com apurada técnica, manteve seu pôsto.

De volta, rumo à meta da chegada, na R. das Palmeiras, Luís Gonzaga vai melhorando sua marca, suplantando o chileno Cornejo, obtendo, resolutamente, o 3º lugar e continuando a avançar em direção aos líderes, que levavam uma dianteira de, aproximadamente, 20 metros. Nessa altura, Krucziky, lutando valorosamente, bate o iugoslavo, que apresentava os primeiros sinais de cansaço. Luís Gonzaga, ainda com grande reserva de energias, avançou e, palmo a palmo, foi dominando o terreno, passando Mihalovitch, na rua das Palmeiras, para não mais perder, até o fim da prova, o segundo pôsto.

A meta próxima e o alemão levava cem metros de vantagem. Luís, num supremo esfôrço, redobrou suas passadas, mas, infelizmente, nada conseguiu. Krucziky estava apreensivo e chegou, mesmo, a olhar várias vêzes para trás, preocupado com qualquer surpresa que seu valente adversário poderia apresentar-lhe.

Assim, sob ovações da multidão, entre o buzinar de veículos, o som de sirenes estridentes e o espoucar de fogos de artifícios o tedesco rompeu a linha de chegada, vencendo, galhardamente, a XXVII Corrida de São Silvestre.

PODERIA VENCER

Não há dúvida, quanto ao valor de Luís Gonzaga. Firmou conceito, perante a crônica desportiva nacional, graças às performances alcançadas durante o ano findo e soube manter sua forma, para dar ao Brasil o 2º lugar na estupenda prova. E, não fôra a pequena distância que separava Luís e Kruczíky da linha de chegada, poderíamos ter a certeza de que o valoroso paulista teria sido coroado como vencedor da grandiosa prova.

OS CINCO PRIMEIROS

ERIS KRUCZIKY, corredor germânico, vencedor da XXVII Corrida de S. Silvestre, desmente, cabalmente, a crença de que o atletismo só pode ser praticado entre jovens. Kruczíky conta 40 anos de idade e demonstrou, pela sua atuação firme e técnica apurada, ser um bravo esportista e digno representante de seu país.

LUIS GONZAGA RODRIGUES, representou a Federação Paulista de Atletismo e, ao conquistar o título de vice-campeão da corrida, justificou os elogios que sôbre êle fizera a crônica especializada da imprensa paulista, antes da prova. Bravo, impetuoso, dono de boa técnica, **Luís é um atleta** capaz de exigir os maiores sacrifícios dos seus adversários.

JOSP MIHALOVITCH, estupendo atleta iugoslavo, mereceu o 3º pôsto. Teve momentos de boa regularidade, mas caiu, um pouco, não suportando o "train" bastante forte da S. Silvestre.

RAUL INOSTROZA, foi campeão da S. Silvestre de 1948 e é muito simpático aos meios esportivos bandeirantes. Inostroza, que comandou a equipe de seu país correu bem, se nnunca aparecer no primeiro grupo. Porém, quando achou oportuno, avan-

(Cont. na pág. 44)



SAÚDE DO BEBÊ

Causas de inapetência da criança

Dr. SABOIA RIBEIRO

A recusa obstinada da criança ao alimento procede, na idade dos primeiros meses, de uma das seguintes causas: 1º — se o seu desenvolvimento é satisfatório, apenas acontece que o alimento que lhe oferecem está sendo dado em excesso, isto é, a criança sente-se ainda farta; 2º — se, ao contrário, ela está desnutrida, e sinais evidentes de doença, a recusa é simplesmente devida à falta de apetite.

Num e noutro caso cumpre não forçá-la a aceitar o alimento, mas ter presentes as circunstâncias em que se verifica o fato.

O excesso do alimento pode ser devido, nos primeiros meses, a um horário muito apertado, isto é, em que as mamaduras são muito próximas, por exemplo, de menos de 3 horas de uma para outra.

Ou mamadeiras muito concentradas (feitas com quantidade excessiva de leite em pó, por exemplo).

As concentrações das mamadeiras devem obedecer ao seguinte esquema:

Até completar o primeiro trimestre, 2 colheres-de-chá bem cheias de leite em pó para cada 100 gramas de água filtrada e fervida.

Até completar o segundo trimestre, 3 colheres das mesmas.

Acima de 6 meses (terceiro trimestre), 4 idem, idem.

Teremos, assim, o leite ao *meio*, ao *têrço* e *total*.

E a quantidade de cada mamadeira?

Isto pode ser calculado pelo seguinte artifício:

Antepõe-se ao mês de idade a *unidade* e pospõe-se um *zero*.

A criança tem 3 meses; então 130 gramas. Quatro meses: 140 gramas. Seis meses, então 160 gramas. E assim por diante, observando-se, porém, que a mamadeira não passe de 180 gramas; quer dizer, acima de 8 meses a mamadeira não excederá de 180 gramas.

Façamos um exemplo: uma criança está no quinto mês em curso e pesa 6.700 gramas. Logo a quantidade da mamadeira é 150 gramas e o leite preparado com 3 colheres para cada 100 gramas; em conseqüência:

Água filtrada e fervida .... 150 gramas
Leite em pó .... 4 ½ colheres-de-chá bem cheias

Um bom critério para saber que a mamadeira está sendo preparada em condições satisfatórias é o fato de a criança esperar entre uma e outra, no horário, sem dar sinais de fome.

Por outro lado, o pêso sobe obedecendo mais ou menos ao seguinte:

Primeiro e segundo meses — 30 gramas por dia; terceiro e quarto meses — 25 gramas por dia; quinto e sexto meses — 20 gramas; sétimo e oitavo — 18; nono e décimo — 15 gramas; décimo primeiro e décimo segundo — 10 gramas.

A recusa ao alimento pode ser ocasionada, também (e é o caso mais freqüente) pela doença, coincidindo muitas vêzes com o mau desenvolvimento do pequeno.

A doença não engana, sempre que o bebê, até então sugando bem a mamadeira, ou o seio, passa a recusá-lo. "Na quase totalidade dêstes casos tratar-se-á de uma gripe, o que se confirma inteiramente se existe alguma ou algumas pessoas resfriadas, ou alguma dor de garganta, no meio familial da criança. Mas há uma circunstância que traz, também, a perda do apetite na criança nutrida apenas a leite (como nos primeiros meses): a ausência de vitaminas no seu regime.

Até ao fim do terceiro mês o acréscimo de vitaminas, na alimentação, é indispensável, como regra, pois a criança possui depósito delas, acumuladas durante o desenvolvimento intra-uterino. Depois, porém, torna-se indispensável o seu acréscimo, na prática, sob a forma de sucos, nos primeiros meses.

A vitamina C dar-se-á sob a forma de caldo de frutas, tomate, cenoura.

O complexo B mediante algum preparado, ou fermento de cerveja (como o Fleischman).

E é sempre indicado, no inverno, o óleo de fígado de bacalhau que, rico de vitaminas A e D, possui reconhecidas propriedades nutritivas e de aumento das defesas (principalmente do aparelho respiratório).

O complexo B tem uma indicação especial, tratando-se de crianças nervosas, pois muito comuns são, nestas, os caprichos do apetite, sôbre os quais exerce uma ação salutar, voltando aquêle com o uso do referido complexo.

Nenhuma criança conservará um bom estado de saúde se, a partir do terceiro mês, não lhe propiciam o uso de vitaminas. Dêsse fato decorre a recusa das mamadeiras, ou o estado de mau desenvolvimento, e resfriados constantes que lhe comprometem o apetite por falta, justamente, delas.

E' sempre de desconfiar da carência de vitaminas, tôda vez que a criança se mostra inapetente e anêmica. Com a inapetência, uma das conseqüências é a diminuição da ingestão dos alimentos, o que traz, secundàriamente, o atraso da curva ponderal. Outra conseqüência é que sofre, igualmente, a embebição dos tecidos, graças à qual a criança adquire as formas boleadas próprias dos primeiros meses. Vem daí o ar avelhantado e o aspecto pelancudo de certos lactentes rebeldes à alimentação, em falta, nesta, da necessária cota de vitaminas.

GUARDA-ROUPA DE FERIAS





Do
po
tas

Dois vestidos ligeiros: corpo pregueado e saias justas, próprios para a tarde.



Faile é o tecido escolhido para êste modelo inteiramente aberto, com mangas japonêsas e debruado com fazenda escura.



Saia franzida e grande decote quadrado constituem a originalidade dêste belo vestido.







Modêlo em tafetá com o corpo comprido bordado
ouro e saia godê, com uma sôbre-saia em

EM BRANCO

O branco é uma das côres mais usadas durante as
quentes. Aqui estão algumas sugestões que
vão agradar bastante às nossas leitoras, pois são, como
xe, de fácil e não dispendiosa confecção. O branco vale
das as horas, tem seu lugar marcado para tôdas as
e nenhuma côr o suplanta. Há ainda a vantagem de
para todos os tipos de mulher. Cai bem nas morenas
faz o contraste com a epiderme, realça as louras e tanto
para o guarda-roupa de uma senhorita como de sua
mamãe.

PARA as férias no campo ou praia é sempre necessário um guarda-roupa apropriado com trajes que permitam a prática de qualquer esporte. Damos, nestas páginas, algumas sugestões variadas. Três modelos de calças compridas com blusas apropriadas; uma elegante saia de praia sem mangas em linho e um "maillot" em tecido de algodão que pode ser confeccionado em casa com tôda a facilidade. Quem, há dez ou quinze anos, se atreveria (mulher, bem entendido) a vestir calças compridas e com elas se apresentar fora da intimidade? Pois o que se vê na praia ou na montanha é justamente isso, em nossos dias. E mesmo nas oficinas, as operárias modernas trocam as roupas femininas pelas calças, que lhes permitem liberdade de movimento e maior eficiência no trabalho.











A SENHORA DEPUTADA

(Cont. da pág. 26)

Gustavo olhava os cartazes, cheios de letras graúdas. Ao seguir para o Ministério, detinha-se, de vez em vez, nas ruas, olhava o retrato da espôsa. Sentia calafrios. Parecia-lhe que Madalena estava alí em carne e osso. "Que é que você entende de política, boboca?"

Estugava o passo. Na repartição sentia-se acanhado diante dos colegas? Poderiam estar pensando: "o marido da senhora deputada...? Desconfiava das palavras, dos sorrisos. Estariam zombando?

E quando regressava a casa, na Tijuca, ficava desolado com o ambiente. O apartamento era uma vergonha. Tudo atrapalhado, fora do lugar. As crianças choravam, dando um trabalhão à velha, que já não sabia como atender à situação.

Madalena entrava tarde, caía numa cadeira, esfalfada. Ah, a política, Que trabalheira!

Certa manhã agarrou o marido pela manga do paletó, falou em tom imperativo:

— Gustavo, arranja uma empregada. Está ouvindo? Não tenho mais tempo para nada. Arranja hoje mesmo.

E depois de um pequeno silêncio:

— E outra coisa: pede tuas férias no Ministério. Você tem que ficar em casa, deve ajudar mamãe a tomar conta dos meninos...

Gustavo protestou. Férias? Ficar em casa? — Era o que faltava!,

Mas no dia seguinte a empregada se apresentou. Ia cozinhar, tratar do apartamento. Resolveu o caso das férias. Na segunda-feira deixaria o trabalho, iria satisfazer às exigências da mulher.

— Diabo! Que é que vou ganhar com isto?

★

A campanha eleitoral entrara na sua fase culminante. Uma barulheira infernal dominava todo o Rio de Janeiro. Altos falantes, discursos, os jornais cheios de retratos, *manchetes* assustadoras.

Madalena havia — se empenhado com os amigos; conseguira a proteção do tio. Falara com muitos indivíduos conhecidos. Que a ajudassem na sua benemérita campanha. Saberia ser reconhecida.

Os amigos prometiam. Todos prometiam. Se era tão bonita!

Em casa, ao sair pela manhã, recomendava ao espôso:

— Não se esqueça, Gustavo; muda as fraldinhas de Julinho. Faça-o tomar o leite da mamadeira.

Pintava-se com escândalo, vestia os melhores vestidos. Saía apressada.

Gustavo olhava-a. Sentia desejos de embargar-lhe os passos. "Política, hein? Não seja tôla. Lugar de mulher é em casa!" Mas nada dizia. Para que?

Via-a sair, elegante, o andar rítmico. E só tornava a enfrentá-la quando a noite chegava. "Política, política!" Lembrava-se de uma expressão que ouvira muitos anos antes: "Porca latrocinia!"

Sim, era isto mesmo.

★

E a eleição chegou.

Madalena sentia-se inquieta. Pensava nos votos. Pensava no Congresso Nacional. Trinta mil cruzeiros por mês, a defesa dos direitos da mulher, a assistência à infância abandonada, a Pátria...

Saiu cedo para a rua, percorrendo várias secções eleitorais. Quanta gente, santo Deus! Os conhecidos, que se lhe faziam encontradiços, a cumprimentavam, sorridentes, faziam prognósticos, desejavam-lhe felicidades.

Quando regressou ao lar, mais morta do que viva, perguntou logo ao espôso:

— Votou, Gustavo?

— Claro. Cumpri o meu dever de cidadão.

A fadiga era enorme; a custo se aguentava. Entrou para o quarto; num movimento rápido atirou os sapatos longe. Caiu sôbre o leito. A princípio as idéias turbilhonavam. Gente, muita gente; cartazes de côres berrantes, papeletas aos milhões voejando no espaço.

Adormeceu depois, subjugada por um sono pesado, profundo, distante da vida e próximo da morte.

★

Uma semana passou, depois outra. Ainda cedo procurava ver os jornais, e nos jornais o seu nome. Mas as fôlhas mantinham-se fechadas em relação à sua pessoa. Falavam de muitos candidatos, mas não se lembravam que ela também disputara o pleito. Que é que havia? Das Secções os amigos nada esclareciam. Teria sido lograda?

Gustavo acompanhava os movimentos inquietos da espôsa. Vinha-lhe à mente um desejo intenso de rir, de rir furiosamente. Mas continha-se, medroso, cheio de prudência.

Afinal, um dia Madalena ergueu-se sùbitamente da cadeira, ficou parada um instante, os olhos cheios dágua. Num gesto rápido, amarrotou o jornal, atirou-o sôbre a mesa. Correu para o quarto.

Gustavo apanhou o matutino, passou os olhos pelas colunas cheias dos resultados do pleito. Deu com o nome da espôsa: "Madalena Alves de Carvalho, 2 votos..."

Dois, apenas — os nossos!

Largou o jornal no assoalho, penetrou no quarto. Durante segundos espreitou a espôsa estendida sôbre o leito, soluçando baixinho.

Aproximou-se, tocou-lhe o ombro, falou pausadamente:

— Não adianta chorar, coração. Que é que a gente ganha com isso?

NO BANQUETE DA GÁVEA

(Cont. da pág. 15)

leira. O presidente e o sr. Café Filho trocam impressões. Fala-se de músicas carnavalescas, principalmente daquelas contendo críticas ao govêrno. Lá numa das pontas da mesa, ao lado do Ministro João Neves da Fontoura, senta-se o prefeito Vital.

Começa o "show". Pixinguinha e seu conjunto entram com um chorinho agitado. Depois, vem Linda Batista que pede permissão "pois vou cantar Pente de Careca é a Mão" O sr. Segadas Viana e o general Estilac Leal acariciam a cabeça. Linda não perde a deixa.

— E agora uma paródia.

E canta, dizendo que o "tenente Gregório, você é o maior, tem a vida do Brasil nas mãos, e que vai fazer um vale no Banco do Brasil com o Jaffet".

— Olha que o vale vem mesmo, diz o vizinho do presidente do Banco.

E o sr. Getúlio Vargas dá uma de suas típicas gargalhadas.

Blackout chega com a sua surprêsa. E' "Maria Candelária", que entra no trabalho às 12, às 13 vai ao dentista, às 14 ao café, às 15 à modista e às 16 mete o pé, que grande vigarista que ela é".

— E isto com licença do prefeito, observa Blackout para o sr. Carlos Vital.

Alguém toca músicas gaúchas. E o sr. Getúlio Vargas lembra para o sr. Café Filho que são "canções como essas que o gaúcho canta ao pé da fogueira".

E o almôço termina com todos cantando "Bota o Retrato do Velho no Lugar".

LITERATURA E ANEDOTAS

Nem o presidente da República nem os ministros de estado querem deixar o ambiente da Gávea Pequena. O dia é bonito, de sol, e o vento fresco banho o local. Conversa-se depois do almôço. Alguém repete uma paródia em tôrno do ex-presidente Dutra, do sr. Ademar de Barros e do voto. "Toma que o voto é teu", diz Ademar na história.

O sr. Getúlio Vargas revela-se um magnífico contador de anedotas ao repetir a história de certo telegrama de Washington.

O presidente trata o sr. Segadas Viana com especial interêsse. E ouve atentamente o que tem a dizer o Ministro do Trabalho. O sr. Neves da Fontoura toca no assunto literatura.

— O senhor já leu o segundo volume de "O Tempo e o Vento"? V. Excia. entra nas primeiras páginas em grande estilo.

— O Érico é um bom escritor. Estou com o livro lá em casa. Assim que tiver tempo vou ler. Sabem que o primeiro livro do Érico que eu li foi "E o Resto é Silêncio". Comecei e não pude largar.

O Ministro Segadas Viana lembra que Érico Veríssimo já foi traduzido para várias línguas.

E em tôrno do escritor o presidente conta a seguinte anedota:

— Dizem que a atriz argentina que representou Olívia de "Olhai os Lírios do Campo" é um bocado bonita. Quando Érico foi apresentado a ela teria observado: — Se eu soubesse que a Olívia era tão bonita, não deixaria que moresse no livro.

O problema do autor entra na conversa. Lembram ao sr. Getúlio Vargas que o escritor brasileiro vive de tudo menos de sua literatura. E que os editôres, em sua maioria, cobram pela publicação do primeiro livro, não permitindo, assim, o aparecimento de novos escritores e a seleção natural.

— A questão me preocupa muito. Pretendo enfrentá-la em meu govêrno, afirma o presidente.

E pouco depois retira-se para o Catete.

O ANO-BOM

Mas, não ficou em casa para o ano-bom. Às 22 horas aparecia no Teatro Recreio para assistir o "Eu Quero Sassaricá", de Walter Pinto. No escuro não foi reconhecido. Mas, no primeiro intervalo, apesar de recolhido a um canto, foi visto e aplaudido. Quase que "roubou todo o espetáculo". Às 24 horas de 31 de dezembro o sr. Getúlio Vargas estava conversando com os artistas nos bastidores

WEEK-END NA COSINHA

CANJA

Refoga-se uma galinha limpa e partida pelas juntas, numa panela grande ou num caldeirão, com manteiga, sal com alho e cebola picadinha, até que todos os pedaços fiquem dourados: cobre-se então com água, junta-se cheiros verdes, meia fôlha de louro, algum tomates partidos e deixa-se a galinha cozinhar. Cozida a galinha, retira-se do caldo, que se côa e tira-se a carne dos ossos, reservando-a ao caldo coado, junta-se uma xícara de arroz e torna-se a levar ao fogo. Quando o arroz estiver bem cozido, junta-se a carne da galinha que se reservou e uns pedaços de presunto. Deixa-se ferver mais um pouco e serve-se bem quente.

PONCHE BALALAICA

Deita-se numa chocolateira grande de alumínio 6 gemas de ovos, 1 xícara de chá, rasa de açúcar, copo e meio de conhaque e o caldo de um limão. Leva-se a chocolateira ao fogo e mexe-se sem cessar, continuamente, com uma colher de pau, deixando-se que o liquido venha duas vêzes até à bôca da chocolateira. Assim que a espuma estiver bem grossa, retira-se do fogo e serve-se imediatamente. Êste ponche vale pela espuma e por essa razão deve ser servido assim que fôr retirado do fogo. A espuma é tôda a sua graça é o que o valoriza.

MIOLOS A ESCOCESA

Limpa-se muito bem e corta-se 2 miolos em pedaços grandes; tempera-se com sal e bastante caldo de limão. Faz-se torradas mais ou menos do tamanho dos pedaços de miolo, e arruma-se, num prato de vidro que vá ao forno, untado de manteiga, o seguinte: no fundo as torradas, em cima de cada torrada, uma fatia de presunto e em cima dêste o pedaço de miolo cru. Polvilha-se tudo com farinha de rosca, rega-se com bastante manteiga derretida e cobre-se todo o prato com tirinhas de toucinho defumado. Leva-se tudo ao forno bem quente durante uns 15 minutos, servindo-se imediatamente.

SALADA DE CARNE DE VACA, DE PORCO OU DE FRANGO

Toma-se fatias da carne que se quer aproveitar e tempera-se com môlho para salada, enfeitando-se com ovos cozidos, azeitonas ou com môlho de maionese. As fatias de carne de frango devem ser dispostas sôbre um leito de fôlhas de alface.

MASSAS PARA SONHOS, ECLAIRES, ETC.

1/2 litro de água, 300 gramas de farinha, 100 gramas de manteiga, 6 ovos, 1 pitada de sal. Ferve-se a água com a manteiga e o sal junta-se de uma só vez a farinha já peneirada e vai-se mexendo até formar uma massa que se despegue do fundo da caçarola. Deixa-se esfriar um pouco, e amolece-se a massa adicionando-lhe os ovos um a um.



WEEK-END NA COZINHA

TORTA DE LARANJA

100 gramas de manteiga, 100 gramas de açúcar, 2 ovos, uma pitada de sal, 100 gramas de farinha de trigo, casca ralada de limão uma colher de sopa do caldo do mesmo. Bate-se 10 minutos a manteiga, o açúcar, os ovos, a casca e o caldo do limão. Junta-se por último a farinha e o sal.

Põe-se esta massa em fôrma untada e polvilhada com farinha de pão. Faz-se um creme de maizena e põe-se por cima. Descascam-se as laranjas, tira-se bem a pele e as sementes, corta-se em pedacinhos, deixa-se escorrer, e espalha-se por cima do bôlo, leva-se ao fôrno regular e polvilha-se com açúcar.

TORTA DE VIENA

40 gramas de manteiga, 160 gramas de açúcar, 8 ovos, 140 gramas de farinha de trigo finíssima, 1 colherinha de fermento em pó e a casca ralada de meio limão. Bate-se o açúcar com as gemas durante 1/2 hora até ficar como creme: junta-se devagarinho a manteiga morna derretida em banho-maria, em seguida a farinha peneirada com o fermento, a casca ralada de limão e por último as claras batidas em neve.

Assa-se a torta em fôrma untada e polvilhada de farinha de pão, durante 45 minutos. No dia seguinte, corta-se em 3 partes, espalha-se por entre elas um creme de frutas e por cima um glacê de baunilha côr de rosa que se enfeita com frutas cristalizadas.

PUDIM DE ABRICOTS

15 abricots, 200 gramas de açúcar, casca ralada de limão, 6 ovos, 45 gramas de farinha de batatas.

Batem-se as gemas, o açúcar, e a casca de limão até se obter um creme espumoso. Cozinham-se os abricots com açúcar em pouca água, toma-se a metade, assa-se bem, passando-se por uma peneira grossa ou pela máquina e junta-se ao creme.

Adiciona-se então a farinha de batatas e as claras batidas em neve: põe-se a outra parte de abricots em fôrma untada com manteiga, espalha-se por cima o creme e leva-se ao fôrno regular durante 1/2 hora.

CREME DE AMÊNDOAS

100 gramas de amêndoas descascadas e raladas, 2 gemas, 100 gramas de açúcar 2 xícaras de leite, 8 gramas de gelatina e creme de Chantilly para guarnecer.

Põe-se a gelatina durante 15 minutos em água fria para amolecer e corta-se. Ferve-se o leite com as amêndoas e despeja-se sôbre as gemas batidas com o açúcar.

Põe-se no fogo e mexe-se, retirando-se a caçarola antes, de abrir fervura. Mistura-se esta massa com a gelatina, bate-se até esfriar, e põe-se em fôrma molhada que se deixa em lugar frio por espaço de 1 a 2 horas. Enfeita-se com creme Chantilly.

PERDIZES ASSADAS

Depois de limpar umas 3 perdizes, cubra com lâminas de toucinho fresco, envolva em fôlhas de parreira, amarre e leve assim a assar na grelha sôbre brasa. Quando estiverem bem douradas e exalando um perfume delicioso, deite num prato e regue com algumas gotas de limão, a fim de aumentar o aroma impregnado do perfume de floresta.

BOLINHOS DE PÃO COM QUEIJO

Tome pedaços de pão dormido e deite no leite para embeber (regula um prato no fundo). Esmigalhe com um garfo, junte umas 4 gemas, 2 colheres de queijo ralado, 1/2 de manteiga, 2 a 4 claras em neve e sal. Misture depressa e frite às colheradas em banha quente. Devem ficar chatos, arredondados e dourados. Sirva como acompanhamento de bifes.

CAMARÃO AU GRATIN

Limpa-se e tempera-se um quilo de camarões com sal, pimenta do reino e caldo de limão. Depois de terem repousado nesse tempero leva-se os camarões a refogar numa panela com azeite doce, tampa-se a panela, deixando-se cozinhar. Retira-se os camarões depois de cozidos e junta-se ao môlho que se formou meio litro de leite e 1 colher de sopa de extrato de tomates, côa-se essa mistura e adicionam-se 4 gemas, 1 colher de manteiga e vai engrossando com maisena, em fogo lento até se tornar um creme espesso. Arruma-se, cobre-se tudo com as claras em neve, polvilha-se de queijo ralado e leva-se ao fôrno quente para tostar.

PUNCH DOVE

Duas garrafas de champagne, duas de velho Borgonha, meia de Marsala. uma de Bordeu uma de Grandejó, três garrafas de água tônica, caldo de abacaxis, 6 laranjas, 6 maçãs cortadas em tiras, açúcar e gelo. Aromatiza-se com baunilha ou água de flor e serve-se em taças.

FRICADELLES DE CARNE CRUA

Passe na máquina 1 quilo de carne crua sem nervos, junte 1/2 colher de manteiga, 1 fatia grossa de pão umedecido em caldo, 3 ovos inteiros, sal e um nada de noz moscada. Adicione 1 colher de cebolas picadinhas e fritas na manteiga. Misture tudo bem, tome pequenos bocados, enrole, achate como bifes redondos sôbre uma táboa polvilhada de farinha, e leve a fritar em gordura quente. Deve fazer tôdas do mesmo tamanho sirva com môlho hussarde, na molhera. Arrume arroz comum num prato e, ao redor, as fricadelles.

MÔLHO HUSSARDE

Deixe tostar na manteiga 1 colher de cebola picadinha, depois molhe com 1 xícara de vinho branco, outra de caldo, e reduza à metade. Junte 1 colher de massa boa de tomate, 1 ramo de cheiro, 1 fatia de presunto, e deixe cozinhar um pouco. Retire o presunto e passe tudo pela peneira. Leve de novo a esquentar juntando o presunto picadinho e 1 colher de queijo ralado. Sirva quente.



CINE-NOVELA

AREIAS ARDENTES



Produção da Atlântida baseada n-
ma novela de Eduardo P. Guimarães
Cenarização e direção de J.B. TANKO
Fotografia de: AMLETO
Diretor de produção: DÉCIO TINOCO

Gisela	Fada Santoro
Dr. Antônio Carlos.	Cyl Farney
Alberto	Renato Restier
Leonor, espôsa de Alberto	Luísa Barreto Leite
Ambrósio, capataz da fazenda	José Lewgoy

CABO FRIO com suas salinas, suas dunas e o espetáculo d- mar sempre inquieto é para os nerv- de Leonor, confinada com seu mari- do numa fazenda do lugar, uma to- tura contínua. Alberto observa, co- apreensão, a espôsa. Teme que el- enlouqueça naquela solidão. E' q- Leonor é vítima de um ciúme mórb- do. Daí o seu desequilíbrio, se- acessos freqüentes de cólera... Só s- sente melhor quando se refugia, co- uma velha empregada, num sinistr- casarão que fica perto da propriedad- e que também pertence à fazenda.

Foi nessa ocasião que chegou à fa- zenda a irmã mais nova de Leono- vinda de um colégio onde estivera i- terna Gisela é bem mais moça q- Leonor e esta não pode conter a s- admiração ao vê-la. Julgava-a aind- uma criança, mas o que tem dian- de si é uma jovem de perturbado- beleza. Percebe que Alberto tamb- está fascinado com a presença d- cunhada. Quem tudo observa à d- tância é Ambrósio, capataz da fa- da que conhecera Gisela menina que a devora também com olh- Ambrósio não suporta Alberto. E- maior ambição é um dia sposs- da fazenda, vingar-se dos longos a- de servidão. E' êle, em parte, a c- sa do descontrôle nervoso de Le- pois vive a distilar, no seu esp-

fraco, o veneno da intriga. O tempo corre e enquanto Alberto sente-se mais alegre com a presença de Gisela, Leonor mostra-se mais irritadiça. Gisela, por sua vez, não tarda a se sentir entediada naquela casa onde nada havia para distrair a sua mocidade. Gisela tinha ânsia de viver. Sua mocidade exuberante não suportava a monotonia daqueles dias sempre iguais. Alberto percebe a sua inquietação e a pretexto de distraí-la passa a sair freqüentemente com a cunhada. E uma vez quando os dois saíram de barco e voltaram tarde, ela não pôde se conter e interpelou o marido. Êste limita-se a dar de ombros... Leonor sofre profundamente com aquela indiferença. Gisela que já percebera o interêsse que despertara no cunhado, explora a situação a seu favor voltando-se freqüentemente contra a irmã e censurando-a pelos modos bruscos e pela vida que leva longe de tôda a vida social do lugar, metida sempre dentro da casa. Leonor sofre com isso. Sabe que é culpada, mas reconhece que nada pode fazer... Gisela é tão diferente dela.

Ela era um estôrvo à felicidade daqueles dois seres feitos um para o outro. E um dia tem uma crise mais forte. Recolhe-se ao casarão sinistro. Alberto chama o dr. Menezes, médico do lugar. Mas Leonor não resiste a morte. Morte estranha de que apenas Ambrósio parece conhecer o terrível segrêdo.

Gisela é agora a espôsa de Alberto. Mas a felicidade que julgara encontrar ao lado daquele homem de atitudes polidas e riso amável, logo se desvanece. Paira entre ambos a sombra da morta. Gisela não pode olhar para o retrato de Leonor pendurado na sala de jantar, sem sentir uma ponta de remorso. Alberto lhe dissera que Leonor se suicidara numa de suas crises de nervos. Quem sabe se não fôra ela a culpada? E essa idéia se torna uma obsessão para Gisela a tal ponto que seus nervos também se descontrolam. Alberto inquieta-se com seu estado de saúde e manda chamar Antônio Carlos, seu sobrinho, jovem médico psiquiatra que vinha se destacando nessa especialidade.

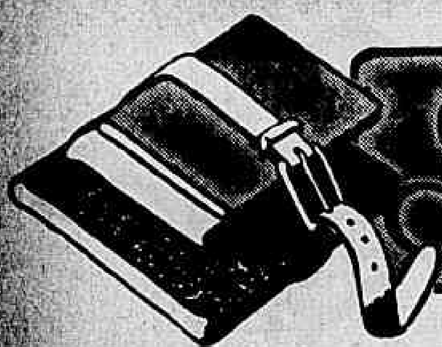
Ao receber o telegrama do tio, Antônio Carlos mostra-o à sua noiva, Sílvia. Esta se opõe a que êle vá. Afinal aquêle tio nada fizera por êle. Mas Antônio Carlos coloca acima dos seus interêsses pessoais o seu dever profissional. Sílvia conforma-se afinal e o médico parte para Cabo Frio.

★

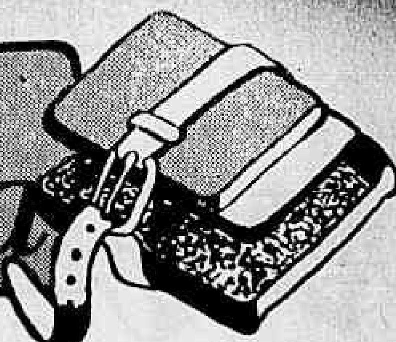
Gisela recebe o médico com frieza. Procura mesmo hostilizá-lo, mas no íntimo acha-o simpático. Êle é tão jovem quanto ela. E tem umas atitudes tão delicadas, um ar tão distinto... Quem não olha o médico com bons olhos é Ambrósio. Êste tem uma paixão recalcada por Gisela e compreende que o médico não tardaria a dominar o coração da jovem. Antônio Carlos percebe a hostilidade do capataz, mas não lhe dá atenção. Sua única preocupação é curar Gisela e partir para junto de sua noiva. Há qualquer coisa de estranho em tudo isso... mas Antônio Carlos trata de por em prática o seu método de cura. Procura ganhar a confiança de Gisela, arrancá-la de si mesma... E aos poucos consegue o seu objetivo. Gisela consente em sair com êle, correr pela areia da praia... Parece melhor disposta. Mas à medida que a cura progride, uma transformação se opera nos sentimentos de Gisela. Ela passa a odiar o marido e a desejar o médico. Envolve-o com os seus encantos... Antônio Carlos sente-se perturbado quando descobre que êle também sente algo mais por Gisela do que o simples interêsse por um caso clínico difícil... E na sua consciência trava-se um terrível conflito. Não... seria infame... Afinal Gisela era espôsa de seu tio... Mas a convivência forçada, aquela visão constante da beleza de Gisela são mais fortes. E Antônio Carlos tem um momento de debilidade. Seus lábios encontram-se com os de Gisela num beijo que tinha um sabor de pecado... Ambrósio que já notara o que havia entre os jovens, não esconde o seu ódio pelo médico... Alberto também percebe o que se passa entre Gisela e o sobrinho, mas nada deixa transparecer... O drama cresce de intensidade entre êsses personagens insulados na fazenda. Gisela tudo faz para convencer Antônio Carlos a fugir dali com ela. Confessa que odeia o marido, que não pode mais suportá-lo, que deseja ser feliz... Mas o médico hesita e inexperiente consulta o dr. Menezes o médico do lugar que se fizera seu amigo. Êle conta-lhe então algo de estranho sôbre a morte de Leonor. A hipótese de suicídio não lhe parecia muito certa... Havia

(Cont. na pág. 50)





Semana Literária



EDMUNDO LYS

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

Jotagê

Henrique Lopes de Mendonça... "sustentou no teatro português a brilhantíssima época do drama histórico com uma pujança de linguagem e vigor difíceis de exceder" — conceitua Eduardo Schwalbach, "À lareira do passado", Lisboa, 1944, página 370.

★

Em "A volta ao mundo", versão de Antônio Brochado, Livraria Tavares Martins, Pôrto, 1947, página 136, lembra Fred Blanchot: "Os médicos não esquecem que os índios do Canadá primeiros conhecedores das vitaminas, indicaram ao navegador Jacques Cartier a ação curativa das agulhas de pinheiro, nos casos de escorbuto nas suas equipagens. Os experimentadores modernos mostram que a agulha do pinheiro é tão rica em vitamina C e em ácido... como os limões, a páprica e a baga das roseiras bravas".

★

Em nosso tempo — quando os agentes escravizadores procuram emascular o caráter das nações — a mocidade precisa integrar-se nas tradições e nos exemplos. Entre nós, impõe-se a publicação do "Breviário Cívico", do inesquecível Coelho Neto. E' obra há muito esgotada.

★

Há observações luminosas em "Lorde Byron", de Mário João Paulo Freire, Lisboa, 1944, Emprêsa Nacional de Publicidade. Acentua o autor, página 107: "A imortalidade de Byron tinha seu início nesse 26 de junho de 1809, e o primeiro pôrto da Europa visitado por Lorde Byron ia ser o pôrto de Lisboa..."

★

Biografia é veia por onde corre o sangue da História. Daí o valor da série que as Edições Melhoramentos estão preparando. Será, assim, posta ao alcance da infância, da adolescência, dos brasileiros em geral, a figura — entre muitas outras — de Mauá, a mais esclarecida inteligência objetiva de nossa Pátria em todos os tempos!

★

José Reis encontra, sempre, a maneira ideal de transmitir conhecimentos — demonstra-o, novamente, em "Aventuras no mundo da ciência", n. 10 da série "O homem e o universo", das Edições Melhoramentos. Vejamos algo, página 16, sôbre o tamanho das bactérias: "Varia naturalmente com a espécie do micróbio, mas podemos considerar como média o tamanho de um micro, que quer dizer a milésima parte de um milímetro. Se arrumadas em fila, uma encostada à outra, mil dessas bactérias caberiam no espaço de um milímetro".

★

Escolhido, agora, para ingressar na Academia de Ciências e Artes, da França, o extraordinário Albert Schweitzer é considerado "o homem do século" pela National Art Foundation — a notável organização filantrópica dos Estados Unidos.

★

Falou-se que apareceria nova edição do "Tupi na geografia nacional". Mas o boato não se concretizou. E' pena. Teodoro Sampaio está quase olvidado — injustiça comum nas letras...

ÁLBUM DE FAMÍLIA



ANÍBAL TEÓFILO é um dos grandes poetas brasileiros hoje relegados ao esquecimento. Para a nossa geração, entretanto, seu nome representou uma das primeiras claridades, rompendo a linha de um parnasianismo artificial para dar calor humano aos versos, pensamento e profundidade à sua poesia, sempre tão bela e tão harmoniosa. Desaparecido em 1915, quando tudo fazia esperar do poeta sua grande obra de maturidade, tanto suas primícias nos deram a entrever, nêle, à época, o mais profundo cantor da dúvida metafísica, seu nome passou a figurar na história literária como simples referência, no grupo dos neo-parnasianos, aquêles que sucederam à geração de Bilac. Entretanto, os versos que nos deixou, como os de alguns outros poetas dessa fase de transição, merecem ser reeditados, pois Aníbal Teófilo foi, sem dúvida, um dos nomes mais altos de seu grupo, um dos mais fortes representantes da poesia dêste meio século no Brasil, com ser, ainda, um dos mais seguros artistas do verso, em nossa língua. Seu antológico sonêto, "A Cegonha", é, ao que nos parece, o único eco dessa voz grave que se calou, desde há trinta e seis anos, ainda conhecido da geração atual. Entretanto, a obra de Aníbal Teófilo certamente seria amada da nova geração, a seu turno tão alanceada pelos problemas metafísicos como foram, então, os nossos poetas que descendiam espiritualmente de Quental, como Raimundo Corrêa antes e, depois, Aníbal Teófilo.

Aníbal Teófilo pertence ao grupo dos que primeiro nos comunicaram o mistério e a beleza da poesia. Aprendemos o seu nome ilustre Aníbal Teófilo de Ladislau e Silva de Figueiredo e Melo de Giron de Torre y Spinoza) nos dias da adolescência e êle fêz parte de nossas primeiras e mais profundas admirações. Seu livro, "Rimas", o único que nos deixou, editado em 1911, em Portugal, fêz parte de nossos mais belos momentos espirituais, nos remotos dias de nossa iniciação literária. Talvez o fato da geração que sucedeu à de Aníbal (a de 22) ter sido tão nacionalista da poesia, nem pela paisagem, nem pelo sentimento. Êsse gaúcho sem gauchismo, como em outro sentido foi Eduardo Guimarães, cuja exuberância êle punha na vida, era sempre um introspectivo, para quem a paisagem havia de constituir uma alegoria apenas, vendo êle o mundo em função das sugestões que seu espírito, voltado para os problemas superiores, poderia tirar dêle, como no caso já citado de "A Cegonha" e como neste seu outro sonêto fàcilmente rememorável:

Angelus

Tarde. Nenhuma viração. Poente
Rubro. Adormece a alma das coisas [langue.
Tranqüilo o azul deserto. Abafa o [ambiente.
No Leste assoma a lua cheia, exangue.

Tarda, a face do mar desliza enchente,
Tremula, refletindo o Ocaso e o man- [gue,
E, nela, aos olhos, é confusamente
Tudo esmeraldas, pérolas e sangue.

Lenta voga uma barca. Suave o canto
Da cigarra amortece. Ao longe um [sino
Plange dolente... E, em mádido que- [branto,

Eu, sonhador da Glória e da Alegria,
Leio o poema sem luz do meu destino
Na imensa mágoa do morrer do dia.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

A pintora Maria Leontina Franco está expondo os seus últimos trabalhos na Galeria Domus. Milton Dacosta, por sua vez, está expondo os seus últimos trabalhos na Casa Ambiente, à rua Martins Fontes, 223.

★

Elos Sand, escritora especializada em histórias infantis, acaba de publicar "O Jardim Encantado" (Editôra do Brasil S/A). Trata-se de um belíssimo livro, cheio de ternura e simplicidade, onde a sua autora demonstra mais uma vez a capacidade que tem para um gênero tão difícil, como o é êste que abraçou. Ilustrações de Hilda Bennett.

★

Saiu mais um número do excelente jornal literário "Caiçara", publicado na cidade de Marília, Estado de São Paulo. Destacamos as seguintes colaborações: "Irene 123", conto de Lauro Vargas; "Sôbre Geração", artigo de Cyro Pimentel; "A Cruzinha da Estrada", capítulo de um romance inédito de Ibiapaba Martins; "Nota sôbre "os seis da França", de Eneide Scarabôtolo; "Mêdo", conto de Salim Miguel; "Comentário sôbre "La vida es sueño" de Calderón de la Barca", de Hilda Scarabôtolo; desenhos de Darcy Penteado e de Clóvis Graciano; poemas de Adelaide Petters Lessa, João Mesquita Valença, Flávio Sampieri, Jorge Medauar, Geraldo Vidigal, Lauro Vargas, Maria Antônia, J. M. Fontes, Augusto de Campos, Reynaldo Bairão.

★

O Teatro Brasileiro de Comédia entrou num período de férias. O ótimo teatrinho da Rua Major Diogo, voltará a funcionar em janeiro próximo, montando novamente "A Dama das Camélias", com Cacilda Becker no principal papel.

★

A contista de "O Cacto Vermelho" Lígia Fagundes Teles, está terminando o seu anunciado romance "Idade Perigosa", a sua estréia no gênero. Segundo consta, Lígia Fagundes Teles, no entanto, trocou o título do seu livro.

★

Ibiapaba Martins, que estreou recentemente, promete ,para muito breve, mais um romance. A obra intitula-se: "O Encontro".

★

Mário da Silva Brito está terminando o seu estudo sôbre o movimento modernista brasileiro. Segundo os seus amigos, trata-se de um trabalho sério e ponderado, do qual muito se pode esperar.

Estêve, na capital bandeirante, onde foi alvo de muitas homenagens, o escritor gaúcho Érico Veríssimo. O conhecido romancista acaba de lançar mais um livro, desta vez intitulado: "O Retrato".

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

"Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba"

A obra que vem realizando o Instituto Nacional do Livro tem sido das mais bem orientadas e eficientes que existem entre nós, tal como podemos verificar com êste volume do "Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba", obra do historiador Coriolano de Medeiros, destinada a integrar a Enciclopédia Brasileira. Entretanto, vem-se opondo às superiores realizações de Augusto Meyer, diretor do I.N.L., aquêles entraves materiais que todos conhecemos e que estão a exigir, para serviços públicos modernos, como êste e como, além de outros, os serviços de radiodifusão e de cinema, uma remodelação que lhes diminuam a burocracia, em benefício do rendimento de tais aparelhamentos. Colaborando no Serviço de Radiodifusão Educativa, do Ministério da Educação, desde que para ali foi, como diretor, Fernando Tude de Souza procurou, por todos os meios, vencer a burocracia em benefício do serviço que, de forma alguma, pode se enquadrar no regime das repartições públicas comuns, conhecemos bem os óbices com que esbarram os bons diretores, quando desejam fazer render tais serviços, pois se chocam com os regulamentos e tropeçam, a cada passo, com o famoso Estatuto dos Funcionários. Deve ser êsse o caso do Instituto, sob a direção esclarecida e realizadora de Augusto Meyer. Aqui, por exemplo, temos uma obra recém-aparecida (fins de 1950) e que deveria ter sido lançada em 1944! Como se vê, por seis anos ela dormiu nas oficinas da Imprensa Nacional, outro Departamento que devia se beneficiar com plano de serviço diferente do que regula outros setores do serviço público, tanto ali se opõem as praxes à própria boa-vontade e à dedicação dos seus funcionários.

Entretanto, o problema das edições do I.N.L. não se limita apenas na demora de suas tiragens. Há também a distribuição, pois é certo que as obras lançadas por êle não alcançam o grande público, quer pelo fato de serem muito limitadas de tiragens, quer pela circunstância de desaparecerem — ou não aparecerem — nas livrarias, em alguns dias, o que se deve aos preços baixos pelos quais são vendidas, como, sobretudo, pelo interêsse das obras editadas.

No caso especial dêste magnífico "Dicionário", de que não vimos nem sombra em nossas livrarias, que talvez não exista em nossas bibliotecas públicas e que só conhecemos graças a uma gentileza pessoal do autor, a distância entre a sua produção e sua edição resultou em algumas falhas, entre outras, por exemplo, o fato de constar aqui que os prefeitos da Paraíba são nomeados pelo interventor — o que já não existe mais e que estava a exigir, antes do lançamento, pelo menos uma errata, tratando-se de publicação oficial, como é esta. À parte tal detalhe, o "Dicionário" é obra do mais largo interêsse, única do seu gênero existente com referência ao Estado nordestino, sendo já uma segunda edição, que tanto a Paraíba como o Brasil ficam devendo ao historiador e geógrafo cujos méritos, se já não estivessem consagrados, seriam revelados por êste livro exemplar, sob qualquer de seus aspectos.

Não sabemos se se deve a uma economia do Instituto o fato de não ter tido o livro as ilustrações que pedia o seu texto. Em matéria de história e geografia, mais do que em qualquer outro assunto, a ilustração representa complemento indispensável, mesmo não se tratando de obra didática. Os historiadores do Brasil colonial, por exemplo, compreenderam isso e, graças a essa idéia precisa do problema, tivemos essas imagens e mapas primitivos sem os quais dificilmente poderíamos ter uma idéia objetiva de nosso passado, embora a clareza dos textos. Êste "Dicionário" impunha pelo menos mais dois mapas, ao lado do exíguo mapa político (com pretensões a geral) que apende: uma boa carta orográfica e outra hidrográfica. Além disso, alguns aspectos da paisagem paraibana, na sua tríplice fisionomia — litoral, agreste e sertão — nos daria idéia mais nítida da matéria, completariam o texto excelente do autor, da mesma forma que desenhos ou fotografias de tipos do homem paraibano, em sua evolução, juntariam interêsse a tão esplêndido repositório de informações geo-históricas, como as que nos proporciona o historiador. Agora é que estamos descobrindo o Brasil. Diante desta obra, falando da terra e do homem brasileiros e que nos parece falar de um povo e de uma terra exóticos, verificamos a profundidade de nosso inteiro desconhecimento do Brasil, cujas distâncias e acidentes têm sido excelente desculpa à incúria de nossos governos. Agora, entretanto, ou descobrimos o Brasil ou sucumbiremos. Assim, é bom que nos aprimoremos no seu conhecimento, que passemos a ser realmente um país federado e não uma pátria de pequenos Estados estanques, sobretudo no que se refere à capacidade de nossos climas e de nossos homens.

Edmundo Lys

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL O DEUS DA MITOLOGIA GRECO-ROMANA QUE PRESIDIA AO OLIMPO:

— Apolo?
— Júpiter?
— Héracles?

2 — QUAL O PAÍS QUE INVENTOU O SISTEMA MÉTRICO DECIMAL:

— A França?
— Os Estados Unidos?
— A Suiça?

3 — CINCO MIL DUZENTOS E OITENTA PÉS, FORMAM:

— Um quilômetro?
— Uma milha?
— Uma légua?

4 — QUAL A CIÊNCIA QUE ESTUDA OS TRIANGULOS PLANOS E ESFÉRICOS:

— A biologia?
— A psicoanálise?
— A trigonometria?

5 — QUEL É O DEUS DOS POVOS ARABES:

— Jeová?
— Moisés?
— Alá?

6 — A CÔR DA SAFIRA É:

— Vermelha?
— Amarela?
— Azul?

7 — QUE NOME SE DÁ A UMA COLEÇÃO DE FLORES:

— Antologia?
— Síndroma?
— Cardume?

8 — AS BARCAROLAS SÃO CANTADAS PELOS:

— Maquinistas?
— Aviadores?
— Gondoleiros?

9 — QUE NOME TÊM OS MÉDICOS QUE SE DEDICAM A CURA DAS FRAQUEZAS MENTAIS:

— Ginecologistas?
— Alienistas?
— Cardiologistas?

10 — PORQUE SE TORNOU CÉLEBRE ROALD AMUNDSEN:

— Por ter descoberto o Polo Sul?
— Por sua memória prodigiosa?
— Por ter traduzido a Bíblia?

11 — NA ORDEM DE SUCESSÃO, QUE NÚMERO TEM ABRAÃO LINCOLN ENTRE OS PRESIDENTES DOS ESTADOS UNIDOS:

— O quinto?
— O décimo sexto?
— O segundo?

12 — COMO FOI QUE LORD NELSON PERDEU SEU BRAÇO DIREITO:

— Num duelo?
— Na batalha de S. Luis de Tenerife?
— Ou na de Trafalgar?

13 — DE QUE PAÍS É OSLO A CAPITAL:

— Finlândia?
— Noruega?
— Dinamarca?

14 — EM QUE GOVÊRNO A POLÍTICA BRASILEILRA COMEÇOU A AFASTAR-SE DAS NORMAS REPUBLICANAS:

— No de Campos Sales?
— No de Hermes da Fonseca?
— No de Floriano Peixoto?

15 — ANTES DE A CIDADE DE WASHINGTON SER A CAPITAL DOS ESTADOS UNIDOS, QUAL ERA A CAPITAL:

— Nova York?
— Filadélfia?
— S. Francisco da Califórnia?

(Respostas na pág. 51)

UM COMANDANTE...

(Cont. na dág. 5)

do navio se dispersava em tôdas as direções, flutuando no dorso das ondas gigantescas. Depois, a última parte visivel do valente cargueiro de 6.700 toneladas, desapareceu completamente à luz dos foguetes lançados pelos navios próprixos que pela violência do tempo viram baldados todos os esforços empreendidos para socorrê-lo. O capitão Carlsen, já na cabine do capitão do «Turmoil», foi à ponte, comovido, para saudar ainda uma vez o seu barco. E enquanto soavam estridulas as sirenes dos navios em volta, terminou definitivamente para o «Flying Enterprise», uma longa e proveitosa carreira pelas estradas do mar.

Durante dias o mundo viveu de olhos postos nesse vapor navegando à deriva. Quando o rebocador «Turmoil», incumbido de o trazer à terra, depois de exaustivos trabalhos para o segurar por um vigoroso cabo, estava apenas a 56 milhas de Palmouth, e a cidade já se embandeirava para recebê-lo e prestar a devida homenagem ao heroismo do seu capitão, o cabo partiu-se e tudo ficou então perdido. Não houve maneira de restabelecer o contato com o casco do cargueiro, já então com inclinação até 80 graus.

Mesmo assim o capitão e o imediato negaram-se a abandonar o seu barco. Aviões sobrevoaram o local prestando assistência moral aos dois marujos, que equilibrados como podiam no tombadilho acenavam para os pilotos.

E agora, devolvido à terra, consciente de um dever cumprido mas pesarosos de não ter o seu esfôrço obtido melhores resultados, o capitão Henrik Kurt Carlsen recusa tôdas as propostas para a exploração comercial do seu drama— e limita-se a declarar que continuará navegando com outro barco. Para isso pôs-se à disposição de seus chefes e superiores.

AREIAS ARDENTES

(Cont. da pág. 47)

ali algo que não fôra bem explicado. Antônio Carlos sente-se reconfortado. Volta para a fazenda. Alberto comunica-lhe então que ia aproveitar a noite de São João para dar uma festa. Por que não convidava, Antônio Carlos, sua noiva? Antônio Carlos acha a idéia ótima e manda um telegrama à noiva.

★

Noite de São João. Festa no terreiro da fazenda. Música e danças quebram a calma habitual do lugar. Sílvia é agora hóspede da fazenda, mas logo percebe, com êsse instinto bem feminino, algo entre Gisela e o novo. Gisela procura então mostrar a Sílvia o domínio que exerce sobre o médico. E de tal maneira se porta que Sílvia resolve abandonar bruscamente a fazenda depois de desmanchar seu compromisso com Antônio Carlos.

Os acontecimentos se precipitam. Gisela quer fugir com Antônio Carlos, mas percebendo que êste jamais trairia o tio, vale-se de Ambrósio para executar um plano diabólico. Combina com o capataz um meio de eliminar o marido. Ambrósio lhe diria que ela ia encontrar-se com o médico no porão da casa velha e quando Alberto chegasse Ambrósio o mataria.

O plano é posto em execução. Ambrósio oculta-se no porão. Pouco depois chega Alberto, mas desconfiando de qualquer coisa êle toma cuidado e não tarda a descobrir o capataz oculto num canto. Surpreendido Ambrósio saca de um punhal e golpeia de morte o patrão. Êste ainda tem tempo de atirar em Ambrósio.

Pouco depois chegam ao porão Gisela e o médico. Ao ver aquêle quadro trágico, Antônio Carlos fica sem saber o que fazer no primeiro momento. Mas logo reage e procura salvar Alberto porque Ambrósio já não precisava mais dos seus cuidados. A bala lhe atravessara o coração. Pagara com a vida sua infame traição.

Antônio Carlos procura salvar o tio, mas em vão... Êste antes de morrer confessa que fôra êle o assassino de Leonor. Sim... para casar com Gisela, aumentara a dose do sedativo que ela tomava. Só Ambrósio sabia disso porque o surpreendera no ato.

★

Gisela agora está livre do marido. A janela do casarão espera que Antônio Carlos volte para levá-la para bem longe dali como prometera. Mas o médico conversa com seu colega, o velho dr. Menezes a que se habituara a contar seus conflitos íntimos. Gisela está louca... Essa é a dolorosa verdade. Êle percebera isso na noite da morte do tio. Mas era melhor assim porque senão teria que entregá-la à polícia como cúmplice da morte do marido...

Gisela vê Antônio Carlos voltar. Corre feliz ao seu encontro. O médico a trata carinhosamente e a conduz para o carro que a deve levar dali... não para a felicidade com que ela sonha ao lado do homem que realmente ama, mas para a enfermaria de um santório... porquê aquela jovem ambiciosa que tantas tragédias espalhara à sua volta encontrara afinal um pouco de paz na loucura em que mergulhara para sempre...

A MAIOR PROVA...

(Cont. da pág. 44)

çou, logrando alcançar, definitivamente, a quarta colocação.

ZDRAVKO CERAJ, outro iugoslavo, atuou bem, dando-nos, juntamente com Mihalovitch, uma amostra do atletismo iugoslavo, do qual pouco conheciamos. Mereceu o quinto e honroso lugar, que lhe custou fibra, resistência, capacidade técnica e muito vigor.

A SENHORA NEIGEON

(Cont. do número anterior)

Ela ainda hesitou um segundo. Depois, corajosamente.

— Como queira. Aqui está tão escuro. E' verdade que as palavras não têm côr.

E sentou-se a meu lado. Eu me sentia desfalecer. Então chegara a hora! Mais um minuto e eu lhe tomaria as mãos. Enquanto isso, sempre muito à vontade, ela continuava a falar com sua voz limpida que nenhuma emoção alterava:

— Não lhe agradecerei com frases feitas. O senhor nos deu uma boa ajuda, sem a qual teriamos levado a pior.

Eu não estava em condições de interrompê-la. Tremia e exortava-me à audácia.

— Aliás, entre nós, as palavras são inúteis — continuou ela. — O senhor sabe, fizemos um trato...

Ria ao dizer isso. Êsse riso decidiu-me sùbitamente. Agarrei-lhe as mãos, e ela não as retirou. Eu as sentia muito pequenas e cálidas nas minhas. Ela as abandonava amistosa, familiarmente, enquanto repetia:

— Sim, não é? Cabe-me agora cumprir a minha parte.

Ousei, então, forçá-la, tirar-me as mãos para colocá-las em meus lábios. A sombra aumentara, sôbre nossas cabeças devia estar passando uma nuvem; embriagava-me o cheiro forte da relva, naquele refúgio de folhagem. Mas, antes de meus lábios pousarem em sua pele, ela desprendeu-se com uma fôrça nervosa de que eu não desconfiava, e por sua vez agarrou-me fortemente pelos punhos. Segurava-me, agora, sem cólera, com a voz sempre serena, um pouco exprobativa, contudo.

— Vejamos, não cometa infantilidades, — disse. — Eis o que eu temia. Permite-me que lhe dê uma lição, enquanto o tenho aqui, num cantinho?

Tinha a seceridade sorridente de u'a mãe que censura um garôto.

— Desde o primeiro dia compreendi perfeitamente. Disseram-lhe horrores a meu respeito, não é?... O senhor esperou coisas e desculpo-o, porque não sabe coisa alguma sôbre o nosso mundo; chegou a Paris com as idéias desta terra de lôbos... Depois, ainda, pensa que a culpa é um pouco minha de o senhor se haver enganado. Eu deveria fazê-lo parar, e o senhor se teria retirado a uma palavra minha. E' verdade, não pronunciei essa palavra, deixei-o prosseguir, deve-me considerar uma faceira abominável... Sabe por que não disse tal palavra?

Gaguejei. A surprêsa de semelhante cena me paralisava. Ela me apertava ainda mais os punhos. E acudia-me, falando-me tão juntinho que eu lhe sentia a respiração em meu rosto.

— Não lhe disse, porque o senhor me interessava e eu lhe queria dar essa lição... Ainda não compreende, mas refletirá e adivinhará. Caluniam-nos muito. Talvez façamos tudo que é necessário para isso. Apenas está vendo, há as que são honestas mesmo entre aquelas que parecem as mais loucas e as mais comprometidas... Tudo isso é muito delicado. Repito-lhe que refletirá e que compreenderá.

— Solte-me — murmurei todo confuso.

— Não, não o soltarei... Peça-me perdão se quer que eu o solte.

E, apesar de seu tom de graça

senti que se irritava, que lhe subiam aos olhos lágrimas de cólera, sob a afronta que eu lhe fizera. Um sentimento de estima, verdadeiro respeito por essa mulher tão encantadora e tão forte, avultava em mim. Sua graça de amazona em suportar virtuosamente a imbecilidade do marido, sua mistura de faceirice e de severidade, seu desprêzo pelos maus conceitos e seu papel de homem de casal disfarçado pelo estouvamento de sua conduta, faziam dela uma figura muito complexa que me infundiam consideração.

— Perdão ! — disse eu humildemente.

Ela me soltou. Levantei-me logo, enquanto ela continuava tranquilamente no banco, nada mais receando da obscuridade, nem do cheiro perturbador das folhagens. Recuperou sua voz alegre, dizendo:

— Agora, volto ao nosso trato. Como sou muito honesta, pago minhas dívidas... Olhe, aqui está sua nomeação para secretário de embaixada. Recebi-a ontem de noite.

E, ao ver que eu hesitava em segurar a sobrecarta que ela me estendia:

— Mas, — exclamou com uma ponta de ironia — parece-me que agora o senhor bem pode dever uma fineza a meu marido.

Tal foi o desfecho de minha primeira aventura. Quando saímos da ramada, Felix estava no terraço, com Gaucheraud e Berta. Mordeu os lábios ao me ver chegar, segurando a nomeação. Sem dúvida estava a par de tudo e zombava de mim. Tomei-o à parte para lhe exprobar amargamente o me haver deixado cometer semelhante falta; mas êle me respondeu que sòmente a experiência formava a mocidade; e, como eu lhe indicasse Berta que caminhava à nossa frente, interrogando-o também quanto a essa, êle levantou os ombros de maneira muito significativa. Sendo assim as coisas, devo confessar que, apesar de tudo, ainda não compreendo muito bem a estranha moral do mundo, onde as mulheres mais honestas têm condescendências singulares.

O que me proporcionou o último golpe foi saber, pelo próprio Gaucheraud que meu pai os convidara a êle e sua mulher, para virem passar três dias no Boquet. Felix voltara a sorrir ao nos comunicar que regressava a Paris no dia seguinte.

Então, fugi, pretextei haver prometido formalmente a meu pai estar de volta para o almôço. Já estava no extremo da avenida, quando avistei um cavalheiro num cabriolé. Devia ser o sr. Neigeon. Por minha fé! prefiro haver deixado de me encontrar com êle mais uma vez. Domingo, Gaucheraud e sua mulher virão instalar-se no Boquet. Que penitência!

SANTOS PAGAVA . . .

(Cont. da pág. 55)

de pôr em atividade no dia seguinte. Foi preciso fazer barulho para acordá-lo e desse pela nossa presença e a do fotógrafo.

Indagamos da "mordida" e êle mostrou que, no seu rosto, já não havia mais vestígio dos pontos. A "dentada de Tórbis" não fôra bem uma dentada. Caíra no chão, e levou um chute na cara, não sabe de quem.

— E verdade, indagamos, que as suas "viúvas" foram procurá-lo à saída do vestiário para consolá-lo?

— Esta história de "viúvas" não passa de uma brincadeira do cronista Geraldo Romualdo para fantasiar os fatos pitorescos do futebol a meu propósito. Tenho apenas uma namorada e por sinal atleta do Botafogo. Namoro, como todo mundo, e não possuo nenhum "harem". Casar, por enquanto, não; mais tarde é possível!

— Você aceitaria trabalhar no cinema nacional, fazendo papel de galã? — perguntamos.

— Êsse negócio de cinema é bom para o Oswaldo, do Bangu; êle, sim, é que tem pinta de galã de Hollywood.

Nilton Santos conta 25 anos, é carioca e nasceu na Ilha do Governador, a 16 de maio de 1926. Começou a jogar no Flecheiras, um time da ilha, onde pagava cinco cruzeiros por mês para poder tomar parte nas partidas. Servindo na Aeronáutica, foi visto jogar pelo Major Honório, que o encaminhou a seu tio, Bento Ribeiro, paredro do Botafogo. Foi a General Severiano, aprovou e lá ficou. Estreou em 1948, num jôgo contra o São Cristóvão. A sua primeira partida no time de profissionais foi aquela em que o Botafogo perdeu no seu campo para o São Cristóvão de 4x0, e depois o time nunca mais soube o que era derrota, sagrando-se campeão carioca.

Nilton Santos, além de zagueiro, jogou de centro-médio e de meia-esquerda, e é esta última posição a que mais aprecia. Joga o que sabe, ninguém lhe ensinou como atuar. Espera ainda disputar por mais cinco anos. O seu companheiro ideal de zaga é o mineiro Gerson, que andou jogando na Colômbia, e que no ano passado retornou ao Botafogo, formando com Santos e Oswaldo o trio final mais seguro do campeonato, conforme atesta a estatística das defesas. Em 20 jogos, só deixaram passar 19 "goals".

Aqui vai uma revelação: Santos, antes de jogar no Botafogo, era fã ardoroso do Flamengo. Os técnicos que mais aprecia são Flávio Costa e Zezé Moreira, sob cuja direção sagrou-se campeão de 48.

A sua maior emoção foi quando marcou um "goal" contra o América, ainda em 48, e a maior decepção a perda da Copa do Mundo. Mas revela que, se ainda fôr o titular em 1954, espera sagrar-se campeão do mundo, no certame que será disputado na Suiça.

Entre os esportes, prefere o volei e a pelada de praia. No cinema, seus astros preferidos são Dorothy Lamour e Clark Gable e, no rádio, aprecia Cyro Monteiro e Nora Ney, cantora do Copacabana-Palace.

Já ganhou até hoje em futebol 200 mil cruzeiros, mas espera aumentar essa quantia em agôsto, quando termina o seu atual contrato com o Botafogo. Quando encerrar a sua carreira como profissional, voltará ao comércio, e à Ilha do Governador, para tornar a defender as côres do Flecheiras, se ainda houver uma vaga no time.

Tem um irmão, Nilson, que é também do futebol. Joga na Ilha do Governador, mas Santos pretende vê-lo algum dia defendendo as côres do Botafogo.

QUEM DEU O. . .

(Cont. da pág. 11)

mais alto e muito mais pesado. Sua vitória torna-se ainda mais brilhante quando nos lembramos que, no box daquela época, a luta e outros muitos golpes corpo a corpo eram permitidos. A peleja durou uma hora e quinze minutos, com 62 «rounds», mas é preciso que se saiba que cada «round» terminava desde que houvesse uma queda ou empurrão e assim a sua duração era muito variável e havia sempre um descanso de trinta segundos. Em 1791, quando Johnson foi vencido no campeonato por Benjamim Brain, o box já havia readquirido o seu prestígio e entre os praticantes dêste esporte encontravam-se alguns já famosos como Mendonza, Humphries e Jackson. O esporte progredia, mas de maneira diferente. O método de preparar as mãos com certos ingredientes para endurecer a pele já estava sendo adotado e a palavra «ring» já era usada com freqüência, quando se referia ao «quadrado central» onde se travava a competição. Ninguém sabe, ao certo, a origem da palavra «ring» neste sentido. Todavia, parece que vem da denominação do «Ring», em Hyde Park, fundado em 1723 por ordem de George I. O «Ring» era limitado por árvores e uma cêrca, situado a trezentas jardas de Grosvernor Gate e tornou-se o local predileto dos conflitos inesperados entre os «juizes» e os «portadores de archotes» daquela época. A expressão «ir ao ring» era o mesmo que a área onde os homens lutavam a socos e assim a palavra «ring» entrou para o vocabulário do box.

Em 1792, quando Brain começou a declinar por causa do seu estado de saúde, o título de campeão passou para Daniel Mendoza, de Whitchapel, e o cabeça da longa lista de grandes «boxeurs» de origem judaica, que ainda hoje existe. Mendoza era completo e tinha personalidade. Homem de boa conduta, embora de fôrça muscular deficiente e pouca estatura, era o mais perfeito «boxeur» científico.

Melhorando a técnica de Broughton e o movimento inicial de pés de Tom Johnson, Mendoza criou um estilo de box diferente e mais rápido. Aboliu o sistema de atacar com um braço e defender com os dois e com grande facilidade. Foi também o iniciador da tática de avançar e recuar, ora com o pé direito, ora com o esquerdo, sempre com um punho em riste, conforme a situação do momento. Segundo o método moderno seu sistema era vagaroso, mas não se pode negar que fôsse metódico. Mendoza escreveu um livro sôbre o box, foi professor e fazia exibições para demonstrar o seu estilo, que passou a ser o da moda.

Mendoza foi descoberta do pugilista Richard Humphries, que o viu brigando na rua, quando tinha apenas 16 anos. Humphries ficou tão impressionado que o inscreveu, poucos dias mais tarde, numa luta contra um homem já feito. Humphries treinou Mendoza e quando os espectadores o chamavam para dar instruções a Mendoza, durante o desenrolar da luta do judeu noviço, sua resposta era: — «Não é preciso, o garôto sabe mais do que nós todos o que que tem a fazer». E o que disse era a pura verdade.

Mendoza saiu vencedor e mais tarde teve que enfrentar o próprio Humphries, como adversário principal. Lutaram diversas vêzes, ora vencia um, ora outro, até que por fim Mendoza revelou-se o melhor dos dois.

O ADVENTO DE JACKSON

Justamente nessa ocasião, o Principe de Gales começava a se interessar pelo box e ficou muito entusiasmado com Mendoza mas, em junho de 1788, no Smitham Botton, perto de Croydon, êle deu dinheiro a um outro jovem «boxeur», chamado John Jackson, para que êste vencesse a primeira luta e mais tarde congratulou-se com o homem que estava destinado a bater o famoso judeu.

Nessa ocasião, Jackson contava apenas dezenove anos e foi extraordinária a influência que lhe deu o futuro no box. Vindo de um meio familiar superior ao de qualquer outro pugilista, Jackson era filho de um conhecido construtor de Londres e seus tios eram lavradores prósperos. Era um rapaz muito bem proporcionado, tendo 5 pés e 11 polegadas de altura e pesando 84 quilos e, além de exímio no box, era também um atleta perfeito, de grande futuro. Moço muito inteligente, digno e extremamente simpático, foi esta última qualidade que muito concorreu para o seu futuro na carreira de pugilista.

Só em 1795 teve oportunidade de enfrentar Mendoza, em Hornchurch, em Essex, e, embora a pugna estivesse terminada em onze minutos, não deixou de ser emocionante. Foi levantado um tablado de 24 pés num local que acomodava três mil espectadores, dentre os quais encontrava-se o Duque de Hamilton acompanhado de outras personagens eminentes.

A DERROTA DE MENDOZA

Antes da luta e até o final do terceiro «round» o movimento de apostas era favorável a Mendoza, com pequena vantagem, mas depois do quarto «round» a situação mudou. Eis o que diz uma testemunha dêste round mais difícil e o mais disputado. Jackson parecia desdenhar das manobras do antagonista, seguia-o resoluto e aplicava-lhe golpes tremendos, sendo que um dêles fêz Mendoza ir ao chão e com o ôlho direito sangrando muito. Daí em diante Jackson dominou completamente a situação.»

No «round» seguinte, Jackson agarrou o judeu pelos cabelos com uma das mãos e com a outra esmurrava, quando se ouviram gritos de «foul». Como o regulamento de Broughton nada dissesse sôbre o fato e esta tática já tivesse sido aplicada em outras lutas anteriores, os juizes nada puderam fazer, considerando o golpe lícito e Mendoza logo depois teve que se dar por vencido.

John Jackson era agora o campeão com um grande futuro diante de si, mas não como pugilista praticante. Êle e seus contemporâneos regeneraram o box e assim foi iniciada a grande era dêste esporte.

Na próxima semana:

OS AUREOS DIAS DO «RING» DO BOX SAO INICIADOS. PATROCINADOS PELOS CORINTHIANS, BEL-CHER, PEARCE, GULLY E CRI... TORNAM-SE CÉLEBRES NO PA...

Respostas ao teste

1—Júpiter
2—França
3—Uma milha
4—Trigonometria
5—Alá
6—Azul
7—Antologia
8—Gondoleiros
9—Alienistas
10—Por ter descoberto o Polo Sul
11—Décimo sexto (1861-1865)
12—Na batalha de S. Luís de Tenerife
13—Noruega
14—No de Campos Sales
15—Nova York.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 23 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ ...

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 1649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

O GOSTOSÃO DO BOTAFOGO

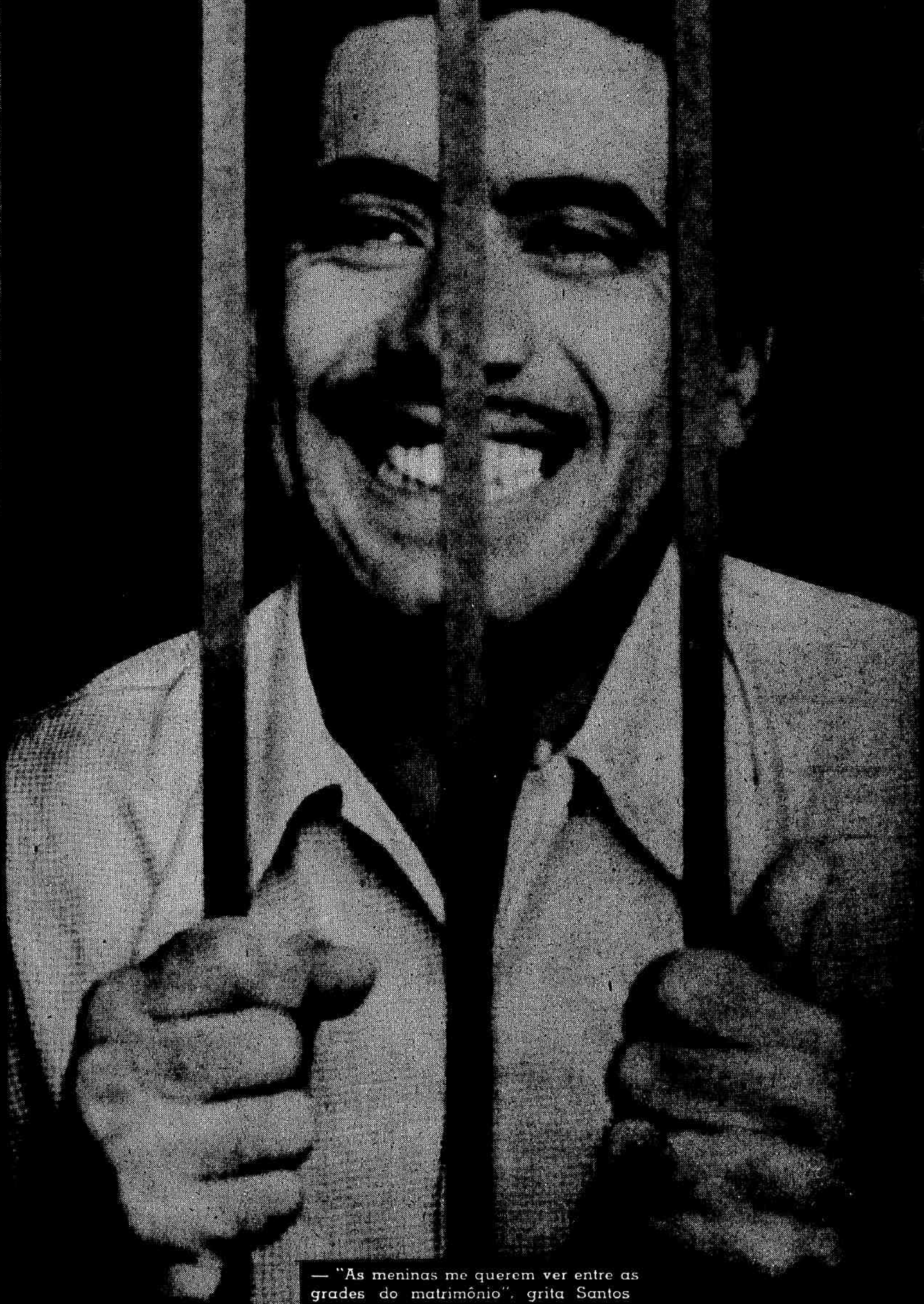
SANTOS PAGAVA PARA JOGAR!

UMA "MORDIDA" QUE NÃO FOI "MORDIDA" ★ A HISTÓRIA SECRETA DAS "VIÚVAS" DO SANTOS ★ ENTRE OS DEZ "BONITÕES" DO BRASIL ★ FOI "TORCEDOR" DO FLAMENGO

Reportagem de LEVY KLEIMAN   Fotografias de JOSÉ SANTOS



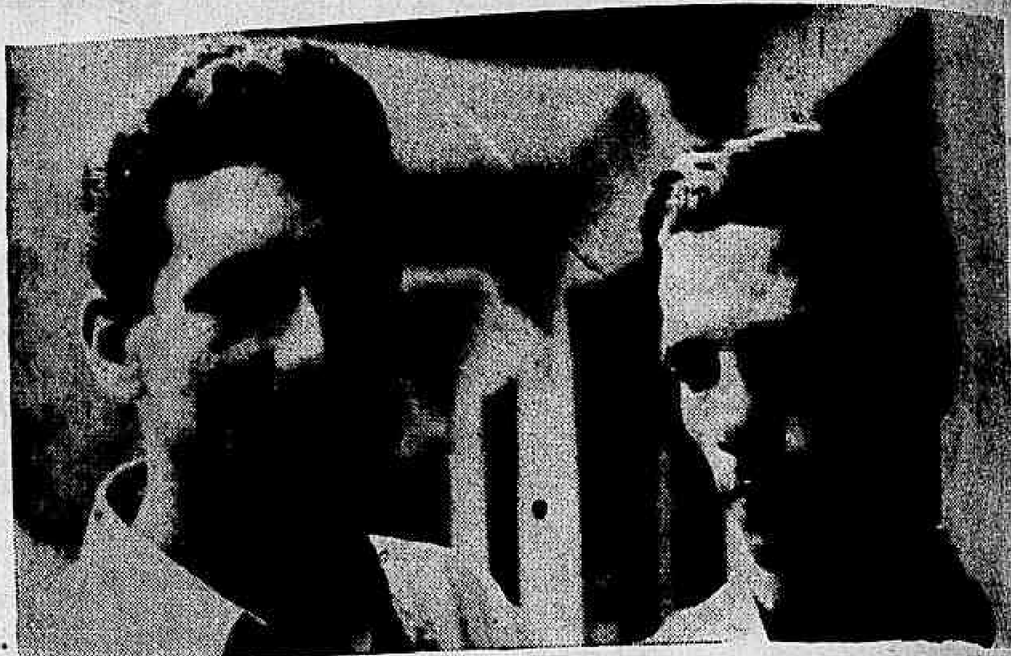
Santos vive d... padam... A clássica re... zagueir...



— "As meninas me querem ver entre as grades do matrimônio", grita Santos



Êle gosta de araras, mas à distância.



Santos e seu companheiro ideal, Gerson.



Êle não fêz segredos ao repórter...



Cuidando da sua perna, é seu ganha-pão.

Num belo «Cadilac». Mas Santos não quer dirigir.



SANTOS PAGAVA . . .

UM nome que vem sempre figurando no cartaz futebolístico dêstes últimos três anos é, sem dúvida alguma, o zagueiro Santos, considerado o melhor jogador de sua posição.

Ainda recentemente, Santos voltou a ser focalizado em virtude de uma "dentada". Durante o jôgo Botafogo x São Cristóvão, disputado no campo do primeiro, verificou-se um incidente entre o centro-avante Pirilo, famoso pelos seus socos invisíveis, e o goleiro Luís Borracha, que redundou em um conflito no qual foi preciso a intervenção da Polícia Especial. Durante as brigas no gramado, o zagueiro Santos foi visto cair sem sentidos no campo. Constatou-se depois um ferimento na face do jogador, que teve de ser suturado com quatro pontos. As emissoras espalharam pelos quatro ventos que Santos havia sido mordido pelo zagueiro Tórbis, do São Cristóvão, um dos que mais brigaram no tapête verde, constituindo-se uma revelação pugilística da temporada. Um cronista esportivo, na sua seção de assuntos pitorescos, a propósito da mordida, escreveu que as "viúvas de Santos ficaram inconsoláveis nas arquibancadas..."

Foi a propósito da "mordida" e das "viúvas" que procuramos ouvir Nilton Santos, a quem a médica Maria de Lamaignére, respondendo à "enquête" de uma revista, classificou entre as dez belezas masculinas do Brasil, e de personalidades mais atraentes. Nessa lista figuravam Érico Veríssimo, Eleazar de Carvalho, Paulo Sampaio, Jardel Jércolis Filho, Rodolfo Mayer, D. João de Orleans e Bragança e outros. A propósito de Santos, assim se expressou a médica, que encarnou "Dora", uma caçadora de bonitões endinheirados, na peça "Manequim", de Henrique Pongetti: — "Ás de futebol, Santos conquista com o sorriso e a fala mansa mais que com seus pés de campeão. Tem 1m.80 de altura".

O repórter receiou galgar Santa Teresa no seu pequeno carro para encontrar a concentração do Botafogo, em vésperas do jôgo com o Flamengo, no qual saiu vitorioso o time de Santos. Num hotel, cuja vista domina a cidade, fomos ouvir o nosso personagem. Vasculhamos quarto por quarto e, afinal, encontramos aquêle em que se achava Santos. Lá estava, dormindo a sono sôlto, com o pé colocado num aparelho de ondas elétricas, submetendo-se a um tratamento revigorador dos músculos que teria

(*Cont na pág.* 51)



Sob as vistas do médico Paes Barreto, durante a vitoriosa campanha de 48, Santos verifica pelo pêso que está em forma.



A garotada o elegeu como um dos seus ídolos.



Andar de bicicleta é um dos seus prazeres.

TUDO ISTO A

A TRAGÉDIA DAS ENCHENTES — Soldados franceses, italianos, inglêses e alemães dos corpos de engenharia acorreram para os serviços de salvamentos de centenas de italianos situados pelas águas dos rios do norte do país nas últimas inundações de proporção catastrófica. Os socorros se dirigiram para o setor dos desaparecidos, e aqui vemos o corpinho de uma criança morta por afogamento no turbilhão das águas, ao ser colocada num esquife a fim de ser-lhe dada sepultura em Frassinelle.

NOSSA SENHORA SURREALISTA - O pintor espanhol Salvador Dali mostrando à sua espôsa o modêlo, sua «Madonna di Port Lligat», exposta, com muitos outros quadros, na Galeria Lefevre de Londres. O pintor iniciou êste quadro depois que fizera uma visita ao Papa. Notem-se as posições de suspensão da Virgem e do Menino Jesus, que estão flutuando no ar, sem qualquer apoio, contrariando as leis da gravidade. O surrealismo revolucionado a pintura e a grande tela de Dali subverteu a Arte Religiosa.

O engano de Truman

NÃO é de hoje o noticiário sôbre a candidatura do general Eisenhower para a sucessão de Truman. Desde que o bravo soldado conseguiu tôdas as glórias na Europa, contra os exércitos de Hitler, o povo dos Estados Unidos ficou com o seu nome em mira para dirigir a grande nação do norte dêste hemisfério. Mas Eisenhower nunca se mostrou interessado na história, e, por algumas vêzes negou que estivesse com tais sonhos. Contudo, quanto mais se aproximava a data para as eleições presidenciais do sucessor de Truman, tanto mais se agitava a opinião pública e a dos políticos norte-americanos em favor da eleição de Eisenhower. Dentre os mais entusiastas propagadores dessa eleição estava o próprio presidente em exercício, Mr. Harry S. Truman. Era, ao que parecia, o eleitor número um do grande cabo-de-guerra, e achava que o nome dêle seria uma escolha ímpar em favor dos Estados Unidos. Mas o velho Ike estava lá pela Europa, numa dobadoura dos diabos, às voltas com a organização do exército europeu sob sua chefia. Conferenciando com chefes de Estados Maiores de vários países do Velho-Mundo, êle pouco se lembrava de campanhas políticas em sua terra. O seu nome, porém, crescia cada vez mais e a nação inteira procurava sondar-lhe o ânimo. Foi então que surgiu uma novidade em que Mr. Truman jamais pensara: a que partido pertencia Eisenhower? Ao Democrata? Ao Republicano? E quando o próprio Ensenhower declarou que era "republicano", Truman sofreu grande decepção, pois sempre lhe disseram que o seu candidato era "democrata". Mas que mancada!

Divórcio aos 90 anos

JULIUS Bonikowski, com seus noventa janeiros puxados a gancho, vivia em paz com sua querida espôsa Júlia, que também já era balzaqueana de [illegible] potência, isto é, contando seus [illegible] de vida. Mas um dia chegou ao [illegible] de Mrs. Bonikowski que seu [illegible] estava de amôres com uma rival. [illegible] possível? Júlia, de começo, não [illegible]tou. Não podia ser. Julius não [illegible] mem para tamanha estravagância, [illegible] com aquela idade, não poderia mais [illegible]tir-se à vontade para entreter aventuras amorosas com mulheres. E qual a [illegible] de Eva que iria engraçar-se de um [illegible]dadão com quase um século de existência real na Natureza? Só uma débil [illegible] poderia deixar-se seduzir por um [illegible]tudinário. E Mrs. Boni continuou a [illegible]dinha habitual ao lado de seu centenário espôso. Entretanto, não se sabe se por que estivesse ela impressionada, [illegible]tionada, ou se pelo fato de ter notado indícios da falta conjugal em seu [illegible]lhíssimo velhinho, o fato é que a coisa veio a furo e estourou. Os ânimos se azederam e os dois ficaram separados, em amuos de jovens namorados. [illegible] requereu divórcio, alegando em juízo que a espôsa o injuriara e estava [illegible]rada dêle sob falsa acusação. O juiz apreciou o feito e concedeu o divórcio. Mas exigiu que Mr. Bonikowski entregasse à espôsa a importância de $ 250,00 (duzentos e cinqüenta dólares) que era tôda a sua fortuna. Entrevistado pelos jornais, o macróbio declarou que jamais mantivera relações com outra mulher fora do lar e que agora vai passar uma boa temporada solteirinho da silva. Depois... procurará casar-se!

Um milagre

O bom e ativo padre Alberto, vigário de Boa-Viagem, no Estado do Ceará, desde muito que sonhava com a posse de um "jeep" para suas viagens sacerdotais. Ouvir em confissão nas últimas, a um pobre enfêrmo, mas, para isso ser forçado a viajar em lombo de burro, ou dar longas caminhadas, é chegar mais morto do que vivo à cabeceira do moribundo. Por isso o bom sacerdote sonhava com uma coisa tão fácil aos que dispõem de dinheiro: um jipezinho corredor. Só um milagre o salvaria, pois, pobre como é, e tímido para implorar créditos, não via outro caminho. Dirigiu-se a N. S. do Perpétuo Socorro e rogou à Virgem Santa que o ajudasse. No dia seguinte espalhou-se pela cidadezinha que Nossa Senhora estava falando, andando, ouvindo os fiéis na igreja do padre Alberto. Como não podia deixar de ser, houve sensação e muita gente foi ver o milagre. Não havia dúvida! Era a imagem da Santa que [illegible]tava viva, bolindo, falando, respondendo, andando, numa demonstração de [illegible]ternidade para com a pobre humanidade. Mas o padre pedia que, todos que desejassem falar à Imagem Viva, deixassem numa bandeja a pequena espórtula de um cruzeiro. Não era por nada, e sim porque a paróquia [illegible] pobre, e êle ainda mais pobre do que a paróquia. Ninguém se escusou, [illegible] cruzeiros iam caindo numa chuva incessante. Muitos, por falta de trôco, [illegible] deixando mais. O padre recolhia as dádivas duas vêzes por dia. [illegible] estava com onze mil cruzeiros, importância exigida por um vendedor de Boa-Viagem, [illegible] descobriu-se que a Santa era uma jovem recentemente chegada a Boa-[illegible] e muito parecida com a imagem. Acabou-se a "manifestação", mas o [illegible] se deu, e o padre declarou: "Os objetivos dos pescadores de almas são muito elevados e tudo justificam".

ACONTECEU

O cinema vai desabar!



O cinema "Gu[illegible]nabara", em Botafogo, esquina de rua da Passagem, funciona em edifício muito velho, embora de construção sólida. Não sendo "lançador", ou de primeira linha, os ingressos são mais baratos. Quase sempre está cheio, e fica irrespirável quando levam filmes bons, especialmente os nacionais com Oscarito. Todos ainda se lembram o que foi a afluência para ver "O Ébrio", película que bateu recordes de bilheteria naquele cinema. Pois foi num cinema dêsses, superlotados, com centenas de crianças e mulheres, que um cidadão achou de fazer uma pilhéria que merecia a mais severa punição. O caso começou entre o "vagalume" Osvaldo dos Santos e um vendedor de balas, João Batista Nogueira, quando ambos principiaram a discutir por um motivo qualquer os ânimos se exaltaram entre os dois rapazes e um terceiro, cujo nome não sabemos se ficou apurado, gritou aflito: "O cinema vai desabar!" Não se esperou por outro brado de alerta, e tôda aquela multidão que enchia as dependências da casa se ergueu e correu, violentamente em busca das saídas, aliás apertadas e insuficientes para dar vasão a casos dessa natureza. Algumas pessoas caíram e receberam pisadelas um tanto fortes. O pânico foi geral, com gritos e exclamações por tôdas as partes, como se, em verdade, as vigas já estivessem estalando para a desagregação do edifício. Felizmente, tudo não passou de uma pilhéria de muito mau-gôsto. Contudo, serviu o episódio para mostrar como são despidas de meios de evacuação rápida as nossas casas de diversões. Especialmente as mais modestas.

Massacre de crianças

ACONTECEU em Roma no dia 10 de janeiro de 1952. Não pensem que há êrro de datas e estejamos trocando o episódio doloroso e cruel da matança dos inocentes ao tempo de Herodes. O caso se passou agora na capital italiana. Os receptores de rádio começaram a captar de uma emissora a dramática atividade criminosa de vários "gangsters" que invadiram a Cidade Eterna e estavam cometendo os maiores desatinos. Casas comerciais eram invadidas; bancos saqueados; bares violados e seus ocupantes assassinados. Um clamor. Numerosos ouvintes se assustaram. O susto se transformou em pânico e os vizinhos se reuniram alarmados. Telefonaram à polícia pedindo socorro. As fôrças saíram à rua para dar combate aos malfeitores que, como hunos do século XX, comandados por um novo Átila, estavam atacando Roma de maneira incrível. A cidade se alvoroçou com a mobilização de fôrças em patrulhas bem armadas de metralhadoras e carros blindados. Mas não havia nada de anormal em Roma. Então tudo se esclareceu. Não havia salteadores nas praças e ruas da cidade de Rômulo e Remo e sim a irradiação de um filme norte-americano de "gangsters" a título de propaganda. As autoridades pediram esclarecimentos à emissora que estava causando todo êsse pânico e de lá disseram que tudo não passava de fita... O caso se parece com aquêle outro levado a efeito, há uns doze anos, pelo Sr. Orson Welles, quanod alarmou os Estados Unidos com sua dramatização de um ataque de marcianos contra a Terra, com a invasão de Nova York e de outras cidades americanas.



Só para mulheres





ORIGINAL companhia cinematográfica acaba de ser fundada na capital de S. Paulo. Consta de duas grandes seções: "Terras do Brasil" e "Índios do Brasil", para seus estúdios. Mas, a originalidade da novel emprêsa está em que não há em sua administração e em qualquer de suas seções, qualquer traço de homem. O homem não foi convidado para ocupar nenhum cargo. Sòmente os galãs podem ser do sexo forte, como não podia deixar de ser. Fora disso, tudo ali é dirigido, fiscalizado, organizado por mulheres. De quem nasceu essa idéia única no país? De duas jovens: Tânia Simões e Edla Caldeiro e tem a mesma uns três anos de incubação. Essas duas jovens, há mais de 36 meses, vêm sonhando com uma companhia de filmagem fundada, organizada e dirigida por mulheres. Exclusivamente mulheres. Mas, como uma ou duas andorinhas não po-dem fazer "verão", elas conseguiram interessar outras mulheres entusiastas e heias de confiança no futuro do cinema nacional, recebendo ajuda e cooperação decisiva para o bom êxito de sua tentativa. A cabeça principal dessa rganização feminina para a indústria do filme é Tânia Simões. E já estão roduzindo filmes; inicialmente "shorts", para ir habituando as corajosas andeirantes; mas já se julgam capazes de ampliar seus trabalhos e vão filmar s de longa metragem e devidamente posados. Tânia pode ser, assim, a primeira ineasta do Brasil a realizar uma obra de envergadura, capaz de influir no anorama cinematográfico brasileiro. Não sòmente se prova que é possível zer filme de argumento nesta terra, como fica perfeitamente comprovado que mulheres são boas administradoras.



DESTRUINDO CORPOS PUTREFATOS — Um dos grandes problemas depois que as águas das enchentes se foram escoando nos vales do norte da Itália, foi o de dar fim à imensa quantidade de corpos de animais já em completo estado de putrefação. Não era possível enterrá-los todos, e as autoridades tiveram que recorrer à ação do fogo, de cal viva e do fenol, pois muitos animais de grande porte, em face da grande quantidade dágua ingerida, resistiam à ação dos lança-chamas. Aqui uma cena no Polesine.



DECADÊNCIA DA NOBREZA — Êste é o Marquês Luigi Gonzaga di Gaufredi, visconde de Marselha, descendente de Henrique IV, Luís XIII e Luís XIV. Tendo perdido seu patrimônio de 50 milhões, foi ser exportador de sardinhas. Em seguida, desenhista de roupas de banho. Depois, passou a ser «book-maker». Não acertando a vida em nenhuma dessas profissões, foi tocar e cantar num célebre cabaré de Montmartre, denominado «La Pergola». Pela sua expressão fisionômica o aristocrata não está descontente.

A REVISTA Há 50 Anos

(Domingo, 26 de janeiro de 1902)

POR ÊSSE MUNDO

— Foi dado o nome de Santos Dumont a uma das novas ruas de Saint Cloud, perto do Aero-Clube.

— Em um concurso de beleza realizado últimamente em Nova York, alcançou o primeiro lugar uma moça cega chamada Clara Proult.

— De março de 1900 a março de 1901 consumiram-se na Inglaterra 6.454.155.180 litros de cerveja e 205.238.150 litros de álcool, sob diversas formas. Os primeiros produziram para o erário público mil contos de réis e os segundos perto de seis mil. Como rende a bebida!

— Durante o mês de agôsto deram-se na França 34 greves em que tomaram parte 5.240 operários.

TEATRO DA GUERRA

X..., que é partidário fanático da paz, está lendo as notícias do teatro da guerra sul-africano e exclama:

— O teatro da guerra! Êsse sim é que deveria arder e não tornar a ser construído



Reprodução da cena do bárbaro crime que teve por teatro a casa nº 4 da Travessa de S. Domingos

MARIDO JORNALÍSTA? OH!

MINHA boa amiga: E' provável que quando receber estas linhas nem talvez já se lembre da carta que as inspirou. São passados dois meses, dois longos meses e nesta azáfama de fim de ano, não me foi possível responder-lhe logo. Não sei mesmo se ainda está no Rio. Só uma vez, que me lembre, passou longe de Paris essa medonha estação. E nesse tempo, motivos muito graves, afeições muito sérias prendiam à linda Guanabara, tão desfeiteada pelos srs. intendentes. Hoje... que lhe importa, não é verdade?

Trata-se de um caso psicológico para o qual lhe pareceram úteis os meus conhecimentos... profissionais. Sua filha, a encantadora Laurinha, ama apaixonadamente um jornalista e quer casar com êle. O meu prezado colega, naturalmente tem consumido em cativá-la o melhor dos seus recursos de prosador e de poeta. Sua filha é uma romântica. Qual a mulher que não adora Musset! A minha boa amiga, que desconfia instintivamente da classe, o que a não impede de estimar-me com tôda a sinceridade de uma mulher leal, não vê em bem o matrimônio. Compreendo-a, justifico-a mesmo: mas, que quer que lhe faça?

Ainda há poucos dias vi o problema discutido em uma revista britânica. Afinava pelo diapasão do "Bel-Ami", de Guy de Maupassant, e de "Femmes d'Artistes", de Daudet aliás um dos homens mais bem casados de que há memória; e era absurdo como tôda a generalização de casos isolados. O jornalista, minha boa amiga, não é nem melhor nem pior marido que outro qualquer. Ponto é que a esposa o compreenda e saiba estabelecer com êle um "modus-vivendi" aceitável. Exigir de um jornalista a existência calma, metódica e regrada de um burguês é uma impertinência singular. Cada profissão tem o seu feitio especial, as suas necessidades, as suas imposições. A de jornalista é a mais ingrata atropelada e fora de vila e têrmo. E' obrigado a freqüentar todos os meios, tôdas as classes, tôdas as virtudes todos os vícios e isto a tôdas as horas, ao sabor dos acontecimentos que não atrasam nem adiantam a sua fôrça potencial só pelo prazer de ser-lhe agradável. Isto, porém, creia não perturbará a felicidade doméstica se êle fôr substancialmente um homem de bem e ela encarar a vida a sério, sem essas impertinências infantis ou egoístas que não raro, convertem num inferno insuportável o mais belo paraíso. Salvo se a Laurinha fôr ciumenta, por que nesse caso, aconselho-lhe redondamente a que não caia em semelhante arapuca. Mulher ciumenta casada com jornalista é briga certa. "Por que veio mais cedo... Por que veio mais tarde... Por que tem pressa... Por que não tem pressa... Já sei onde estiveste!... Se julgas que me enganas, perdes o tempo... Seu sem-vergonha que não me sai dos teatros... Se eu soubesse o que me esperava nunca teria casado... Nunca sais comigo... Antes escrava!... Vida de vagabundo... O melhor não vale um níquel..." E porque torna... e porque deixa... Minha Nossa Senhora! Ouff!..."

Enfim, minha boa amiga, conselhos só se pedem para não seguir-se e quer que lhe diga o que penso? Quem sabe se a estas horas não terá já abençoado essa união?

"Casamento e mortalha no céu se talham!" — lá diz o prolóquio.

Beija-lhe as mãos o sempre respeitador

JACQUES BONHOMME.

OS TEATROS

«O deputado de saias», o último «vaudeville» levado à cena pela apreciada «troupe» de Cinira Polônio, agradou bastante. Efetivamente, a peça, a quem não fôr menos entendido, agrada: lances muito divertidos, cenas de um cômico irresistível, «qui-pro-quos» bem combinados sôbre tudo isso, ótima «mise-en-scène», vestuários luxuosos e uma interpretação impecável, tudo concorre para o pleno sucesso da peça. Mas inegàvelmente no «vaudeville» analisado em si próprio, encontram-se infinitos senões; conhece-se o quanto aquelas cenas são forçadas, aquêles lances exagerados e aquêles «qui-pro-quos» irrealizáveis; e não fôra a boa direção da Cinira e os papéis principais entregues a esta, ao Matos e ao Peixoto, a peça em vários pontos teria caído, especialmente no 3º ato que, incontestàvelmente, foi salvo pela competência dêsses três conscienciosos artistas. Enfim, superficialmente a peça é excelente e agrada muito e assim o entendeu o público que tem acorrido ao Lucinda e a tem aplaudido.

Vai entrar em ensaios nesse mesmo teatro «Quase!...», de que também dizem maravilhas.

No Recreio, nenhuma novidade: peças antigas em cena e preparativos para «Quo Vadis?»... Os demais teatros, fechados.

O Cassino Nacional, o Guarda Velha, o High-Life, o Passeio Público e o Parque Fluminense continuam concorridas.

E... só. — P.

HAVERÁ GUERRA?

— A Rússia gasta com o exército 1.291 milhões de francos; a Alemanha 969; a França 978; a Áustria 478; a Itália 380 e a Inglaterra, atualmente, 1.810 milhões...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 4 ★ 26-1-52

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 19..

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado C..., Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

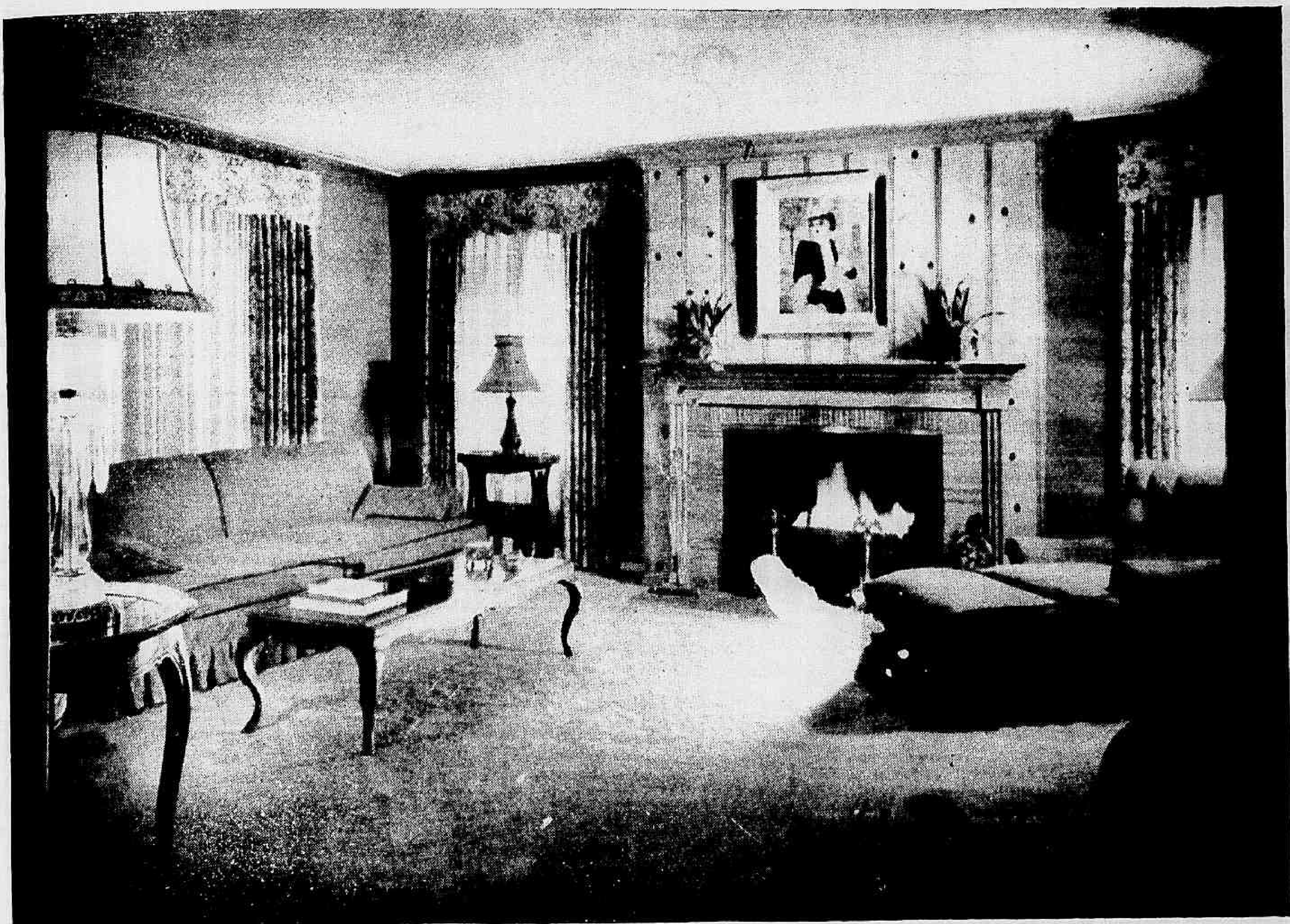
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5902 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-...

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores



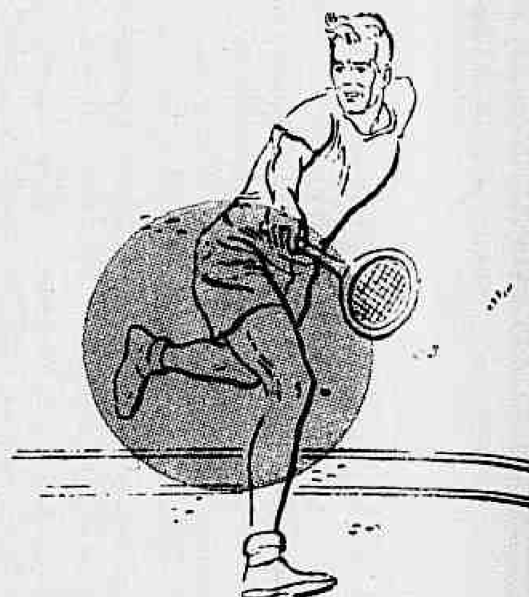
GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

sua recompensa... e nosso orgulho!





Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ